



Lídia Jorge

Antologia
de Contos

leYa

Ficha Técnica

Copyright © Lídia Jorge

Revisão: Adriana Ayami Takimoto

Diagramação: Estúdio Asterisco

Capa: Marcelo Nardeli

Imagem da capa: “Seagulls at the Baltic Sea” by slavcic/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jorge, Lídia

Antologia de contos/Lídia Jorge; Marlise Vaz Bridi (org.) – São Paulo: LeYa, 2014.

ISBN 9788544101124

1. Literatura portuguesa – Contos I. Título II. Bridi, Marlise Vaz

14-0721 CDD P869

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa

2014

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lídia Jorge contista: a face menos
visível de uma escritora maior

Marlise Vaz Bridi

Diante da tarefa de compor uma antologia de contos de Lídia Jorge, tenho de confessar uma tentação: a de propor à Editora a reunião de todos os seus contos. Aliás, de um modo geral, toda antologia aspira a ser obra completa, ao menos no gênero a que se dedica e no momento em que é concebida. Quero dizer com isso que preferia, com certeza, apresentar a reunião dos contos escritos até hoje por Lídia Jorge ao invés de ter de escolher entre eles para formar uma antologia. Claro está que isto só se dá porque o conjunto é de excelência, ainda que a escritora portuguesa seja, sem dúvida, muito mais conhecida como romancista do que como contista.

Sua trajetória literária iniciou-se em 1980 com uma obra-prima em duplo sentido: *O dia dos prodígios*, seu romance de estreia, é ainda hoje considerado um marco na ficção portuguesa contemporânea. Se o romance tornou-se uma obra canônica para os que se debruçam sobre a literatura portuguesa surgida posteriormente à Revolução dos Cravos, sua autora, uma dezena de romances depois (marca atingida com a publicação de *Os memoráveis*, em 2014, seu 11º romance), é considerada uma das mais significativas ficcionistas de Portugal, dado o número impressionante de grandes obras que assina. Para citar somente algumas, *A costa dos murmúrios*, de 1988, *A manta do soldado*, de 1998 (que, em Portugal, recebeu o nome de *O vale da paixão*) e *A noite das mulheres cantoras*, de 2011, são considerados títulos incontornáveis aos que se interessam pela literatura portuguesa contemporânea, sobretudo pelo fato de, com grande apuro de elaboração literária, enfrentar variadas questões da sociedade portuguesa que quase sempre é enformada por perspectivas menos visíveis a olho nu, o que coloca a autora em lugar destacado no panorama da ficção das últimas três décadas, tanto em Portugal como nos países que a traduziram e premiaram seguidas vezes.

É exatamente com esse pano de fundo, ou seja, como parte da obra de uma ficcionista de grandes romances, que se dá a recepção da obra de Lídia Jorge contista. Em contraste com a quantidade de romances de Lídia Jorge, os livros de contos, a rigor, são apenas três: *Marido e outros contos*, 1997; *O belo adormecido*, 2004; e *Praça de Londres*, 2008 – já que os contos do primeiro destes volumes foram publicados em volumes com outros títulos, mas se mantendo, afinal, o mesmo. Por outro lado, os livros, eles próprios, são, de certa forma, antologias, posto que, pelas informações contidas nos volumes, ficamos sabendo que foram, na maioria dos casos, primeiramente publicados em revistas, jornais e obras coletivas nacionais ou estrangeiras, antes de serem enfeixados nessas obras de Lídia Jorge.

Tal observação talvez fosse completamente impertinente se não fosse, entretanto, um fato aparentemente contraditório: cada um dos livros apresenta um eixo sutil que dá unidade aos textos e, ao mesmo tempo, o conjunto dos contos comunga intimamente com o todo de sua obra ficcional. Portanto, examinar os contos é, no mesmo compasso, ter em mira os romances da escritora, pois as estratégias narrativas de Lídia Jorge, ainda que respeitadas as diferenças que os gêneros impõem, têm sua marca e, no mínimo, são de interesse para a compreensão mais abrangente das duas faces de obra tão significativa.

Nos romances, Lídia Jorge deixa entrever mundos inteiros (nem sempre plenamente articulados); nos contos, os mundos é que se insinuam nas pequenas coisas, para iluminar, num foco, o que talvez ninguém pudesse ver senão ali (não, ao menos, daquela maneira, a partir daquela visada). A arte – e não apenas a literária, obviamente – tem essa capacidade.

Preliminarmente, é importante recordar, na companhia de um dos mestres do conto do século XX, Julio Cortázar, que conto e romance, ainda que se aproximem pelo pertencimento de ambos ao modo narrativo, são de natureza diversa em sua constituição. Em seu famoso ensaio “Alguns aspectos do conto”, Cortázar estabelece uma correlação entre a arte do romance com a do filme (enquanto cinema de arte), assim como a arte do conto, com a da fotografia. Em suas palavras, considera a arte do contista como a capacidade de construir uma narrativa que seja uma “síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”¹, ou ainda, a arte (aparentada da fotografia) “de recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido”².

Considero as agudas observações de Cortázar perfeitamente adequadas à Lídia Jorge. Em seus contos vislumbra-se, com exatidão, sua técnica de contista, em que todos os elementos constitutivos da narrativa são submetidos ao recorte realizado, de maneira que, ao vê-los engendrados no tecido da linguagem, o leitor pode aperceber-se de que o que ali se encontra aponta para além do enquadramento inicial.

O primeiro dos três volumes, *Marido e outros contos*, de acordo com o que revela a notícia sobre a origem dos textos, é inteiramente composto por contos que já haviam sido previamente publicados, até mesmo, no caso de “A instrumentalina”, em um volume separado de 1992, veiculado pela mesma editora de seus romances. Os contos, vindos à luz entre 1988 e 1996, receberam publicações esparsas e traduções para outras línguas (como, de resto, ocorreu com frequência com os romances da autora) antes de serem reunidos em livro. Tais circunstâncias talvez tenham produzido em alguns leitores (ou críticos) menos avisados a impressão de que *Marido e outros contos* reunia matéria sem um eixo ordenador (o que, diga-se de passagem, nunca foi uma exigência do gênero, ainda que tenha ocorrido e ocorra muitas vezes em tempos antigos ou mais recentes). Contrariamente, no entanto, logo que a obra é examinada com maior cuidado, resulta num conjunto coeso apesar da diversidade de tom que perpassa os contos individualmente: seja na denúncia pujante do mal feito como em “Marido”, seja nas dobras idílicas da memória de “A Instrumentalina” – apenas para indicar dois dos contos –, a visão vertical e enraizada da condição humana é o que cimenta o todo. Cada história tem suas raízes postas à mostra por sugestões delicadas e é vertida por uma arquitetura singular, que, cuidadosamente, se apropria dos recursos adequados à produção do sentido de indignação ou enlevo que as narrativas podem provocar.

Especificamente nos dois contos em questão – “Marido” e “A instrumentalina” – seria muito fácil recorrer à mera estereotipia, que, nos dois casos, claramente se desenharia como previsível: ao mau marido, a punição; ao jovem insubmisso, a liberdade. Se nos dois exemplos as narrativas constroem a indignação e o enlevo diante dos destinos das personagens, não o fazem de maneira direta e acabada, não dão ao leitor a satisfação do que vem pronto e resolvido, mas se oferecem como algo por ser enfrentado, pois causas exteriores ou interiores não são necessariamente suficientes para esclarecer ou apaziguar as paixões. Nós, os leitores, somos convocados a participar da elaboração rigorosa do sentido verdadeiro ou abominável da vida, passo a passo.

Por outro lado, os dois contos falam de uma época, de um momento histórico marcado e o mesmo: o período salazarista. Entretanto, como Lídia Jorge apontava desde sua primeira obra, *O dia dos prodígios*, nem mesmo o mais significativo acontecimento da História (recente de Portugal, a Revolução dos Cravos) foi recebida por todos da mesma forma. A opressão ou alguma felicidade é vivenciada por

diferentes homens e mulheres diferentemente. E a História não é construída apenas por heróis anódinos, mas por seres humanos e suas vidas complexas, surpreendentes ou banais. Nesse sentido, Lídia Jorge não cede ao leitor despreparado que não gosta de ser surpreendido senão pela surpresa convencional que reforce suas convicções e ideias prévias. As outras narrativas de *Marido e outros contos* têm este mesmo arcabouço a sustentá-los: a mestria no manejo dos recursos da linguagem em que são elaborados e uma história finamente surpreendente para contar, ambos em perfeita adequação para a construção de sentidos insuspeitados.

A epifania que cada um dos contos pode oferecer está, por um lado, atada a mestria no manejo da forma e, por outro, na relevância do recorte do que se conta: uma mulher que todos os dias reza em latim (obviamente decorado) pela volta do marido e que nem por isso angaria um desfecho positivo para si, poderá causar no leitor, mais que na personagem, uma epifania disfórica, em “O Marido”; outra mulher que, muito antes de reencontrar o herói de sua infância, recorda o encantamento infantil é a porta para a epifania que se constrói num sentido positivo, da revelação de que não é preciso, para fazer valer a vida, senão de um vislumbre como o de um homem voando em sua bicicleta em direção ao futuro, em “A instrumentalina”.

Penso, em face do que já foi dito, que nem preciso destacar o porquê da minha dificuldade em selecionar os contos que deveriam participar ou aqueles outros a serem deixados de lado para a constituição da presente antologia. A tônica dos outros contos é também fazer soar a nota que não foi propriamente escrita, como a *blue note* tão conhecida dos jazzistas (com quem tanta afinidade tinha o Cortázar). De *Marido e outros contos*, foram escolhidos com a dificuldade apontada, além de “Marido” e “A instrumentalina”, outros dois contos: “A prova dos pássaros” e “O conto do nadador”. O primeiro, flagra um professor que tenta realizar uma experiência de alta relevância para si, mas é continuamente impedido por uma questão absolutamente prosaica; o outro, coloca a luz sobre moças e seus desejos, num momento em que, lidar com eles, sobretudo numa sociedade fechada como era a portuguesa do período, era uma perigosa revelação. Como se vê, em todos os casos há, portanto, a possibilidade de colher o significado da existência em pequenas insignificâncias.

De maneira também contundente, o livro *O belo adormecido* tem por princípio aglutinador justamente o tema do desejo, que como apontam os versos de Caetano Veloso, nem sempre se sabe onde o colocar³. Dos seus seis contos, além do que dá nome ao volume, selecionei “As três mulheres sagradas”, pois ambos permitem, por meio das narrativas, que se reflita acerca do tema, mas também sobre o desentranhar de situações do cotidiano e do ambiente contemporâneo. Antes de tudo, chama a atenção a evidente inversão que o título do conto “O belo adormecido” realiza: não há como não reverberar nele (assim como no intitulado “A branca de neve”, de *Praça de Londres*) ecos das histórias tradicionais que, como se sabe na era pós-freudiana em que vivemos, nada tinham de inocentes. Questões como as de identidade, gênero e sexualidade, mais ou menos explícitas, perpassam o conto que, pelo sedutor modo de narrar, também invertido, cria enigmas sobre enigmas que enredam o leitor, incapaz de desinteressar-se pelo possível desfecho da história que intriga a atriz narradora.

O conto “As três mulheres sagradas” é outro exemplar do tratamento dado por Lídia Jorge à temática complexa do desejo por sociedades cada vez mais permissivas e inadequadas em relação aos valores (e desvalores) que lhe deveriam servir de base. Construído a partir de uma impactante cena de violência, o conto desenvolve-se numa lenta revelação, em que o sagrado do título acaba por redundar em radical e dolorosa contradição interna. Mais uma vez, a perspectiva da narradora e sua peregrinação em busca do sentido são centrais, por indicarem, em última instância, como as meras vontades e crenças individuais são insuficientes como explicação para o sentido perdido, a não ser que, como se pode vislumbrar na denúncia implícita à narrativa, a encontremos num plano maior: a violência contra uma mulher é a

violência contra todas as mulheres e é, muitas vezes, cometida por elas mesmas, ou com sua anuência.

Por fim, de *Praça de Londres*, foram escolhidos o próprio “Praça de Londres” que dá título ao volume, “Branca de neve” e “Perfume”. Ambientados no espaço urbano, de uma sociedade que já se vai desgarrando das particularidades nacionais para, em alguns momentos, mostrar-se parecida por todas as partes do mundo, niveladas por hábitos de consumo semelhantes e feições culturais esboroadas na mesmice dos grandes centros. Nem por isso as pessoas (feitas personagens, ou as personagens feitas pessoas) deixam de ser nitidamente captadas pela paleta precisa de Lídia Jorge.

Em “Praça de Londres”, a imaginação de uma mulher, diante de um acontecimento banal do dia a dia, (ou seja, um homem mais velho com uma menina pequena) cresce desproporcionalmente beirando ao paroxismo e ao delírio diante do que lhe parece configurar um crime hediondo. No conto “Branca de Neve”, os sete anões são pequenos marginais que a personagem narradora, por sua alienação em grande parte provocada pelo seu enquadramento no mundo dos bem-sucedidos profissionalmente, não consegue identificar. E, por fim, “Perfume”, baseado no filme “Yol”, dirigido por Yilmaz Güney, a quem a escritora dedica o conto, em que um menino é praticamente criado por uma babá, após ficar com o pai, muito ausente, depois da separação tumultuada dos pais, que resulta no afastamento da mãe.

Se os motivos narrativos, como se pode ver, são aparentemente simples, mais uma vez destaca-se a qualidade da construção das narrativas pela precisão da linguagem, pela escolha do ponto de vista que amplifica ambiguidades e sugestões, pelo fino desenho das personagens e dos ambientes e, sobretudo, pela articulação entre a subjetividade do mundo ficcional como objetivação do mundo real. Se tais qualidades de Lídia Jorge não são exclusividade de seus contos, sem dúvida eles são uma oportunidade privilegiada para verificar o “tremor de água dentro de um cristal”⁴ que cada uma dessas narrativas podem produzir.

Os contos que não foram contemplados para constar dessa antologia, entretanto, não são menos instigantes e seriam inteiramente apropriados para compor a antologia que ora se apresenta ou qualquer outra antologia dos contos de Lídia Jorge. Ao dizer isso, reafirmo o prazer com que os li e, compartilhando tal prazer, sugiro que também o façam. Ainda mais, aspiro que outras muitas narrativas desta grande escritora portuguesa, quer sejam concebidas na forma de romances, quer na de contos, surjam para continuar a provocar seus leitores, pois, quanto mais nos demoramos diante das grandes obras, mais vemos os detalhes que apontam a grandiosidade do todo. Termos a oportunidade de conviver com a escrita por todos os aspectos tão bem arquitetada resultará certamente numa visão mais complexa e reveladora da própria humanidade. Não é pouca coisa.

¹ Julio Cortázar, “Alguns aspectos do conto”, em *Valise de cronópio*, São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 150-151.

² Idem, *Ibidem*, p. 151.

³ A música de Caetano Veloso aqui aludida é “Pecado original”, cujos versos são: “A gente não sabe o lugar certo/De colocar o desejo”.

⁴ Julio Cortázar, *op. cit.*, p.150-151.

MARIDO

Salve, Regina, mater misericordiae, vita, dulcedo, spes, imensa doçura, salva e vem. Vem e abafa a vida, a roupa, a sala e o fogão, abafa a espera com teu doce bafo. Ampara a vela, acende o fósforo, concentra o ar, protege da aragem a chama da vela até ele vir. Abafa o som, protege o som da ira dos inquilinos até ele tocar. Esconde-te invisível, acocora-te, vita, advocata, mãe suprema, minha Regina, para que não me deslargues, não desesperes, não me desconfines. Porque esperas? Abre as asas e protege já, protege de seguida, protege contínuo, sem intervalo, sem desfalecimento. Protege desde hoje, desde ontem, desde as duas, desde as dez da noite, desde as cinco, protege baixo, protege alto, protege depois, protege ora, dentro de dois minutos, daqui a duas horas, protege à tarde, et nunc, et sempre, et amanhã, et seculorum, bem como agora e na hora da nossa morte, ámen.

Protege-a bem.

Protege-a a ela e ao marido dela. Protege o marido da porteira até às sete. Porque ele trabalha na oficina até às cinco, ainda que a oficina só feche às sete, às vezes às dez, por vezes nem feche, e muitos fiquem a trabalhar pelo fim da tarde e pela noite dentro. O marido da porteira sempre larga às cinco. Ao quarto para as cinco, ele arruma o guardanapo e a marmita dentro da pasta e sai, mas só chega às sete. Claro que ele precisa de proteção, antes, depois e durante, porque sempre se está em perigo numa oficina-auto. Imenso perigo porque tem de se deitar sob carros inteiros e peças resvaladiças, o corpo completo no chão, a cabeça sob os motores, os olhos sob as alavancas mais perigosas. Rojar-se em grandes manchas de óleo que o sujam e o penetram do cheiro da oficina. Ele faz bem não continuar depois das cinco, por causa do perigo. Mas deveria vir logo para casa, trabalhar na gaiola dos pombos, folhear uma revista ou seguir uma série. Dormitar simplesmente no sofá do *hall* que ela transformou em saleta e a que chama sala. Aí bem poderia ele dormir antes do jantar, e não estaria em perigo. Mas não, entre as cinco e as sete, o marido prefere passar em sítios que a porteira nem nomeia, e sair de lá com os olhos cheios do brilho do vidro. Como se o que se espelhasse nos olhos do marido fosse a vasilha, não o vinho. Além disso, o marido da porteira tem um vinho ereto, porque quanto mais toma mais perfila as pernas, a coluna e o corpo todo. O que, em princípio, deveria não constituir um perigo, mas constitui. Com as pernas desse modo esticadas, fica sujeito a bater com a cabeça numa esquina, a encalhar num lancil, a esfacelar um braço, a ir de encontro a um carro e ser atropelado.

Antes ficasse bambo como os outros. Imaginar a cara do marido sob uma roda em andamento provoca uma angústia vespertina na porteira. Por isso mesmo ela chama a Regina para lhe tirar a angústia e proteger o marido, antes de a proteger a ela e à casa. Proteger o trajeto, a porta, a casa, até ele vir e depois de ele vir, às sete. Mas há noites em que o marido não chega às sete, nem às oito, nem às nove. E se não chegar até às dez, ela sabe que não chegará senão de madrugada. É por isso que a hora crucial da vida da porteira acontece entre as cinco e as sete. É dentro desses minutos decisivos da tarde que se dita o dia e a noite da porteira. A porteira, aos cinco para as cinco, acende a vela, põe as mãos pedindo que ele chegue antes do jantar. Uma maçada se ele só vier de madrugada. Já ela o ouve tocar, depois subir, abrir a porta do elevador com dificuldade, sair de lá lentamente com o pé rígido, e depois a chave começa a cair junto da porta, sente levantá-la do chão, deve estar a revolver a chave, até que por fim ele

a enfia, a roda, a desprende, a saca, fica dentro de casa e a casa se enche do seu hálito até às bacias e às janelas. Tropeça no sofá da saleta e chama – *Lúcia! Ó Lúcia!* E o chamamento atravessa as paredes do pequeno décimo, contíguo às chaminés e às antenas, aos escoadouros da chuva, e se propaga ao interior de todo o prédio, e à varanda onde a porteira na realidade já está escondida, atrás das gaiolas, e protegida pela mão invisível da Regina. Com o coração a bater, Rex, Rex. A porteira escondida atrás do pombal clandestino da varanda, antes da madrugada. A bater, a bater, o coração descomposto da porteira. Rex e Regina, venham e salvem a porteira, salvem-na de madrugada, salvem-na acorada no trono do pombal, com a cabeça sob os panos, no alto do seu mundo. No alto do grande mundo da madrugada. Salvem-na deste mundo, levem-na no escuro, tratem-na com doçura enquanto se esconde. *Mater misericordiae*, abre as asas, abafa o som do coração da porteira, apaga da vista do marido dela a luz que possa iluminar o ângulo escuro onde a porteira está escondida. O marido anda junto do pombal, passa hirto, com as mãos tensas, apalpando o que não vê, não a vê nem lhe toca, passa e vai. Alguma coisa nele chama alto e grita à procura dela. E a madrugada calada resplandece de luz frouxa e de doçura, no alto dos prédios.

Aliás, também a porteira tem imensa doçura. É com a voz muito doce que a porteira ao cair da noite se põe a chamar à janela pela Regina, cantando como o padre Romão canta para atingir o coração do Rex através da Regina. Pela salvação do mundo. Mas não canta alto como o padre Romão canta, movendo com as mãos a voz do coro. Pelo contrário, ela canta baixo, às vezes só move os lábios à janela para não atrair a ira dos inquilinos. Ainda que saiba que, se cantasse alto, melhor atingiria o ouvido da Regina. Mas não, a porteira aceita que o seu pedido seja cantado baixo. É que o prédio é alto, o barulho da rua, intenso, e mesmo assim, vem logo um recado pedindo que não cante a porteira na varanda. Há sempre alguém querendo dormir intensamente ou concentrar-se sobre um assunto. Há um aviador com horas perdidas querendo recuperá-las, um médico que, na noite passada, fez um serão noturno do tamanho de dois corredores. Dois advogados lutando, com a imparável cabeça dos advogados, entre a lei e a infração, vigiando a vigília. Não os pode perturbar. Só mexe os lábios – Regina, *misericordiae*. No nono andar há um recém-nascido com cólicas, no oitavo, um ancião que acabou de ser operado, gente querendo absoluto silêncio quando chegam as dez da noite. Ela não vai, por sua causa particular, incomodar tanta gente que logo abriria a janela reclamando o chamamento da porteira ao invocar as roupagens da Regina, doce, dulcedo.

Ainda que o devesse fazer desde o momento em que, na oficina-auto, o marido começa a arrumar a marmita na pasta, quinze para as cinco. Não o fez por respeito e determinação. Mas há dias, toda essa gente que tanto precisa dormir e vigilar em sossego, sem jamais se entender nem ver nem precisar de se reconhecer, parece ter-se entendido e combinado. A porteira não pode esquecer. Primeiro foi o advogado. O advogado do quinto, simulando um recibo perdido, chamou-a para lhe dizer que, se ela desejasse separar-se do marido, ele mesmo asseguraria a papelada da separação. Esclareceu, com o recibo na mão, como era só uma questão de papéis. E dobrou por fim o recibo para demonstrar a facilidade com que se dobrava um papel sob o vigor da lei. Bastavam umas testemunhas, mas, segundo o advogado do quinto, em cada andar do prédio havia duas pessoas dispostas a testemunhar pela porteira e pela lei. Também o médico. O médico do segundo andar encontrou-a como por acaso e disse-lhe, sem qualquer preâmbulo, que lhe passaria os atestados de que ela precisasse para mostrar em tribunal, reforçando a ideia de que de facto tudo era uma questão de papéis. Levava na mão a asa duma pasta, mas era como se também tivesse um recibo e o dobrasse diante da porteira. O médico do segundo estava à disposição da porteira. Contudo, mais esclarecedora tinha sido a assistente social do terceiro, naquele mesmo dia. Chamou-a para lhe falar de direitos, com a veemência com que habitualmente se fala de deveres. Tudo isso, desabridamente, entre portas. Aí a porteira entendeu que se haviam congregado todos

contra o seu homem e perdeu a doçura, nesse dia mesmo. E perdeu a doçura porque um homem é um homem, spes nostra, ad te clamamus, Rex, Jessus, benedictus fructus ventris tui nobis post hoc exilium, ostende. E assim sucessivamente. Isto é, um homem é um homem e um sacramento ainda é mais do que um homem porque esse é uma liga entre dois e nem parte dele perece na Terra. Oh, vita, dulcedo!

Com o balde entre portas, nessa hora do dia, a porteira perdeu a doçura sem o mostrar, exatamente porque era doce. Era, e pôs-se a pensar sentada na cama, diante da vela por acender, que os habitantes daquele prédio de que era porteira lhe estendiam um tapete de negrume e solidão. Pensou como, para além do sacramento, seria triste a vida de porteira sem um marido que viesse da oficina-auto com o seu fato-macaco por tratar. Com quem ralharia, por quem iria ao talho, de quem falaria quando fosse às compras, para quem pediria proteção quando cantasse à janela por Salve Regina, a quem pertenceria quando os domingos viessem, e cada mulher saísse com seu homem, se ela nem mais teria o seu. A vida pareceu-lhe completamente absurda, como se todos se tivessem combinado para lhe arrancarem metade do corpo. Se, mal tinha deixado de ser criança, já procurava um homem, era porque de facto metade de si andava nesse homem desde sempre, por vontade de alguma coisa que o sacramento elevara mediante uma cerimónia. E agora, de repente, um conselho desses. Pensava a porteira, com a vela apagada, sentada na cama. Que ideia triste aquela de a assistente social dizer que uma mulher é um ser completo. Diante da vela. E quem atarraxava as lâmpadas do teto? Quem tinha força para empurrar os móveis? Quem espantava os ladrões de carros com dois tiros para o ar, do alto da varanda? Quem desarmava a cama, empurrava o frigorífico, consertava o carro quando avariava, reclamava o criado com voz grossa quando saíam a comer caracóis à beira-mar? Quem enfrentava os polícias quando na estrada faziam paragem? Quem conduzia e percebia as coisas do carburador? Quem? Quem? Que papel imprescindível, que pessoa necessária na vida da porteira. Para além do sacramento. Além disso, o seu homem tinha um bom carácter. Primeiro, porque fora da bebida nunca tinha querido bater nem matar, como tantos há. Depois, porque sempre podia ralar com ele, que nunca ele respondia como tantos respondem. E o dinheiro? Que sorte tinha com o dinheiro. Ela era o cofre de tudo, com exceção do dinheiro que ele gastava quando ficava por lá, e como esse não chegava a vir, infelizmente, ela não podia amealhar. De resto, ela escondia o dinheiro onde ele nem sabia, e ele nem lho pedia nem queria ver. Quantos, por contraste, não passavam para as mãos das mulheres nem uma moeda, falsa que fosse. Não o seu marido. Ela é que o vestia, ela é que determinava a comida, ela é que o mandava pôr os pregos, ir buscar os pombos, alimentar os pombos. E ele calado. Os inquilinos não viam isso. E podia entregar-se à devoção. Quantos mais, naquela paróquia, deixavam que a mulher se entregasse à devoção? Havia até os que desconfiavam do padre Romão, e iam espreitar, e até proibiam as mulheres de fazer coro, perseguindo-as como no tempo dos Romanos e das catacumbas. Ora o marido da porteira nunca procedera assim. Pouco se ralava que ela fosse ou que viesse. Ficava dando grandes marteladas nas tábuas, fazendo gaiolas, raspando a sujidade dos pombos no terraço. Que importava então que voltasse com os olhos mais luzidios, e que, de vez em quando, a chamasse daquele jeito, estendendo o seu nome de Lúcia com um brado, perseguindo-a? Era só aquele instante em que gritava na sala da televisão, e enquanto a procurava pela varanda, ao todo uns quinze minutos de sobressalto. Depois, ele entrava em casa e, com as pernas abertas, caía no chão, perdia a rigidez das pernas e dormia, no meio da casa para onde ela voltava. Restava, pois, pedir pela casa da porteira. Que lhe retirasse o hálito, o ar, o álcool, o bafo, o sopro cardíaco daquela casa, o rouquido da pessoa caída no chão. De tarde haveria de acender a vela, mover os lábios, invocar ad te suspiramus gementes et flentes, advocata nostra, ergo, misericordes oculos ad nos converte. Ela pede.

Vai pedir. E a Regina se ergue, poisa, desce sobre a casa, cada dia uma vitória do céu sobre a terra, do espiritual sobre o mundo, a porteira sabe, nunca dará um passo para se separar do marido. Pensando nisso, chega a sentir um sentimento incristão. Apetece-lhe cuspir contra o conluio dessa gente. Quanta

conversa não terão feito sobre a sua vida para terem ido tão longe, sobre ela, que nunca se mete na vida de ninguém. Ainda por cima, tinham-lhe falado como quem concede e dá uma prenda, ou faz uma surpresa. Não, na verdade não queriam ajudar a porteira. Esse sentimento diante da vela é tão esclarecido que ela experimenta uma nova coragem. É como se de repente sentisse uma força sobre-humana vir de dentro dela, sem precisar do auxílio da própria Regina. Está sentada, está esperando, vai ficar assim, cheia de força, sozinha, aguardando as cinco, as seis e as sete. Aguardando as oito e as nove. Ali mesmo. Não fugirá para o terraço, não permitirá que ninguém lhe oiça os passos, nem correrá diante dos brados do marido, *Lúcia, ó Lúcia*, aqueles gritos que ele dá, alvoroçando o prédio. Ela mesma estará junto da porta, e ele não precisará de chamar, porque a verá antes de qualquer outro objeto da casa. Ele há-de enxergá-la, mal entre. Com jeito, ela há-de acalmá-lo, em silêncio. E há-de correr a descalçá-lo para que as passadas sejam abafadas, há-de ampará-lo na queda para que se debruce sobre o sofá e não caia no chão. Há-de calá-lo, embalá-lo, desvalê-lo, retê-lo junto de si com voz baixa, massajar-lhe as pernas, esfregar-lhe as mãos. E assim, chegue ele quando chegar, ela estará numa espécie de paz. Ninguém ouvirá, ninguém correrá persianas pela sua chegada, ninguém mais se meterá na sua vida. Que mudança! Pensando nessa doce mudança, quase se deixa dormir. Se ele vier na volta da madrugada, até mesmo se já for dia, ela lhe dirá – Ah, como nos quiseram separar! Ainda tremo, marido! E assim, pode deixar-se dormir no sofá da sala, mesmo sem Regina. Que rápida passa a noite, quando se tem um pensamento bom. Como passa rápido o próprio sono da porteira. Devem ter-se avariado todos os relógios, porque passou sem dar por passar. Já o marido vem. Exato. Já tocou, agora subiu, agora rodou a chave, já caiu, já apalpou, já abriu a porta e ela já está a pé. Marido? Tal como ela pensou, ele parece estupefacto por vê-la. Parado entre as portas, com os olhos bem abertos a olhá-la. Marido? Ele avança na direção do interior da casa e senta-se devagar sobre o sofá. Sem dizer *Lúcia*, com os olhos eminentemente abertos. Depressa ela lhe tira os sapatos, esfrega-lhe as mãos, massaja-lhe as pernas, o marido parece estar a viver a maior surpresa alcoólica da sua vida. Debruçado, inerte, deixando-se trabalhar, mover e conduzir, com os olhos deslumbrados, estupefacto. Ele mesmo levanta os braços para que a porteira os dispa. Tudo sem ruído, sem aquele grito por *Lúcia* pelas empenas do prédio. Sem arrastar nenhuns sapatos, sem espancar nenhum móvel. Vejam como ele se vira, como o seu cabelo curto de homem lhe cai pela testa, como é bonito o lábio roxo do marido, sem som, só bafo. Ela até gosta do bafo a óleo e a álcool. Vejam como ele procura o casaco, como se senta na cama sem o menor ruído. Como procura nos bolsos. Mesmo a chave que cai não faz barulho, como numa cena longínqua, aproximada, a que se tirou todo o som. Como acende o isqueiro, como os olhos dele brilham sem ruído sob o isqueiro aceso. Lambe os lábios sob a chama, o marido da porteira, sem ruído. Nem ela produzirá uma única palavra. Será muda durante a noite, ela, e as paredes dela também serão mudas para que jamais alguém se atreva a insinuar uma vingança forçada, uma separação desventurosa, um desquite profano. Mater, misericordia, advocata nostra. Mesmo que ele lhe aproxime o isqueiro da cara e lho passe pelo cabelo. Ela se afastará do isqueiro. Porque não a comovem. De facto, todos os inquilinos, médicos, advogados, anciões, recém-nascidos, aviadores, assistentes sociais, trabalhadores por conta própria, por conta de outrem, patrões, criadas, podem dormir descansados. Não a demoveram. Afinal o que o marido queria não era incendiar-lhe o cabelo, mas apenas acender a vela. Com os olhos abertos, sem ruído. Oh, vela! Mater, vita, dulcedo, em silêncio como a noite quer, arde a vela. Deve-se apagar a luz, deixar que a vela brilhe no escuro da noite. Também ele se sente atraído pelo brilho da vela, direita, ateadada. Ele toma a vela, traz a vela, traz a vela do Rex e da Regina até junto da porteira, puxa-lhe a roupa, aproxima a vela da camisa de *nylon*, com brilho e em silêncio. Ateia. Ateou? Ateou a camisa?

Ela vira-se, sai da cama, esfrega-se na parede, o fogo primeiro não alastra, depois de repente alastra, cola, passa ao cabelo, ela remove-se no chão, na carpete da sala, junto da porta, ainda abre a porta,

mater, vita, ó doçura, ventris tui nobis post hoc exilium, ostende! Ó clemens, ó pia, advocata, em silêncio, dulcis Virgo Maria! A porta está aberta para toda a chama. A chama da porteira sai pela escada de serviço abaixo, correndo sem ruído até ao oitavo, ao sétimo, ao sexto. Só no quinto a chama da porteira para. Crepita. É a porta do advogado do quinto. Sem barulho, fica à porta do advogado, das testemunhas e da lei. A Regina assim quer que fique. Regina acocorada sobre ela, no quinto, de asas abertas sobre o quinto, e o marido no décimo. Ainda terá a vela? Abre as asas, advocata, levanta voo, leva a porteira, condu-la na maca, ergue-lhe a vista, Regina, separa-a definitivamente da cama, do balde e do fogão. Separa-a dos dez andares que o prédio tem, separa agora, et nunc, et sempre, et séculos, das janelas abertas, cheias das silhuetas dos inquilinos lilases e brancos pela fúria da última doce madrugada. Levem-na, Regina e Rex, com vossas quatro mãos, vossos quatro pés, deste lacrimarum valle, eia ergo, ad nos converte. Levem-na sem ruído, sem sirene, sem apito, sem camisa, sem cabelo, sem pele, post hoc exilium, ostende.

A PROVA DOS PÁSSAROS

O Professor viu com desgosto a rapariga aproximar-se empurrando aquele terrível carrinho. Na verdade, alguém da família do bebé – um homem por certo – havia aplicado uma espécie de traga-areia à frente das rodas, o que permitia que ela o fizesse deslizar com extrema facilidade mesmo nos locais ondulados. Sobre o assento do carrinho, um antigo modelo que deveria ter pertencido a um outro bebé agora já homem, a criança de tenra idade abanava a cabeça com os olhos fechados. Mãe e criança ainda exalavam um cheiro repelente a parto e amamentação. Ora ele que tinha posto os óculos de ver ao longe para contar os pássaros, sentindo aquele cheiro sanguíneo a carne tenra, era obrigado a parar. E sempre que parava, pensava para si – Nunca farás a prova.

E no entanto, o Professor tinha-se dado ao trabalho, dois meses antes, de tomar assento num barulhento autocarro onde passavam filmes americanos, a fim de poder ele mesmo escolher um local sossegado onde pudesse executar essa prova. Durante a viagem, que afinal demoraria muito mais tempo do que constava do horário, tivera a oportunidade de perguntar a um homem, que pela fala lhe parecia ser da região para onde se dirigia, que praia lhe aconselhava para poder observar pássaros. O homem tinha a tez muito escura, e apesar de vestir um blusão em cujas costas se lia uma palavra em sueco, estava sulcado de infinitas rugas. “Fugiram todos” – havia dito o homem, apanhado pelo espírito de tragédia que em determinada altura da vida assalta certo tipo de pessoas. Mas o Professor acabara por encontrar um quarto tranquilo, diante duma pequena praia, onde lhe fora assegurado que ninguém o incomodaria, e donde poderia ver vários géneros de pássaros em bandos, picando restos de peixe, assim que o verão chegasse.

“Em bandos?” – havia perguntado, sentindo que estava a ser servido por um bom instinto.

“Nuvens deles!”

Ora a palavra *bando* revestia-se de grande importância para o Professor. Afinal, ele procurava aquele lugar determinado, porque havia pensado que chegara a altura de fazer a prova. No inverno anterior, alguém – um aluno por certo – lhe enviara a cópia duma página de que só depois havia identificado a autoria e proveniência. Ocupava escassas doze linhas, e, apesar de não possuir uma boa memória, no mesmo dia ele havia-as aprendido de cor. Chamava-se *Argumentum Ornithologicum* e abria com uma frase cuja música não lhe saía daquela parte do pensamento, onde as ideias perdem o sentido, para se transformarem em impulso. Era uma divagação de Borges – “*Fecho os olhos e vejo um bando de pássaros. A visão dura um segundo ou talvez menos; não sei quantos pássaros vi. Era definido ou indefinido o seu número?*” – repetia desde então, de olhos fechados. Mas as linhas determinantes eram as que melhor dizia em voz alta – “*Se Deus existe, o número é definido, porque Deus sabe quantos pássaros vi. Se Deus não existe, o número é indefinido, pois ninguém conhecerá ao certo a sua conta...*” Ora o Professor queria ser capaz de contar um número inteiro de pássaros voando, para demonstrar o contrário do que sempre fizera por outros argumentos, tendo demonstrado até então, com imenso furor, que Deus não existia. Para mudar tão radicalmente de opinião, precisava de tempo, dum bom bando e de silêncio à sua volta, embora do silêncio imaginado sempre constasse o repetido barulho do mar. Já não era um homem novo. Poder erguer o dedo e contar um, dois, nove, dez, doze pássaros, um

número determinado e finito deles, tinha-se transformado numa questão de princípio. Por isso, havia poupado arduamente durante três estações, e feito a viagem de ida e volta na bruta camioneta, exatamente para poder fazer a prova, durante uma tarde em que estivesse só na praia, com o Sol a inclinar-se no horizonte. O seu pensamento era fixo. Encontrar-se-ia de calças arregaçadas junto à água, um bando passaria no sentido do poente, e ele iria contar os animais um a um, entrando, desse modo simbólico, na ciência oculta dos números inteiros de Deus. O número seria definido. Esse iria ser o momento mais importante da sua vida. E na sua ideia, que tinha alguma coisa de obsessivo e amoroso como se aparentado com um beijo projetado no futuro, sempre estaria só com o seu pensamento, sem a presença de mais ninguém. Quando subisse na direção da casa onde alugara o quarto, o Professor contava então ser outro homem. E no entanto, passado quase um mês de estadia, ainda não fora possível atingir o seu fim.

Ali estava a areia, e ali o mar. Ali estava a tarde e os bandos de pássaros, que nem sabia se eram pombas, se gaivotas, se garças, se outra espécie qualquer. Aliás, os nomes não lhe interessavam. Mas, ao contrário do que lhe fora prometido pela criatura que lhe alugara a parte de casa, veraneantes que sobejavam de outras praias ocupavam a areia durante o dia, e muitos aí ficavam até ser noite. Além do mais, vinham carregados de objetos barulhentos, como se tivessem concentrado a mecânica e a tecnologia em seu redor com medo de se perderem num deserto qualquer que temiam atravessar. Tudo em seu redor piscava e rugia. E quando esse furor se escoava ao fim do dia pela ligeira encosta, por infelicidade, descia a rapariga com o bebé, deitado no carrinho traga-areia. A sua figura, cuja carne acabara de ser rasgada pela maternidade, interpondo-se entre ele e os pássaros, impedia-o de se concentrar. O bando passava, ele começava a contar *Um, dois, três, quatro...* mas quando atingia a quinta criatura, a figura da rapariga, empurrando a criança, intrometia-se desesperadamente. E aquele era o seu antepenúltimo dia. Pela centésima vez, um belo bando acabava de se lhe escapar. Ah! Se essa criatura pudesse adivinhar o mal que lhe causava! Para que ela voltasse para trás com aquele carrinho, o que não daria! – O Professor tomou-se de coragem, abandonou a cadeira de lona na areia e, num impulso, ditado sem dúvida pela determinação que a vontade sugere à beira da perda, começou a caminhar na direção da rapariga. Só vagamente tinha consciência de que a sua intromissão se assemelhava à dum estúpido. Começou por sorrir na direção do bebé. Apesar de tudo, era difícil falar – “Sabe, precisava que uma tarde a senhora não viesse aqui com o seu carrinho...”

Mas aí a rapariga colocou-se à frente do objeto. Os seus olhos ficaram com um brilho amarelo, olhando em frente, imóvel, como o das lobas.

“Pelo amor de Deus, não interprete errado!” – disse o Professor. “Trata-se dum problema muito pessoal. Precisava de ficar sozinho na praia, uma tarde só que fosse, e não consigo. Mal aquela gente parte, chega você. Sou um estudioso, queria contar os pássaros durante o voo...”

À medida que falava, ia levantando a voz, e a sensação vaga de que poderia parecer estúpido desvanecia-se. Por certo que uma mulher, que acabava de dar à luz, iria compreender que um homem pudesse desejar contar de forma precisa as unidades exatas dum bando de pássaros. Mas a rapariga, assustada, puxou de tal modo o carrinho na direção das casas que a criança se pôs a vagir. O coração do Professor contraiu-se de desgosto. “Espere, espere! Você nem imagina como eu seria capaz de recompensar se amanhã você não viesse”. E procurando barrar-lhe o caminho – “Escureceu de todo, os bichos amalharam-se. Como posso contá-los em bando? Como posso?” – ainda disse. Mas agora ela já ia longe, empurrando o seu fardo rolante.

Naturalmente, o Professor foi assaltado nessa noite por uma longa insónia. Não que não pegasse no sono, porém, mal adormecia, os pássaros misturavam-se numa nuvem indistinta, empurrados pelo ruído dum carro. “Não conseguirei” – pensava, alagado em suor. Mas, no dia seguinte, quando a multidão de veraneantes começou a debandada com suas cestas e caixas de ruído, deixou-se invadir por um raio de

esperança. “Talvez se tenha assustado e não venha hoje” – pensava. A rapariga, contudo, não deveria ser pessoa para se assustar por tão pouco. A fila começava agora a desviar-se da passadeira de tábuas, exatamente porque o carrinho do bebé começava a descer. Aliás, de forma inesperada, a rapariga, cujos seios inchados deveriam estar cheios de leite, abandonou o trilho, abeirando-se da cadeira de lona onde o Professor se encontrava. Os seus olhos haviam perdido o amarelo do dia anterior.

“Há uma hipótese de eu não vir passear com o bebé, mas para isso teria de falar com o meu marido...”

O Professor era uma pessoa educada. Tinha-se levantado da cadeira, ficando a olhar, incrédulo, para o rosto da rapariga.

“Se eu fosse ao senhor, até ia já. Daqui a meia hora escurece outra vez, e nem eu subo nem você conta os pássaros. Se é isso que pretende fazer”.

“Sim, é isso mesmo. Trata-se duma contagem muito importante. Ah! Nem imagina como é importante!”

“Isso agora é consigo” – E retirando uma das mãos do guiador do carrinho que parecia jamais querer largar, indicou o pequeno tasco ao fundo, aberto no paredão, incitando-o a que o procurasse. Na verdade, o marido da rapariga parecia esperá-lo, em pé, atrás do balcão que servia a praia. A debandada vespertina de toda aquela gente nómada deixara o recinto deserto. Era um mocetão moreno, de bigode preto. Ao vê-lo, parou de mexer nas vasilhas e foi direito ao assunto.

“Ainda bem que veio. Disse-me a mulher que você pretende ficar sozinho na praia...” – E revolvendo uma gaveta, retirou lá de dentro um papel onde estava escrita uma palavra. O mocetão começou a ler com dificuldade o que lá estava escrito. “Você é então um *ornitólogo*?”

“Não sou, mas tanto faz” – respondeu o Professor, cheio de esperança.

“Pois se é ou não, é lá consigo. Tudo o que preciso saber é quanto dá para que a rapariga volte. A saúde do meu filho tem um preço. Quanto paga?”

“Quanto pede?”

“Eu diria que o equivalente a três noites de alojamento...”

O Professor começou a ver a tarde esvaír-se.

“Três noites de alojamento para que a sua mulher, uma vez só, me deixe lá em baixo sozinho? Ainda se fosse o equivalente a uma noite, mas três... Olhe que três noites é um preço muito alto!” – disse o Professor, e percebendo que tudo o que pudesse acrescentar aumentaria a sensação de que estava a comportar-se como um homem louco, abandonou a tasca vazia onde a luz do crepúsculo entrava às tiras pela janela. Em baixo, a mulher em pós-uerpério empurrava afanosamente o carrinho junto à água. A atmosfera era clara, e no céu não havia um único pássaro. Quando houve, os seus gritos passaram longe e o bando fez uma curva invertida no ar, como um avião esparso numa manobra de fuga. Depois escureceu. “Não é desta vez que consigo contá-los. Talvez nunca. Talvez eu deva para sempre imaginar o número indefinido. Isto é, tenho pensado certo e tenho ensinado certo, pois Deus não existe. E se existe, é como se não existisse, porque não se deixa contar para não se mostrar finito. Mas um Deus infinito que foge da vista dos que o buscam confunde-se com a busca. Não existe” – assim pensava o Professor, subindo a ligeira rampa de areia, transpirado, com a cadeira e a toalha às costas. E durante um momento, hesitou. Na verdade, não seria um exagero procurar a circunstância ideal em que viesse a contar os pássaros? Pois porque haveria de existir Deus se o número contado fosse finito, e não ter existência se o número fosse infinito? O *Argumentum Ornithologicum*, escrito pelo poeta argentino, bem até que poderia conter um desafio, mas porque conteria um método? Porquê? Não se trataria apenas duma simples aporia destinada mais a encantar do que a convencer? O que ganharia o discernimento se, certo dia, sentado na praia, viesse a contar, um a um, vinte ou trinta pássaros? Suavemente, como quem embrulha a última franja dum desejo, o Professor deixou que caísse, sobre o telhado da casa onde se havia hospedado, a penúltima noite do verão.

Então, no último dia, desceu à praia e ficou a ver repetir-se o mesmo andamento, o mesmo ruído, o mesmo bulício que afugentava as aves de cujo número tinha desistido. “Uma causa estúpida” – pensou. “Enveredei por uma demonstração errada. Uma demonstração que não só me ficou muito cara, como ainda poderia ter ficado mais, se acaso me tivesse deixado levar pela ganância daquele lorpa da tasca. “Ao que chegámos!” – ia pensando, enquanto caía a última tarde, e a sua vista não se desprendia do caminho das tábuas. Fazia bem não se desprender – As rodas traga-areia traziam, mais uma vez, a criatura diminuta envolvida em panos, e atrás dela a rapariga que cheirava a sangue e a leite. Rolavam os três na direção da sua cadeira. Ao aproximar-se, a rapariga parecia penalizada. Os seus olhos estavam mais escuros e moviam-se agora duma outra forma. Também o carrinho. Já não o escondia, antes o expunha. E embora o bebé dormisse com os punhos junto das orelhas, parada, ela movia a pega como se o quisesse adormecer duas vezes. O bebé ia e vinha diante dos olhos do Professor. A rapariga tinha-se sentado na areia.

– “Desistiu dos pássaros...” – disse ela. “Bem vejo que desistiu. E pensar que, por mim, o senhor ficava sozinho com eles! Mas está lá em casa o meu marido. Que desculpa haveria de lhe dar?” – Ela olhava para trás. A porta do tasco metido no paredão encontrava-se aberta. A rapariga deveria estar cansada, porque não se movia. Tinha escondido as pernas debaixo da saia, e de vez em quando o seu olhar roçava de novo o amarelo. Ao Professor chegava aquele cheiro a bebé que o estonteava e o levava para longe. Sobretudo, quando a rapariga o retirou da almofada e o colocou no colo. Ela desapertou o vestido e escondeu a face da criança na carne do seio. A última onda descia, a praia alongava-se. Subitamente, uns pássaros maiores que carriças e menores que gaivotas começaram a andar junto à onda, e ignorando a presença humana puseram-se a caminhar na sua direção. Na verdade, só o pulso do bebé, na ânsia de se alimentar, se movia. O Professor colocou os óculos de ver longe. Eram nove, os pássaros.

“Pássaros, Professor!” – disse a rapariga, soltando um grito.

Encandeados pela barra vermelha do sol-posto, colaram-se à areia e depois levantaram voo. As penas brancas luziam. Os pássaros desenharam várias voltas como se pescassem alguma coisa no ar. O Professor não poderia contá-los no voo se não os tivesse contado em terra. Mas porque os tinha contado, sabia finitamente quantos eram. “Um, dois, três, seis, sete, nove...” – contava o Professor, invadido por intensa alegria. “Pois finalmente contei nove...” – murmurou ele.

Murmurou várias vezes. A rapariga colocou a criança na almofada e começou a subir demasiado devagar o trilho de tábua. Mas ele não podia dizer-lhe adeus. Não tinha idade para comprimi-la contra si, sem lhe transmitir a fragilidade da sua prova.

A INSTRUMENTALINA

Nunca se sabe o que uma viagem pode trazer ao íntimo do coração. Como se o tempo de repente dum outro modo fluísse, ou mesmo a qualidade da sua hora mudasse, e uma coisa perdida aparecesse, uma dúvida se quebra, um amor acaba, e outro que nunca se tinha imaginado, de repente, nasce. Objetos que sempre tivemos por separados atam as pontas, imagens que boiam nas nossas vidas sem ligação juntam-se e criam uma nova sequência com sentido. Outras vezes a clarividência da distância torna-se tão luminosa que se vê o fim do fim, e deseja-se regressar, ainda que não seja a lugar nenhum. Foi por altura duma deslocação que por acaso se havia transformado em viagem. Então, subitamente, aquela cidade estendida e empinada à beira do Lago Ontário, para onde o destino de ocasião me havia levado, ainda tinha palhetas de gelo, e trouxe-me de volta, provinda de muito longe, a Instrumentalina.

Quem diria? Escondida no saco das reservas proibidas, havia anos e anos que não a soltava do seu local de abrigo, ainda que por vezes o seu selim, a sua roda pedaleira, ou a imagem caprina do seu retorcido guiador me aparecessem como coisas desgarradas. Era inevitável. Quem uma vez percorreu os caminhos do paraíso, sentado num transporte de delícia, jamais pode esquecer a imagem do objeto condutor. Mas pode não querer avistá-lo no seu todo. Pode não desejar sofrer pelo que está perdido ou é o simulacro duma imagem que foi mas o tempo já fez vã. Ora a Instrumentalina se me tinha levado até ao campo das margaridas, no dia em que meu tio Fernando me havia chamado Greta Garbo, ela mesma me tinha traído e amarrotado, e criado o meu primeiro desgosto. No entanto, passados tantos anos, reunida, como se pudesse ter-se mantido unificada pelo tempo, visitava-me rodando sobre o gelo como antigamente acontecia nos campos de calor e de poeira.

O bar do Royal York Hotel, alimentado às sextas-feiras por bêbados distintos caindo sobre as mesas muito antes da meia-noite, revestido de papel escuro como musgo, lembrava o fundo dum tanque vazado e aquecido, mas não era suficientemente opaco para não deixar que a Instrumentalina deslizasse sobre a estrada dum outro território. Tinha-me sentado a uma das suas mesas. A porta de vidro permitia que dali, de onde me encontrava, pudesse ver quem saía e quem entrava, sobretudo quem deixava o chapéu e a gabardina no bengaleiro. A bicicleta longínqua aparecia de perfil, mostrava o brilho dos seus raios girando ao sol, e uma outra luminosidade da Terra aparecia. Havia sido quando? O meu tio tinha-me feito adeus, e depois o comboio antigo, como um canhão de Austerlitz, atroara na madrugada e levava-o cada vez mais de perfil, de braço levantado, para trás das árvores, por entre as quais a fila de carruagens se sumia.

Meu Deus! Essa tinha sido uma manhã estranha. Nunca havia falado nela a ninguém, não porque a desejasse morta, mas porque ela me levava para uma região difícil de explicar. Tanto o meu tio como a Instrumentalina e eu tínhamo-nos encontrado na margem dum outro tempo, embora naquele instante, em frente da porta do bar do Royal York, de repente, a nossa atualidade, como um rápido, se unificasse com o rodar do mundo. Lembrava-me – indiferente então à mudança que corria nos países e nas terras, e à abertura das estradas que haveriam de mudar a cor das vidas, a grafonola da nossa casa constituía o invento mais recente. Três fogões a petróleo enchendo a sopa de veneno eram a grande conquista das mulheres, e na nossa cozinha, elas curvavam-se para eles, asfixiadas por cintos que as apertavam como

cilhas. Suas ancas debruçadas conferiam-lhes a forma das aranhas. Eram quatro férteis mulheres sozinhas, entre as quais a minha mãe, e trabalhavam desde o romper do Sol com a força das formigas. Sentado à porta, no cadeirão, imóvel, debaixo da parreira, ficava o meu avô. E correndo como uma matilha indomável, sem dono, sem obstáculos, existíamos nós, as crianças, irmãs e primas entre si. Ninguém mais. Mas ao cair da tarde, voando, chegava finalmente o nosso tio com a Instrumentalina.

Víamo-lo longe, com seu boné de riscas, seu suspensório traçado, as calças apanhadas ao lado por presilhas, e os nossos gritos de alegria partiam a tarde em duas metades substanciais como as de um fruto – antes e depois da chegada do nosso querido tio. Completamente plana, essa nesga de campina ao sul do meu país, onde a casa do nosso avô se erguia, transformava-se então num local de festa ruidosa. Pensando nessas tardes, não me lembro de qualquer dor nem de qualquer constrangimento. Tudo o que vem ter comigo é manso e calmo como uma carícia de criança ou um beijo de seus lábios pequeninos. No entanto, eu sabia que, na realidade, sem que ninguém recentemente tivesse falecido, assomava entre nós uma tragédia obscura. Ou, mais precisamente, um drama vago, feito da suspeita de que um desequilíbrio irreversível, tendo encontrado a porta da nossa casa entreaberta, havia entrado.

Não que as raparigas que eram por essa altura a minha mãe e as minhas tias não cantassem. Elas cantavam. Ouviam a grafonola e retiravam as letras que elas mesmas recompunham, e a respiração dos seus suspiros em conjunto constituía música muito mais atraente do que o rouco som que a manivela dava. Aliás, formando dois pares, agarradas pelos ombros umas às outras, elas dançavam. Era doce vê-las e imitá-las dançando daquele modo, com pequenos pulos, ao cair das tardes. Outras vezes, debruçadas sobre os panos, cosiam e passajavam, como se as horas tivessem sido criadas para se aniquilarem sob os seus dedos. Vendo-as à distância, e sabendo o que se passava então na Terra, percebo como elas eram seres parados, objetos encantados pelo tempo. A parte feminina naquela casa estava intacta, com seus chilreios, seus amuos circulares, suas guerras de cozinha, seus filhos, suas roupas interiores escondidas no fundo das gavetas que não trocavam nunca. À noite choravam junto das janelas. Não tinham tido guerra, mas era num estado semelhante ao das abandonadas pela força dum conflito dessa grandeza que viviam. Liam cartas. Guardavam cartas, escreviam cartas com as suas canetas primitivas. Os seus maridos, todos eles, tinham partido.

Todos, sim, mas não ao mesmo tempo. Primeiro havia abalado um, depois outro e por fim os últimos dois, espalhando-se pelos vários cantos da Terra como se fossem inimigos, que não eram. Eles mesmos tinham vindo trazer para casa comum do pai as jovens mulheres que deixavam, com suas arcas, crianças e fogões. Como nós três – éramos dois irmãos – havíamos sido os últimos a chegar, tínhamos ocupado o quarto de abóbada, o que dava para trás, o mais sombrio. Mas havia quem dormisse nos corredores e sítios desvãos duma casa grande de mais para se viver. E nesse ambiente de meninos e mulheres, exercendo o seu magistério de homem diretor, inválido, sentado na sua cadeira de imóvel, desesperava o meu avô. A menos que mandasse chamar o filho mais novo, aquele que depois, para sua arreliã, haveria de riscar a poeira das estradas, a correr, a correr na Instrumentalina.

Chamou-o num domingo pela manhã. Nesse dia, encontrava-se sentado na poltrona e todos nós pudemos ouvir o que dizia – “Repara bem. Chegou a hora de mudares de vida. Olhas à tua volta e o que vês? Crianças e mulheres. Ora se todos me abandonarem, menos tu, então a minha velhice pertence-te e esta casa é tua...” – O meu tio, fotógrafo amador e corredor de bicicletas, tinha ficado a olhar, estarecido.

“Eu, Pai, mas porquê eu?”

“Porque Deus quis que fosses tu o amparo do Pai, da sua saúde e dos seus haveres, bem como destas crianças e destas mulheres que os outros aqui deixaram...” E tinha olhado para o lado. “Ah! Se não ficares, eu mato-me! Queres entregar-nos a todos na mão dos jornaleiros?” – E nesse tom havia

continuado até ao cair da noite, e mesmo depois de ela chegar.

“Mas porquê eu, meu Pai? Porquê?”

Então, para nossa alegria, o nosso tio deixou a sua vida e veio viver naquela enorme casa. Veio. Mas não era a pessoa que nosso avô tinha querido que viesse. Como se nunca se sentasse, o tio Fernando ouvia distraído, montado na bicicleta, e, brincando com os pedais, nem tomava por escrito qualquer nota sobre haveres. Os carros de animais partiam carregados de objetos e de homens, e ele, como se nada lhe pertencesse, saía antes ou depois, com o boné virado para trás, sentado na bicicleta corredora, estrada fora. Pior do que isso. Quando partiam para locais onde não era possível chegar desse modo, recusava-se a sair, sob o pretexto de que descalibrava as rodas nas irregularidades do caminho. Os gritos do nosso avô imóvel ouviam-se à distância, e por eles se percebia como odiava o velocípede. Também odiava a Kodak, com o seu fole, e a máquina de escrever onde o nosso tio de olhos fechados fazia questão de compor o nosso nome. Mas o seu ódio, o seu fundo rancor, ele reservava-o intacto para a bicicleta marca Deka, insultando-a em grandes gritos de “Instrumentalina”. A princípio tinha-lhe chamado *figa*, e depois *trambolho* e *oito do Inferno*, para em seguida se fixar naquele nome estranho, parente degenerado de utensílio pelo qual nutria um despeito de ácido.

“Retirem-me da vista esse maldito instrumento! Levem-me da vista a Instrumentaliina!”

Mas se os seus brados eram desumanos, o tio parecia não ouvi-los, e a nossa vida atrás dele, querendo ser cada um de nós a amparar a Instrumentalina até ao canto do quarto onde o objeto corredor passava a noite, era boa e farta de loucura. Que culpa tínhamos nós que o avô tivesse ficado sem andar, ou que os seus filhos tivessem ido embora, indiferentes à sua sorte, como ele apregoava, se de facto o feliz acaso nos havia reservado um tio, e esse tio amava acima de tudo a sua bicicleta de corrida? Por ironia, a designação que nosso avô lhe havia atribuído com chancela de ódio soava-nos a um nome de família e gastávamo-lo de tanto repeti-lo.

“Tio! Esta noite posso ser eu a segurar na Instrumentalina?”

“Tio! Ó tio! Olhe que a Instrumentalina está caída!”

Como poderia deixar de ser assim? As mães continuavam a escrever cartas cada vez com mais palavras, e parecendo surdas aos nossos gritos, laboravam coisas miúdas sobre panos, como se seus olhos existissem para descobrir entre os fios prazeres invisíveis, e seus seios fossem pesos que as prendessem às cadeiras de coxim. Engordavam. Quando desesperavam, corriam atrás de nós, cada vez mais lerdas. O avô falava mas não se erguia do assento nem para alcançar um púcaro de água. A sua imobilidade possuía alguma coisa de fatal que enchia a casa, conferindo-lhe uma sombra de prisão. Mas o nosso tio era diferente, pois podia fugir de tudo e todos, correndo pelas estradas e, por vezes, levando-nos consigo. Por isso éramos livres. Cada um de nós tinha seu pau com seu arame em forma de chifre de gazela sobre o qual nos curvávamos e corríamos, embora nos dispersássemos pelas bermas, em andamentos diferentes. Havia primos que o seguiam até ficarem com a boca ressequida, e os que desesperavam, mal começavam a correr. Outros punham os olhos no chão e avançavam, desejando apenas assemelhar-se ao tio no exercício, e por sinal, muitas vezes, a sua volta era demorada, esquecendo-se de nós. De qualquer modo, quando o víamos regressar de novo, atrás das árvores, a luz renascia na tarde da campina. Amávamo-lo, disputávamo-lo, fazendo parte dele, como seu segundo corpo, a Instrumentalina.

Lembrava-me sobretudo do sentimento dos primos, no momento do regresso. Havia os que punham de lado o pau que lhes servia de transporte, assim que o tio se aproximava com as costas encurvadas como um arco, disputando segurar no guiador, e para todos era uma vitória colocar a mão na grelha ou apenas seguir de perto, durante meio minuto, o rasto que a bicicleta deitava na poeira. Ou não bastava, e por isso tornavam-se ruidosos. Como um enxame, enchiam a campina com as suas vozes igualmente finas, ainda

longe de se diferenciarem pelo sexo, imitando involuntariamente um conjunto de tarântulas, fiéis, acima de tudo, ao seu amor. Havia alguma coisa de fanático naquele sobressalto coletivo de exaltação pelo nosso tio Fernando, correndo na Instrumentalina. As cenas da escolha do que seria contemplado com uma volta, sentado na grelha que naquele tempo as bicicletas de corrida ainda consentiam, roçava o furor religioso. Batiam-se entre si, choravam, e era necessário recorrer a sortes ou fixar a vez, para que a desordem que se estabelecia no meio da estrada não se tornasse numa cena de amor e violência. Na disputa, agarrando-se pelos cabelos, as primas eram mais ferozes do que os primos, exibindo o seu furor feminino, entremeado de risos e lágrimas passageiras. No entanto, nem todos podiam de igual modo digladiar-se.

Eu tinha sido a última a chegar à casa da campina, e os meus direitos sobre o tio, num espaço tão renhido de disputa, encontravam-se reduzidos de vários modos. Injustos modos. Era verdade que eu não corria tanto como outros, mas se acaso corria, o efeito de correr, logo dessa vez, não era critério que prestasse. Inexplicavelmente, também o meu nome desaparecia das sortes que eram feitas com sementes e papéis, e fosse como fosse, por mérito ou acaso, raramente conseguia atingir o nosso tio. Se era por fila, ficava no fim dela, olhando a felicidade que era dada aos outros, sabendo antecipadamente que o tio Fernando haveria de se cansar antes de chegar a minha vez, e a certeza dessa desgraça impedia-me de falar. Abalava então do cenário das disputas, antes que todos os outros se cansassem, e durante um minuto, a vida afigurava-se-me triste como o breu. Porém, devagar, no interior da esperança, eu ia inventando uma outra forma de me aproximar da Instrumentalina.

Era uma forma limitada. Esperava que o tio se sentasse à porta, debaixo das parreiras, e sendo por sistema relegada para a periferia do grupo, podia ir buscar, antes de todos os outros, os objetos de que necessitava, mal se manifestasse. A faca, o lenço, o arame com que desentupia a bomba de ar. Ou mesmo quando não se manifestava. Sem dizer nada, como se fosse muda, procurava-lhe o pulôver antes que tivesse frio, arrumava-lhe as ferramentas antes que pedisse, e tendo percebido que apreciava lavar os pés antes do jantar, trazia-lhe a bacia com a toalha e o sabão. Como nessa altura já os outros tinham desaparecido para qualquer sítio, então eu esperava que ele terminasse a sua limpeza de crepúsculo, tomava-lhe a bacia, deitava fora a água, e estendia a toalha no arame. O estendal ficava nas traseiras da casa, àquela hora era já completamente escuro, e o meu coração batia com a força dum martelo dentro do peito. Contudo, superando o medo, corria na direção da luz, e vinha colocar-me perto da porta do compartimento onde o tio estivesse. Mas não entrava, só espreitava, esperando uma nova ocasião de ser prestável, sem ser vista. Aliás, não era preciso esconder-me, pois a certa altura eu tinha sido tomada da certeza de que o tio Fernando, mesmo que se esforçasse e me quisesse recompensar com uma palavra que fosse, não poderia fazê-lo, porque não me via. A minha dúvida consistia apenas em saber se lhe era opaca como a porta ou transparente como o ar. Pensava eu, depois de meus invisíveis gestos serviçais. Um dia, porém, haveria de chegar a minha vez.

Foi duma forma inesperada, quase sem sentido. O fim de um março seco havia trazido uma primavera estranha, cheia de sol antes do tempo, e num domingo perto do calmoso, o tio tinha feito sair bastante cedo a Instrumentalina. Lavara-a, limpou-a, e como para os passeios grandes, havia amarrado à grelha uma pequena almofada de cadeira. Depois havia olhado para o céu onde apenas umas nuvens ligeiras iam passando, como se fosse verão. E então, tomando o seu boné e a sua Kodak especial, escolheu um de entre os seus sobrinhos, e entre eles, para surpresa de todos, a escolhida era eu.

“Essa agora!” – tinha dito o tio. “Pois porque não há-de ir ela, se nunca foi?”

Era difícil acreditar no que os meus olhos viam. A rua começava a afastar-se, e o portão onde os primos permaneciam imóveis ia ficando definitivamente para trás. Os campos planos passavam dum lado e de outro, devagar, desprendendo-se cada vez mais das redondezas da casa da campina, e seu verde

serôdio, perto do queimado, perdia-se de vista. Com as mãos agarradas à cintura dele, tombando para a direita e para a esquerda como sobre um cavalinho que voasse, corríamos e corríamos sem parar. Correndo, sentia as pernas do meu tio girarem, e a sua camisa encher-se de ar, à medida que corríamos. E a terra a mover-se e a passar. Mas até onde correríamos nós? Acaso poderíamos correr indefinidamente assim? Se não, porque não? De repente, a terra plana ganhava um declive, uma mancha de verdura era mais intensa, e aí o nosso tio, apeando-se, encostou na berma da estrada a Instrumentalina.

“Vem cá!” – disse ele.

O cômodo que se elevava depois da depressão não era só verde, não. A seguir a umas ervas densas, a cor da relva dava lugar ao branco, e o branco ao amarelo, pois encontrávamo-nos num extenso campo de surpreendentes margaridas. O meu tio retirou a máquina fotográfica do seu estojo, fez experiências contra o sol, fechou os olhos, tapou os olhos com a pala do boné, andou às arrecuas, para os lados, correu, ajoelhou, e depois, finalmente, mandou-me que o olhasse.

“Mas antes colhe um ramo de margaridas!”

Colhi-as, fiz um ramo, olhei para ele contra o sol, de lado, sentada no meio das flores, de perto, de mais longe, com e sem chapéu, e quando cheia de soberba por me sentir rainha, olhei de três quartos, com a boca unida, cheia de silêncio, o meu tio gritou.

“Isso, isso, não te mexas, Greta Garbo!” – E depois, o meu tio, que só tinha doze chapas, disparou as seis que lhe restavam. Em seguida, deitou-se sobre a relva e falou demoradamente duma mulher divina cujo olhar tirava o sono de quem a visse. Um dia, também eu haveria de vê-la e aprender com ela a fixar o olhar numa coisa distante que não havia. Um dia, um dia... Até que se fez tarde no campo das flores. Partimos.

Ah! Instrumentalina corredora! Regressar só seria bom se tivesse sido na direção dum local donde nunca se visse a porta de chegada. Mas de que modo dizer isso ao tio Fernando, se ele me levava de volta exatamente para a sombra das parreiras, como se fosse um destino inevitável? Levava-me para onde de novo seria dividido aos pedaços pela sofreguidão dos oito primos. Lá estavam eles aos saltos, esperando-nos, e ainda antes de chegarmos já me afastavam do selim. Afastavam-me, sim, mas não conseguiriam afastar aquela tarde. Aliás, as fotografias colhidas no campo das margaridas haveriam de me aproximar do tio duma forma singular, já que, depois de reveladas, elas passaram de mão em mão como prova do local onde ambos tínhamos estado, e gostando delas, tinha acabado por colocá-las no seu arquivo pessoal. Mais ainda. Como se o destino quisesse agora recompensar-me do tempo em que havia sofrido duma discriminação injusta, o tio Fernando haveria de vir ocupar o quarto contíguo ao da abóbada. Era então possível, à noite, ouvi-lo bater nas teclas da sua máquina e assistir pela manhã ao rodado da corrente da Instrumentalina. Por vezes, deixava-se dormir até tarde, ao contrário do meu sono que desde o campo das margaridas, pela manhã, se tinha tornado leve como a sombra. Saberá o meu tio dessa mudança? Certa vez, entregou-me o seu relógio e pediu-me que o acordasse a determinada hora. Pude então ver que dormia de bruços, e as suas costas nuas saídas do cobertor, musculadas como um escudo, resplandeciam na penumbra do quarto repleto de instrumentos. Era uma honra semelhante a possuir uma coroa de princesa, poder debruçar-se uma sobrinha sobre a orelha de seu tio e acordá-lo, chamando-o de tão perto – *Acorde, tio! Querido tio!* Mas nesse dia, mais precisamente, na tarde desse dia, como se uma curva ascendente tivesse atingido o seu limite, o avô bradou por mim de forma desusada, e depois de pousar o púcaro, segurou-me pelas costas.

“Gostas muito do teu tio, não gostas, pequena?” – perguntou-me.

Sim, eu gostava do tio, e também das suas máquinas, a de escrever e a de fotografar, mas sobretudo da Instrumentalina. Confessava-me ao avô por amor do tio.

“E sabes que se quer ir embora?”

Não, que se queria ir embora, isso eu não sabia.

“Pois quer...” – disse o avô, cheio de pesar, apertando-me as duas mãos. “Quer e não vai ser fácil retê-lo, a menos que alguém me dê uma ajuda para valer!”

O avô tinha retirado do interior do seu colete uma pataca de veludo e de dentro dela fizera sair uma pequena moeda cor de oiro, colocando-a na mão – “É tua, se me quiseres ajudar, fazendo desaparecer a Instrumentalina! Porque devemos impedir que ele se vá, fazendo-a desaparecer. Tu poderias encarregar-te disso. Fazias assim. Quando ele estivesse a dormir aqueles sonos que não têm fim, tu pegavas nela com toda a tua força, e devagarinho, devagarinho, levava-la até à nora. Em aí chegando, procuravas o lado do gargalo que está desmoronado e por lá, com muito cuidado para que ninguém te visse, empurravas a Instrumentalina. Dentro da água da nora, desaparecia para sempre. Se estiveres de acordo, a tua recompensa está aqui!”

A moeda de facto era brilhante, redonda, feita da matéria dos anéis e chamava-se meia libra, mas eu não me sentia inclinada para aquele negócio estranho. Fazer desaparecer a bicicleta do tio parecia-me uma monstruosidade semelhante a fazer adoecer ou matar o próprio tio. E por isso, quando finalmente a conversa envenenada do avô terminou, e se tornou possível confirmar que o tio passava naturalmente pelos corredores, e que a Instrumentalina ainda existia intacta, pronta para a corrida desse mesmo fim de tarde, uma alegria sem limites me invadiu, como se eu mesma agora fosse responsável pela felicidade que se vivia e tocava a todos igualmente. *Não quero uma moeda de ouro, não quero uma moeda de ouro!* – cantei atrás das parreiras para que o avô ouvisse, mas estava prometido que não passaria dessa breve cantoria, pois se me tinha falado a mim e não a outro, era por eu gostar de cumprir os meus segredos.

“Tio! Já posso trazer para fora a Instrumentalina?”

Mas a cabeça do avô agora possuía um outro brilho. Uma das noras barbeava-o amiudadamente, e depois da sesta, mudava de chapéu como se esperasse alguém. Olhava para longe, espreitava os rumores da estrada e mandava abrir o portão de par em par, mesmo quando ninguém ia sair. Num sábado de tarde, porém, o enigma viria a esclarecer-se com a chegada de duas mulheres irmãs, ruflando no banco de trás dum Citroën cor de cinza. Uma delas trazia um anel no dedo com uma pedra preciosa do tamanho dum bago de romã. A outra, não. Mas ambas usavam as bocas cor de lacre. Os seus vestidos brancos, tufados, tinham pedaços de organdi e as suas saias atravancavam a casa da entrada onde os chuvões floriam. Quando se sentaram nas cadeiras muito altas da saleta, as suas permanentes tinham o volume de repolhos, delas se desprendia ainda um forte cheiro a óleos queimados, e nas suas testas ainda se viam os sinais dos bigodis. Todos aqueles cabelos brilhavam como se tivessem sido lavados com azeite. A que não tinha anel e fechava um dos olhos como se entre as pestanas quisesse pescar um peixe que se não via, era por certo mais velha do que a outra e para ela convergiam as atenções de todos. Mas o sentido da sua visita só ficou completo quando mandaram chamar o tio Fernando.

O homem que tinha chegado a conduzir o Citroën, ao lado de sua mulher, também ela imitando as duas filhas, olhou para o delgado corpo do meu tio e nem mais dele tirou a vista. A sua fala roçava, ia e vinha, prometia, criava em torno do vinho que lhe era oferecido uma solidariedade mais profunda que família, e no centro das conversas onde havia grandes risos, corada, encontrava-se a mulher sem anel a quem chamavam já de minha futura tia. Quando voltaram pela segunda vez, as permanentes delas tinham murchado, bem como as saias dos vestidos, mas não a sua poderosa determinação e alegria. As nossas mães abriram a grafonola, e em vez de dois, três pares de mulheres dançaram e cantaram debaixo do parreiral. Os primos comiam bolos nunca vistos. Era verdadeiro então o pressentimento que me dominava de que aquelas pessoas tinham vindo substituir o plano do desaparecimento da Instrumentalina. Contudo, era tão outro o plano e tão vasto, com tanta gente à mistura, incluindo um automóvel de permeio, que a imaginação não dava conta do que teria sucedido. E assim sendo, o tio Fernando ia casar.

Mas em que consistiria casar o tio Fernando com uma mulher? Levá-la-ia a ela, à rapariga ainda sem anel, na Instrumentalina? Sentá-la-ia num campo de margaridas para a fotografar? Pedir-lhe-ia que o acordasse tocando-lhe nas costas que brilhavam? Teria ela o direito de entrar no quarto onde ele dormisse sem bater à porta? A aproximação daquelas duas pessoas tão afastadas, que nunca tínhamos visto a sós, parecia ter vindo derrotar alguma coisa de mais fundo do que uma simples convivência. Contudo, certa vez, a cara do homem que conduzia o Citroën cor de cinza vinha diferente.

As raparigas, também. Tinham-se sentado direitas, com as permanentes escorridas, as bocas pintadas unidas, como se não pudessem proferir uma palavra, e o condutor do automóvel foi direto ao assunto, pois dispunha de várias queixas. Era pegar ou largar. Uma rapariga abastada com um nome a defender não podia desperdiçar a sua virtude, vindo visitar um noivo que passava as tardes em cima duma bicicleta de corrida. O dever era precisamente ao contrário. Ele, e não ela, deveria fazer aquele caminho até ao casamento. Mas compreendendo todos a delicadeza da situação, haviam dado passos, haviam-se humilhado. Porém, o período de condescendência tinha chegado ao fim. Ali estavam finalmente para ouvir da boca do Fernando o que queria, se queria e quando queria. A sua filha mais velha era uma herdeira, não era um trapo. E se de facto haviam combinado para ele a doação dum triplo dote, existiam limites para a dignidade e a paciência. O tio, porém, nessa tarde, a braços com um arranjo na Instrumentalina, apareceu de mãos cheias de sebo como os mecânicos, completamente estranho ao estratagema.

“Meu Deus, mas porquê eu, Pai? Porquê?” – perguntava ele, diante das jovens estarecidas.

Então elas levantaram os farfalhudos assentos das cadeiras, e com seus narizes abertos de indiferença, ocuparam os lugares no carro que partia, levando atrás de si a esperança do avô. De facto, descomandada, a casa ruía como um baralho que se dispersasse, diminuindo as vendas, aumentando as compras, morrendo animais de tiro que não havia para substituir com a mesma qualidade. Os seirões do trigo tinham-se enchido de gorgulho, e nas redondezas as moagens fechavam como se estivessem combinadas. Os jornaleiros já não trabalhavam sol a sol, e por isso o rendimento era escasso, além de que a maior parte deles também estava sucumbindo às miragens da partida. Entretanto, as nossas mães suspiravam por seus maridos, sentindo que uma ruína muito mais vasta do que a familiar vinha a caminho como uma maré inevitável, e a sua infelicidade fazia-as esquecerem-se dos pães dentro do forno. Para o seu sogro comum, porém, só havia um ser culpado da vasta ruína humana que chegava – seu filho Fernando, o indiferente a terras e mulheres, o prisioneiro da Instrumentalina. Mas bem se ralava ele pelas culpas que lhe atribuíam. Nunca como depois do desaparecimento daquelas duas raparigas, levadas pelo carro, o tio se entregara com tanta subtileza à sua bicicleta de corrida.

Agora media o tempo de metas com cronómetro e batia recordes a si mesmo como se se dividisse em vários corredores. E não contente com a velocidade, fazia piruetas, cavalinhos, andava de um só lado como em patim, criava pinos e simulava quedas das quais saía ileso como nos circos os acrobatas. Vendo-o em tão boa forma, o nosso delírio não tinha piedade por ninguém nem tinha fim. Mas um dia de manhã de sol brilhante, a casa ergueu-se num alvoroço, pois a Instrumentalina havia simplesmente desaparecido. Meu Deus, onde estava a Instrumentalina? O tio havia-se deitado no divã do corredor, de olhos abertos, sem pestanejar, e todos os primos estavam em volta para o assistir, embora eu pessoalmente suspeitasse que entre eles havia um que possuía no bolso uma moeda de oiro. Contudo, estava longe de ser fácil decidir. Não era verdade que o avô me tinha dito que o desaparecimento da bicicleta poderia prendê-lo a casa? E como? Na minha ideia, a Instrumentalina em vez de o afastar ligava-o a nós como nenhum outro objeto. O raciocínio do avô parecia-me não ter lógica e, no fundo da minha agitação, tudo se resumiria a uma vingança de pessoa ressentida. Pelo contrário, era preciso prendê-lo à estrada, devolvendo-lhe a Instrumentalina.

“Eu sei onde ela está!”

Lembrava-me, como se tivesse acontecido um dia antes. A princípio, o tio não tinha acreditado, mas depois eu insisti e todos nos dirigimos para a nora, sob o olhar indiferente do nosso avô. Não me enganara. O tio munira-se dum espelho, e rodando-o entre a mão e a incidência do sol, pôde descobrir de facto, no fundo da água verde, há muito estagnada, o brilho dos raios da Instrumentalina. Também me lembrava da sua pescaria. Tinha sido necessário colocar uma escada, deitar várias fateixas e chamar os jornaleiros admirados, até que, escorrendo limos e panos podres, a bicicleta foi içada como um naufrago. Partida, convertida num monte de sucata, a triste parecia um ser humano de pescoço torcido sobre as ervas. “Nem mais, nem mais...” – dizia ele. Mas o seu desgosto foi sobretudo intenso quando percebeu que as suas quatro cunhadas, dois dias antes, haviam recebido cada uma delas sua meia libra de oiro. Não, nunca mais esqueceria.

Como poderia esquecer? Os sons da casa tinham mudado completamente e agora, quando de noite se ouvia bater à máquina, sabia-se que ele escrevia alguma coisa de definitivo que nos parecia ser para longe. As cartas que ele mesmo ia deitar na mala do correio não podiam conter outra matéria que não fosse a de fugir. Conversávamos em voz baixa sobre o assunto, pois já todos tínhamos ouvido falar na força do destino. E de facto, desde que se perdera a Instrumentalina, havia quem viesse buscar o tio em transportes extravagantes, pois sendo cada vez mais rápidos, demoravam a regressar indefinidamente. Mas iria? Não iria?

“Como é que vai?” – tinha dito uma das tias, empinando os peitos onde se enterrava um broche para nada. “Nem sequer ainda fez vinte anos!”

Nessa altura, os figos amadureciam roxos como beringelas e eram grandes como punhos, bem como as uvas cujos cachos pendiam do parreiral, e essa ilusão de fartura provinda das traseiras havia melhorado o ambiente da casa prisioneira da campina. As cestas andavam pejadas de fruta saborosa. Como uma maré ou a ondulação do vento nas espigas dum cereal, a esperança ia e vinha, incapaz de se manter tranquila. O tio parecia deixar de reter o seu ressentimento sob a frescura do verão a terminar, e havia mesmo acabado por falar com o avô, a mãe e as tias, pela noite fora, como antes. Palavras mais ou menos soltas, brincadeiras dele onde havia pequenas gargalhadas. Talvez tudo mudasse, talvez. Só que eu tinha-o acompanhado ao campo das margaridas, conhecia-o melhor, ou dispunha dum outro pressentimento deixado pela mágica das fotografias. Alguma coisa do tio não era o tio, naquele serão demasiado conciliador para ser verdade. Lembrava-me agora, anos depois. Como me lembrava, aguardando, em frente da porta do amornecido bar do hotel! De madrugada, eu tinha ouvido a porta fechar-se demasiadamente devagar para ser por bem. Saí do quarto da abóbada, sem sapatos. Coloquei-me diante do tio. Estávamos no corredor.

“Chiu!” – fez ele.

Mas era difícil o filho mais novo do avô desembaraçar-se de mim. Encontrava-me em camisa de dormir e descalça, e ele não queria deixar-me vestir, para não acordar ninguém, nem queria levar-me consigo para poder partir em paz. O tempo era o tempo, e alguém o esperava afastado da casa, num carro cor de grão.

“E agora? Que faço eu a isto?” – perguntava o meu tio, referindo-se a mim, quando ambos chegámos junto de um homem que eu nunca tinha visto.

“Põe-na aí atrás.”

“E depois?”

“Depois, eu trago-a de volta.”

Era de facto madrugada. O comboio apareceu com seu olho grande, fazendo estremecer a linha e a estação. O tio levava uma pequena mala e deu um abraço demorado ao seu amigo. Depois elevou-me nos

seus braços de rapaz e apertou-me de encontro ao peito, durante um instante. Passou a mão pelos meus pés descalços. “Volto logo, miúda. Vou e volto. Logo, logo.”

Mas seria mentira, absoluta mentira o que o meu tio dizia.

O antigo dono da Instrumentalina tinha subido os três degraus do comboio, havia entrado, e depois, acenando, acenando sempre, desaparecera no perfil da carruagem. Assim desaparecera. Durante anos, vários anos, havia quem dissesse que o tinha visto em Caracas, Buenos Aires, Sidney, o fim do mundo. Outros falavam que se tinha casado perto de Nova Iorque e conduzia carros do tamanho de traineiras. Havia quem dissesse que vivia bem e quem espalhasse que vivia mal. Um outro jurava ter confraternizado com ele num restaurante giratório, o mais alto duma cidade, face a um lago imenso. O nosso tio fora-se transformando assim numa figura dispersa pela Terra como um espírito. E como um espírito que se não vê nem age, mesmo que exista, morre tal qual um deus que se não mostra. Ainda havia quem tentasse. Tinham chegado a trazer-nos fotografias que diziam ser suas, mas, confrontadas com o nosso reconhecimento, percebia-se que não eram, pois dele, escrita pelo punho dele, ou pela sua máquina de escrever, nem um sopro, nem um traço, nem uma linha.

Nem uma linha?

Corrijo. Passados trinta anos, o tio tinha deixado escritas duas linhas num cartão onde havia o timbre duma firma de motores. O rapaz da recepção do Royal York Hotel tinha-mo dado à hora do almoço com a chave e outros recados. Era difícil compreender aquelas palavras escritas. Não que não estivessem desenhadas na mesma língua que havíamos usado na casa da campina, mas porque elas falavam dum afeto tão interrompido que eu havia tomado por amortalhado e, agora, ressuscitando numa cidade tão longe da terra da poeira, aquelas surpreendentes linhas não me pareciam ser verdade. Por isso, eu tinha vindo cedo sentar-me no bar, diante da porta transparente, ainda incrédula de que uma vida fosse suficiente para assistir a uma revolução inteira da Terra sobre si. Acaso o dono da Instrumentalina não teria sido um sonho destinado apenas a fazer crescer pessoas indefesas? Era a hora exata, marcada no final das duas linhas deixadas por ele no cacifo, e a sala estava cheia de gente loira como palha, derretendo, ao calor da lareira, a alegria contida pelo gelo. Uma coisa fria, como se o meu coração se dirigisse não para um homem mas para um lago, empurrava-me a vista na direção do bengaleiro. Preparava-me para um encontro singular como nunca havia imaginado ser possível. Ele ali estava. Devagar, um cavalheiro de meia-idade, atrás do vidro transparente, retirava o seu abafo, dobrava-o, entregava-o com as luvas, e abrindo a porta, como quem acaba de correr numa bicicleta, poisava o seu olhar mediterrânico na minha mesa.

“Cresceste, miúda, cresceste. Mas a tua cara é ainda a mesma...”

Conseguiu por fim o tio dizer, duma só vez.

O CONTO DO NADADOR

Antes, a Natureza era muito mais benigna com as mulheres. Não só as fazia mais formosas como lhes atribuía graças escondidas que um homem demorava a entender. Procurar atingi-las podia constituir a finalidade de vida de um mancebo, e muitos desse modo se salvavam dos vícios do roubo e da mentira, ou pior do que esses, os da comida, da bebida e dos paraísos artificiais. Mas Deus, que tem descurado a manutenção dos rios e das florestas, e até deixou contaminar as chuvas, acabou também por deixar conspurcar as mulheres. Agora elas chegam à praia idênticas aos homens, vestidas de borracha no inverno e nuas no verão, e montam nos *skates* sem graça feminil nenhuma. Vendo bem, nada as distingue deles, a não ser pequenas marcas que ainda ficaram, só para se dizer que por aqueles sinais suas mães foram seres gentis. Ele, felizmente, ainda foi do tempo das mães dessas mães.

Chama-se João Desidério, e com muita honra, é agora o dono do Hotel Paraíso, pequeno estabelecimento de pedra e cal, levantado no preciso sítio onde antes se erguia um bar de madeira. Muitos se lembram dele. Por ser semelhante a uma caixa de sabão, naturalmente havia sido batizado de Caixote. Mas na soleira do velho bar, uma pessoa podia sentar-se para sacudir a areia das sandálias e nas suas janelas os banhistas penduravam as toalhas enquanto tomavam limão. Agora o hotelzinho branco com varandas rendilhadas e toldos azul-tuaregue tem um alpendre grátis para guardar as máquinas de *surf*. O estabelecimento é diferente, e o dono é outro, mas o lugar tem o mesmo espírito de acolhimento. Deus também tem deixado que esse espírito se conspurque. No entanto, enquanto houver pessoas com a alma larga de João Desidério, sempre existirá à face da Terra a lembrança dum tempo muito antigo, em que não havia guerra e as pessoas só viviam para a doçura do Amor. É assim que ele pensa, tomando gin e vendo partir um bando uniforme de gente, agarrada indistintamente a um patim imenso, na direção das ondas do mar. Para esses ninguém olha, já ninguém perde o seu tempo, o mundo deles não tem mais interesse. Antes, sim, macho e fêmea eram diferenciados, e as mulheres, essas, eram prova duma divina graça.

E contudo, por vezes, eram tão novas que não se percebia como haviam aprendido tanta gentileza em tão poucos anos. Ali, exatamente àquele local, aportavam elas por meados de julho, vindo umas do Colégio do Santíssimo, outras do Liceu Nacional, outras ainda diretamente do seio das suas famílias, e mal acabadas de enformar, já sabiam tudo o que uma mulher deveria saber. Também os seus corpos redondos tinham verdadeiras formas de gente sadia, e o modo como andavam, de braços muito juntos e pernas muito unidas, até de longe as fazia capitosas. Mas João Desidério falava assim porque nesse tempo as havia estudado demoradamente. Sabia por exemplo que, debaixo do que se via e se mostrava, havia sempre uma outra realidade que era maravilhoso atingir. Ainda o velho bar não passava então dum local abarracado de indistinto acolhimento, com sua forma cúbica de caixote, e já ele as observava, quando desciam em bando, pelas onze da manhã. As dissimuladas pareciam não olhar para ninguém, como se nada lhes importasse. O que era falso, porque elas metiam os pés na água, mas os gritos agudos que produziam não se dirigiam contra o mar. Aliás, elas gritavam e sacudiam as cabeleiras, quer o Oceano estivesse quente e as ondas brancas fizessem pás da altura dos pátios, quer estivesse azul da cor do cobalto, frio e silencioso como um rio tranquilo. Todos sabiam isso. Nesse tempo, o espectáculo do

corpo da mulher era raro ou reservado. Quando as raparigas se aproximavam das ondas, a praia inteira levantava-se para ver. Passaram muitos anos, mas o dono do Hotel Paraíso lembra-se como se ocorrera anteontem.

Lembra-se sobretudo do verão de 1955, e sabe muito bem porque se lembra. Recordava-se desse modo, porque então o mundo, a sociedade, o sono, tudo era mais perfeito. Nesse ano, a praia tinha-se enchido de gente boa. O mar parecia rir a toda a largura do horizonte. As mulheres não só vinham lindas como traziam no seu corpo uma energia invulgar. Passavam em bando, ao largo, diante do Caixote. Uma explosão de atos parecia incendiá-las. Primeiro despiam-se, depois arrumavam as roupas em cima dos cestos como se estivessem dentro duma casa, mas só em seguida começava o grande momento. Eram imensas. Postas em fila, davam as mãos, avançavam unidas, depois simulavam cair. Quando a água lhes tocava na cintura, algumas delas sentiam ansiedade e corriam para a areia. As outras riam, simulavam tropeçar, levantavam-se e vinham buscá-las diante da multidão em pé. E elas fingiam que não davam por nada, embora soubessem que os seus corpos eram trespassados pelos olhos da praia. Por isso regressavam ao banho a rir, caindo à entrada, rebolando-se no cascalho da areia. Nesse ano, uma delas, a mais esguia, quase sabia nadar. As outras, não. Mergulhavam o corpo só até aos ombros e de braços levantados moviam as mãos, mas era como se se encontrassem acenando do interior dum sofá. Aliás, nesse tempo, o mar era um divã imenso feito de água. Quando a segurança completa se encontrava ameaçada por uma vaga, uma planta flutuando, uma sombra ou mesmo um pequeno peixe que fosse, chamavam pela que quase sabia nadar e as outras tomavam por atleta. Caíam, gritavam alto. Para logo voltarem a dar as mãos e saírem criando um lastro de espuma em seu redor. A praia inteira ficava a ver. No seu caminho havia crianças e adultos, chapinhando aqui e ali, mas esses faziam parte duma paisagem inerte. Só as raparigas contavam. Os seus gritos eram de gaiotas. As ancas molhadas eram redondas, as barrigas lisas, os peitos tensos. Ao atingirem a areia, por onde se espalhava a frente de espectadores, sacudiam-se pela cintura, como se quisessem dividir-se em duas partes, e pelo cabelo, como se quisessem desprender-se dele. Então abriam os cestos junto às ondas, de dentro deles retiravam os pentes e estendiam-se sobre as toalhas. Penteavam-se com os braços levantados e empurravam-se umas às outras. Depois, esticavam-se ao sol, batendo o queixo como se estivessem frias. Mas não estavam frias, não. As raparigas alongavam-se, fechavam os olhos, colocavam conchas sobre as pálpebras, e em fila, deitadas, recebiam o calor do olhar. Só depois, se levantavam e subiam, cansadas, na direção das casas salgadas dos pescadores, alugadas por dois meses inteiros. Para de lá saírem, três horas mais tarde, completamente vestidas, com chapéu, saco e sandália.

Mas ele era um observador. Ele sabia, por exemplo, como depois da sesta, limpas e perfumadas, com o sol ainda a meio da areia, lhes chegava uma tristeza indizível. Via-as passar lentas, caladas, e quase imóveis, irem sentar-se na sombra da rocha, sem nada de útil para fazer. Nada, absolutamente nada para contar. Sentado a uma mesa do Caixote, João Desidério compreendia-as. O que elas queriam era que uma cabeça se encostasse nos seus colos, ou uma mão lhes afagasse os cabelos. Se isso acontecesse, elas ficariam paradas, recetivas na sua imobilidade de mulheres, esperando. Mas na verdade, os homens que de manhã as observavam, de tarde eram tomados duma distância intransponível. Os mais velhos colocavam-se à distância, atrás das janelas do bar onde jogavam póquer, ensonados por ligeiras pielas que os faziam dizer pragas. Os mais novos, como se as não vissem, entregavam-se a jogos de movimento. Acotovelavam-se, agarravam-se, insultavam-se, passavam bolas pelo ar, perdiam-nas, recuperavam-nas, por vezes batiam-se, criavam balizas, cestos imaginários, lutas que não tinham fim. Exibiam-se. Mas entre a exibição delas e a exibição deles, afinal, nenhum corpo se encontrava. Como se estivessem ali, uns diante dos outros, exatamente para não se verem. Havia mesmo os que desciam à praia armados de mochila como se a sua luta vespertina fosse mais do que uma luta. Para as raparigas deveria parecer a

simulação duma guerra. Falando assim, o dono do Hotel Paraíso não se lembra muito bem, se o auge de tudo isso ocorrera no verão de 1955, se no de 1956.

A verdade é que ocorreu – Ele está sentado, de camisa branca sob o toldo azul do pátio, tomando o seu gin tónico e lembrando-se. Lembrando-se perfeitamente da tarde, não do ano, em que cinco raparigas, de entre todas as mais ágeis, combinaram abandonar a zona do bar e dos barcos para passearem para além dos Olheiros. Pobrezinhas. Fechadas depois do banho, dentro das casas pequenas dos pescadores, e limitadas pela praia tranquila balizada por rochas como vigias, as raparigas desejavam andar, afastar-se daquele cenário repetitivo da tarde, onde elas e o corpo delas eram esquecidos, ambicionando passear junto ao Oceano até mais não poder. Para tanto, teriam de atravessar as rochas chãs por onde escorria água doce que se misturava com a do mar, dobrar a última rocha alta que marcava a zona do Barlavento, e só então entregar-se à delícia da planura que se estendia até perder de vista. Faziam bem, faziam muito bem. Era uma fuga, uma vingança, um desprendimento face àquela cobardia que a tarde trazia depois do furor do banho. João Desidério lembra-se de todas, enquanto beberica do copo gelado – Uma delas era esguia e quase sabia nadar; uma outra, a mais branca, escrevia cartas; a terceira tinha um sinal peludo na virilha; a quarta tricotava um pulôver com cinco agulhas; e a quinta usava pulseiras nas quatro extremidades do corpo. De todas, contudo, só se lembra do nome da primeira, Delfina, a que por vezes conseguia perder o pé. No cesto que cada uma levava havia um baralho de jogar. Mesmo assim, quando chegaram pela primeira vez junto da Pedra Baila, tinham apanhado calhaus e arremessando-os, gritaram – “Oh, Meu Deus! Não temos nada para fazer!”

Mas não era verdade. Qualquer paraíso é demasiado belo para que junto da árvore da vida a pessoa possa entreter-se com futilidades. E ali ninguém vigiava como ocupariam o tempo. Tinham começado por tirar os chapéus, os óculos e os vestidos e ficar em combinação diante da água. E já que estavam sozinhas e tinham a tarde toda para secar as bainhas, porque não se aproximavam da beira? Tinham-se aproximado. Mas uma onda que parecia pequena engolfou a garganta junto da rebentação, encrespou, cuspiu e molhou-as. Ora ao contrário dos escuros fatos de banho, as roupas interiores, brancas e molhadas, colaram-se ao corpo e ficaram transparentes como véus. “Que horror!” – disseram, vendo-se assim. E para não se verem, entraram na água, saíram da água, acoraram-se junto da última onda que as cobria, gritando umas para as outras, o que era o mesmo que gritarem para si sós. Até que saíram para a areia, se enxugaram sobre os vestidos, e quando apareceram ao cair da noite na praia, era como se tivessem dormido em camas estranhas, sem testemunho de ninguém. Mas o percurso era bom, a evaporação agradável e o cansaço de que foram tomadas assemelhar-se-ia a um doce torpor. Por isso as cinco raparigas repetiram no dia seguinte, e ainda no outro e noutro. Repetiram o percurso e o banho, completamente isoladas no areal do lado nascente. Só que, certa tarde, enquanto se enxugavam, as raparigas perceberam que não estavam mais sozinhas. Um homem bronzeado, com uma toalha vermelho-escarlata ao ombro, observava-as do alto da falésia.

Surpreendidas, olharam para diante, na direção da linha do horizonte onde passavam traineiras, e disseram umas para as outras que um selvagem acabava de lhes retirar o enorme prazer de se sentirem sós. Não poderiam mais ali voltar com aquele *voyeur* sentado nas ervas. E zangadas com o destino, puseram os vestidos sobre as combinações molhadas, regressando a grandes passos, areia fora. Mas de vez em quando, olhavam para trás e o homem da toalha escarlate lá estava, seguindo-as com o olhar. Já ele era só uma figura diminuta, desaparecendo ao fundo, e ainda assim, se percebia que o homem continuava prisioneiro delas. Quem era, e o que queria? Tinha perguntado a que fazia o pulôver. Sim, quem era? Talvez nunca soubessem. Talvez no dia seguinte o homem não estivesse mais lá. Só saberiam se voltassem. Então voltaram, e o homem da toalha vermelha encontrava-se em pé, ameaçando-as no mesmo local.

“Despimo-nos?” – tinha perguntado a das cartas.

“Não!” – havia respondido a das pulseiras.

“Sim, despimo-nos. Que nos interessa a vida dos outros?” – tinha dito Delfina, a que quase sabia nadar.

E essa mesma, enrolando o cabelo, fora a primeira a entrar na espuma. As outras quatro deram-se as mãos e entraram também. Agora que a linha da falésia estava povoada por um homem, os seus gritos tinham outro fulgor. Bradavam, caíam, arremessavam água com as palmas das mãos, a que quase sabia nadar afastava-se, voltava fazendo amplas pás com os braços. O seu coração batia. As suas roupas estavam transparentes. Não se importavam. Nenhuma delas tinha a ver com o homem plantado no alto da falésia. Quem seria? Teria uma casa, uma profissão, um carro, uma mulher, uma cozinha? – Interrogavam-se, com as cabeças no chão. Mas a ideia de que aquele homem, que as olhava fixamente como se fosse um farol, pudesse ser uma pessoa comum, com pai, mãe e uma história, comprimia-lhes naturalmente o coração.

“Concentrem-se e pensem só que nos olha, que nos olha, que nos olha...” – tinha dito a que escrevia cartas e as enchia de repetições. “Nunca vamos saber para qual de nós está olhando....”

“E é preciso?” – perguntou a que quase nadava. Sabia que se destacava das outras, embora uma delas tivesse um sinal na virilha. Delfina entrava no mar de combinação branca, virava-se, revirava-se, olhava de longe, sabia que nessa altura, estando as outras quatro a banhar-se de assento, ela se distinguia entre todas. Os olhos do homem dirigiam-se para ela. Experimentando quase nadar ao longo da costa, percebia que o rosto dele a seguia. E por isso não pôde deixar de rir, quando atingiu o grupo das quatro e compreendeu que todas pensavam igualmente que o homem da toalha escarlate se encontrava lá em cima, por cada uma delas. Eram loucas.

Segura de si, havia dito, com a sobranceira dos escolhidos – “Que estúpidas! Ele está além pelo género humano!” A que tricotava o pulôver havia-a olhado de soslaio, espetando as agulhas na areia. A que escrevia cartas achou que a frase ficaria bem na boca dum personagem cínico. A que enfiava contas perdeu duas que se sumiram na areia. Os nomes que dirigia às contas englobavam mentalmente a insolência da que sabia nadar. João Desidério não localiza bem em que verão sucedeu. Lembra-se, contudo, de certos detalhes como se tivessem ocorrido ontem.

Mas a promessa dum homem imóvel sobre um penhasco, como uma estranha esfinge, de toalha ao ombro, não merecia uma zanga de mulheres. A que tinha o sinal peludo na virilha começou por dar o exemplo. Juntas, como se nada as pudesse separar, pegaram nas roupas, caminharam pela orla, vestiram-se e arrumaram os cestos. Antes de entrar na praia, viraram-se. Havia um ponto negro e vermelho sobre a falésia. Ele lá estava. “Um dia perguntamos-lhe o que quer de nós” – disse a que usava pulseiras nos quatro membros como os escravos. “Se lhe perguntarmos, não nos responderá” – disse a do sinal. “Mas se tirarmos as roupas todas, mesmo que não lhes digamos uma palavra, aí saberemos o que quer de nós”.

“Amanhã, se ainda estiver, tiramos as roupas...” – disse a que quase sabia nadar, presa do ponto negro. E aguardaram pelo dia seguinte.

Sim, sim, as mulheres tinham então um perfume especial, uma graça que as fazia irresistíveis. Aprender a resistir-lhes podia ser uma tarefa para toda a vida, o objetivo primeiro do coração dum homem, o condimento da sua luta pelo segundo objetivo que é o oiro brilhante do dinheiro – Lembra o dono do Hotel Paraíso. E lembra bem. Porque no dia seguinte, não só elas haviam decidido dar um passo definitivo. Também o *voyeur* tinha preparado a aproximação, de tal modo que, mal dobraram a rocha dos Olheiros, puderam ver que a toalha se encontrava estendida no caminho que teriam de tomar, se desejassem despir-se no local costumado. Vermelho-viva, retangular, muito ampla, parecia uma casa fosforescendo no meio da praia azul. Ao lado da toalha, uma pequena bolsa e também um pequeno livro, quadrangular, minúsculo, um policial, talvez. O dono da toalha, porém, não estava lá. Haveria de estar,

pensaram elas, arremessando-se em roupa interior para dentro do mar, esperando acocoradas, dobradas pelas coxas, com enormes gritos. Levantavam os braços, encolhiam-se, simulavam perder as alças, agarrá-las, uni-las. Mas só quando já se encontravam estendidas, puderam ver surgir, vindo do outro lado, como se tivesse feito um longo *footing*, o corpo elástico do observador.

Era uma figura portentosa, atlética, de grandes espáduas morenas, músculos expostos, grande maxilar, grande testa, pequeno olho, cintura marcada por músculos em forma de quadrângulos e círculos, lembrando a concha duma tartaruga. Como se não desse pelas raparigas, e a marcha tivesse sido longa, o homem aterrou de bruços sobre a toalha vermelha. Depois, virou-se de costas e pôs-se de perfil, a torrar, entregue à força do sol que continuava escaldante. E ainda como se não as visse, entrou na água. Juntou as mãos, afiou os braços, esperou por uma onda, enrolou os ombros e atirou-se de cabeça, desaparecendo, para surgir adiante, sacudindo-se, como um leopardo do mar.

“Meu Deus!” – tinha dito a das cartas, sem palavras para completar a ideia.

“Vamos embora!” – disse a do pulôver, recolhendo as agulhas.

Mas a que quase sabia nadar não aceitou. Como regressavam, se agora, a uma razoável distância que ele havia alcançado apenas com duas ligeiras braçadas, o *voyeur* olhava para a terra? Os olhos eram demasiado pequenos para se poder deduzir a partir dos seus movimentos, mas as arcadas que os guardavam desenhavam duas sombras, e as sombras indicavam que o homem da toalha encarnada olhava para elas. Deitava-se de costas na água com a familiaridade dum peixe, batia na água as plantas dos pés, com perícia de barbatana. Passava soprando água pela boca como um tritão de jardim. Em seu redor crescia um lastro de espuma, depois de onda, depois de olhar. De novo o *voyeur* mirava, na direção da terra.

“Uh!” – disse a que usava pulseiras mesmo quando entrava na água.

“Ele chama-nos” – Disse a que quase nadava, entrando em parure dentro do mar. As outras seguiram atrás. E a tarde quente tinha-se enchido de gritos, mergulhos, roupas caídas, olhares primeiro furtivos, depois cruzados. A certa altura, o homem da toalha passou tão perto, nadando com as axilas tão expostas, que se lhes sentia o odor. Fez uma volta ao largo. Depois rumou na direção da terra e depois na direção da toalha. Enrolou a toalha à volta da cintura. Pegou no livro pequenino, nos óculos de sol, na carteira e subiu. Mas a meio da falésia, especou. O *voyeur* voltou a olhar. O coração delas bateu. “Amanhã, amanhã...” – disse a que escrevia cartas, começando mentalmente a escrever uma que dizia – “Ontem, ontem, meu amor...” Ele lembra-se como se tivesse sido hoje.

Então aguardaram pelo dia seguinte. Era um final de agosto quente como não havia memória de semelhante. Os veraneantes costumavam sair de noite das exíguas casas dos pescadores e deitar-se ao relento, olhando as estrelas. Contudo, durante certa madrugada, muitos dos hóspedes tinham sido obrigados a recolher aos quartos onde sempre cheirava a polvo e a peixe seco. Aquela noite havia trazido mudança. O vento tinha passado a sudoeste e a maré alterosa havia batido com força no pequeno bar da praia. O dono do Hotel Paraíso lembra-se. O banho do meio-dia das raparigas tinha envolvido gritos altos, braços no ar como nunca antes. Os *maillots* ameaçavam rasgar-se. A areia havia-se introduzido por todas as costuras. A que escrevia cartas tinha saído de água com pedras entre os seios. O mar permanecia quente, e a areia, escurecida pelo sol, abria-se em línguas por onde escorria água em regatos que alcançavam as ondas. De repente, calor e vento, unidos, faziam-se agrestes. Deveriam as raparigas, de tarde, passear naquele areal sem fim, onde costumava encontrar-se o homem do toalhão encarnado?

“Sim, claro que devemos!” – disse a que usava pulseiras de contas nos braços e nas pernas, e passava o tempo de praia a enfiar *nylons* por buracos invisíveis.

“Não está lá. A temporada acabou” – tinha dito a que escrevia cartas.

“Está” – disse a do pulôver. “E se estiver, despimo-nos todas, como combinado”.

Não seria fácil, porém, atravessar as rochas de repente rodeadas pelo mar batido. Era preciso subir, descer, voltar a subir, passar por sítios imundos com excrementos humanos, descer ravinas a pique até desembocarem na fita desabrigada do areal. Foram. Não importava. A figura daquele homem esperando por elas no alto da falésia era um motivo demasiado forte. De repente, o caminho do futuro era esse. E de facto, ao dobrarem a zona dos Olheiros, ele lá estava. Esperava-as.

“Despimo-nos?”

“Não!” – disse a que quase nadava, desembaraçando-se do vestido. “Só eu sei nadar”.

O mar amarelo levantava-se em ondas como outeiros, e a vaga que rondava a terra trazia, na sua mão quente, uma maré de moliço. O homem da toalha estava entre as algas, de tanga, e às vezes vergava ao sabor duma batida mais forte. A que quase nadava galgou essa zona preta da água, atravessou-a e avançou para as ondas brancas. Afinal quase sabia nadar. Ou melhor, aquele temporal aquecido mostrava-lhe definitivamente como sabia. Levantava os braços, acenava, avançava para dentro, não avançava para a terra. As ondas cobriam-lhe a cabeça, descobriam-lhe a cabeça, quando a cabeça subia acima das ondas, o homem da toalha parecia crescer. Depois, a água quente levava-a, trazia-a, balouçava-a no dorso da onda, cobria-lhe a cabeça duma só vez, enrolava-lhe os cabelos em torno do pescoço, retirava-os, puxava-os e em seguida levava-a ao fundo junto da areia. Mas ela esticava os braços, fazia-se leve, voltava à superfície para ver se ele lá estava. Estava. O homem da toalha, sem toalha ao pescoço, longe, mas não tão longe que parecesse um ponto, lá estava. “Vem!” – pensou ela. Delfina merecia. As outras quatro também o sabiam. Encontravam-se na beira da água, distanciadas do homem, porque as ondas não as deixavam entrar. Como se enviadas por uma força exemplar que lhes ensinasse desse modo a desistência, eram empurradas e repelidas à altura do peito e atiradas para fora do mar alteroso. De costas e de bruços, eram puxadas para dentro, e de novo repelidas. O que não acontecia à atleta. Onde estava Delfina? A sua mão ao fundo chamava o homem, e com razão. Merecia que ele fosse, que ele se juntasse a ela. Era invejável dominar a água. O homem afinal tinha feito a escolha na pessoa daquela que sabia nadar. E ele via-a dançar, corajosa, no pino das vagas. Descer, subir, beber água, inundar-se de água, querer respirar, não respirar, lutar contra a onda, entregar-se à onda, não acenar. E aí o *voyeur* entrou na água, mergulhou, segurou ao peito a rapariga corajosa, abraçou a rapariga, ergueu no ar a rapariga, nadou com a rapariga para fora, atravessou as ondas estupidamente em rebentação, correu para o cascalho, depositou a rapariga de bruços na areia. Afagou-lhe as costas com as suas grandes mãos, virou-lhe o corpo, retirou-lhe o cabelo da cara, descobriu-lhe a boca, colocou a boca sobre a sua boca, voltou a massajar-lhe as costas e a comprimir-lhe o peito. E depois voltou a beijá-la. Beijou-a. Beijou-a como nos filmes que então se viam, sem se ver a língua nem os dentes. O amante respirava alto, soprava durante o beijo. Durante um instante, todo o seu corpo cobriu o dela. Tal e qual como todas e cada uma havia sonhado vir a acontecer consigo, em imaginação. Para ser tal e qual como haviam sonhado, só faltava que estivessem deitados sobre a toalha vermelha – Assim os viam de longe, as outras raparigas. Mas o dono do Hotel Paraíso lembra-se também como Delfina tinha demorado a devolver a água e a respirar. Lembra-se da pele roxa da rapariga e dos seus lábios lilases, cheios de espuma. Do cheiro a sal das suas pálpebras reviradas. O *voyeur* tinha-se finalmente levantado de sobre o corpo da rapariga que quase sabia nadar. As outras quatro haviam-se aproximado. As suas cabeças demoravam a compreender a cena que viam. Era como se assistissem ao princípio do mundo. Mas a figura principal da película encarou-as.

“Suas levianas, suas estúpidas levianas!” – havia gritado o nadador.

Ao dizê-lo, os seus olhos eram pequenos. O seu corpo estava tenso do esforço e o seu punho inchado tremia. “Suas estúpidas, suas atrevidas...” – E havia começado a andar, a dirigir-se às arrecuas na

direção da toalha. Havia pegado na toalha. A que escrevia cartas tinha tido na altura um lampejo de distância. Estavam tão longe, havia pensado. Mas o homem da toalha escarlate deveria não só ser um bom amante como também um bom cidadão. Talvez tivesse adivinhado o que pensava a rapariga que escrevia as cartas. As outras estavam perplexas, junto da que não parava de escorrer. De longe, ele havia arremessado a toalha. A das pulseiras, certamente habituada a pensar no andamento, também percebeu para que poderia servir o enorme pano turco. Arrastou a rapariga que quase sabia nadar para cima da toalha. As quatro tinham-lhe pegado nas pontas e haviam corrido com a quinta, pela areia fora até à Pedra Baila. A quinta rapariga pesava como chumbo. As quatro então olharam umas para as outras. Como iriam explicar que uma delas se ia afogando, e as quatro se encontravam quase nuas, sem sapatos nem cestos?

“Matamo-nos!” – tinha dito a do sinal.

“Não, não, minha mãe...” – Começou a chorar a das pulseiras.

“Tudo por causa dela!” – Disse a das agulhas. “Quis ser mais que todas. Não tinha que ser mais que nós. Ela teve a culpa”.

“Teve!” – disse a que escrevia cartas. “Mas há uma maneira de não precisarmos de morrer para explicar isto. Temos de arranjar uma forma. Afinal ela teve culpa, mas aquele homem foi o verdadeiro culpado. Se não tivesse aparecido, se não nos tivesse tentado, se não tivesse ficado em pé a desafiar-nos, nada disto teria acontecido!”

“Sim, é ele o culpado. Vamos embora, chegamos à praia, e quando nos perguntarem o que aconteceu, dizemos a verdade – Um homem perseguiu-nos, e nós, para salvarmos a nossa honra, tivemos de lutar. A princípio fugimos para a água. A água estava brava e fugimos para a terra. Entretanto, uma de nós, Delfina, ficou a afogar-se no mar. Eu, por exemplo, fui salvá-la” – disse a rapariga que fazia o pulôver.

“Sim, e eu mostrei a afogada ao homem, e só aí o bandido partiu a correr, deixando-nos em paz...” – disse a das cartas.

“Partiu, mas deixou a toalha”.

“Roubámos-lhe a toalha”.

“Exatamente”.

Tinha-se tornado perigoso falar, agora que a praia estava cheia de testemunhas e um grupo já havia partido por terra, com armas de fogo enfiadas nos calções. Sapatilhas para galgar quilómetros de areia, atrás do traste.

“Era um homem pequeno?” – ainda perguntou a que escrevia cartas.

“Era, sim!” – tinha dito a sinistrada.

Falava baixo, mas todas as cabeças se inclinavam sobre ela como se fosse o oráculo da tarde. Caladas, na areia para onde agora o branco hotel envia a sombra, as quatro haviam ficado mudas, percebendo o sinal que a quase afogada lhes dava. Os grupos podiam então partir. Podiam pegar em lanternas e procurar caminhos para baterem a região. Jamais alguém encontraria a figura inventada pelas raparigas. Deus as dotava, então, de enormes bens. Por isso a sua imaginação não tinha limites. E o amor duma delas haveria de ficar na praia até ao fim da vida.

“Pelo menos até ao fim da vida do nadador” – disse o dono do Hotel Paraíso, afastando a amarga casca do limão que nadava no gin, para dentro dum pequeno prato. E cuspiu sobre a Terra.

O BELO ADORMECIDO

Aquilo que vi em primeiro lugar não foi propriamente o homem, mas o seu malote, um prisma de cabedal impecável com seu fecho de metal dourado e sua asa espessa, abandonado no chão, e um saco porta-fatos do mesmo material estendido sobre uma cadeira. Só depois compreenderia que a pessoa que se encontrava de costas, sentada no meio desses pertences de luxo, era o grandalhão. Isto significava que eu estava chegando ao hotel com uma hora de avanço, e que ele ainda havia chegado primeiro, o que não deixava de ser embaraçoso. Comecei então a consultar o relógio e a agenda, pensando que o rumor que faria atrás de si fosse suficiente para que se virasse e me visse, e ato contínuo se iniciasse ali o encontro. Mas tal não aconteceu. Percebi também que a sua cabeça, pousada no rebordo do sofá, descaía para o lado direito, e alguma coisa mais do que propriamente a postura do corpo imóvel me dizia que o homem estava dormindo. Talvez fosse a intensa cor das orelhas. À luz clara que se derramava pelo interior do *foyer*, os seus lóbulos não só estavam sanguíneos como pareciam ter adquirido naquele lugar umas proporções desmedidas. Era possível que esse pormenor da sua fisionomia me tivesse escapado de todo, uma vez que eu sempre o vira com chapéu, e no momento em que tal não acontecera e havíamos trocado palavras, a emoção dominava-nos por completo, ninguém tinha visto ninguém.

E contudo eu havia fixado outros pormenores. Podia até jurar que se desse a volta ao Salão e me colocasse na sua frente, iria encontrar um rosto ruborizado, a bochecha um tanto flácida amparada pela mão, um bigode estreito como um traço a tinta-da-china contornando a comissura do lábio, um pouco tombado para o lado pela inclinação da cabeça. Mas a ciência sobre o seu rosto não me provinha apenas do momento de exceção durante o qual nos havíamos cruzado, provinha antes dos quinze dias de proximidade forçada em que fôramos obrigados a partilhar os mesmos espaços. Assim, eu tinha a certeza de que o homem corpulento que dormia, ou pelo menos dormitava, de costas para a porta da Recepção, apresentava os olhos cansados, as pálpebras glabras inchadas, e o cabelo, já um pouco grisalho nas têmporas, suficientemente desalinhado, por efeito da viagem rápida. E no entanto, não seria eu quem o iria acordar.

Para dizer a verdade, nem sequer lhe conhecia o nome ou ouvira o seu apelido. O homem havia tido o cuidado de jamais se identificar, jamais referir o local a partir do qual telefonava. As indicações que vagamente me havia dado sobre as horas do voo que condicionariam o nosso encontro, tanto poderiam indicar que o faria a partir de Bruxelas como de Estrasburgo ou Berlim. Sabia apenas que era mais ou menos por ali, a partir dessa parte metrificada da Terra, que ele voaria. De resto, eu só tinha podido concluir que o homem iria viajar de propósito, que o avião faria escala em Londres, e que lhe convinha que nos encontrássemos naquele preciso hotel, tendo demonstrado uma extraordinária urgência por que tudo acontecesse com a maior brevidade possível. Como se à medida que o outono se aproximava, alguém ficasse em perigo de morrer, ou se corresse o risco de algum sinal importante para sempre se apagar. Como se alguma coisa ainda pudesse ser arrancada à areia, ou uma parte do que fora perdido pudesse ser recuperada. Eu própria fora contaminada por essa ideia do *alguma coisa ainda remediável*, e a prova é que tinha almoçado à pressa no *snack-bar* do Teatro ouvindo o meu colega Martim esbracejar contra os poderes públicos, e sentindo-me incapaz de compatibilizar a expressão dramática dos seus

descontentamentos com a expectativa da entrevista marcada, havia começado a subir a Avenida da Liberdade demasiado cedo, pensando poder mergulhar por antecipação na matéria do encontro. E agora, por ironia, ali estava eu no meio do Salão do Ritz, com o meu interlocutor dormindo.

Felizmente que a partir do Bar era possível vigiar-lhe o sono, seguir-lhe os movimentos, quando se levantasse. Não o nego, o teor daquilo que iria ser a nossa conversa inquietava-me.

Pois o que iria o homem corpulento querer saber através da minha pessoa? O que iria perguntar? Teria uma proposta para me fazer? Ou pelo contrário, queria ele revelar um segredo, proceder a uma explicação, ou contar simplesmente algum episódio relacionado com o acontecimento na praia? A verificar-se esta segunda hipótese, tudo seria bem simples. O homem abriria os olhos, viria na minha direção, tomaria alento e eu ouviria da sua boca uma confissão proferida em surdina. Situação banal. Nesse caso, o grandalhão traria consigo um drama e entorná-lo-ia simplesmente diante do meu regaço, após o que partiria aliviado, deixando o seu pote de fezes depositado entre os cristais do salão e os mármore da entrada. Depois iria retomar o avião em direção a uma cidade incógnita, com passagem obrigatória por Heathrow, e o encontro teria terminado. Poderia ser. Mas se por acaso fosse o contrário, e aquele homem pretendesse sobretudo arrancar da minha pessoa algumas informações, então voltaríamos ao início da questão – O que poderia eu contar-lhe? Saberia eu de algum detalhe que lhe fosse útil? Poderia eu esclarecer alguma dúvida que tivesse sobejado daquele processo? Para que serviria o meu testemunho?

Pelo meu lado, tinha sido tão colateral a minha participação, tão fortuita, e ao mesmo tempo tão previsível, que por certo o homem grande haveria de se arrepender de ter estragado um dos seus dias úteis com uma viagem de ida e volta para nada. Era bem possível que ele estivesse a imaginar o contrário. Ao longo daqueles seis meses, poderia ter suposto que não era por acaso que eu me encontrava dentro do bangaló, poderia ter imaginado uma conjura, poderia ter fantasiado que eu lá tivesse sido introduzida como espia. Ou de forma mais imaterial, que eu tivesse sido enviada por uma força misteriosa para criar o mal, ou fosse eu mesma a encarnação do próprio Mal. Nunca se sabe o que uma outra pessoa pensa. Mas se acaso assim fosse, o homem estaria redondamente enganado. Encontrava-me naquele lugar, pela razão simples de que na altura um bangaló isolado, com uma praia em frente, tinha-me parecido o sítio ideal para aplicar o programa de recuperação selvagem que me havia imposto.

Melhor dizendo, encontrava-me naquele lugar, por motivos de ordem pessoal, motivos íntimos e profissionais, unidos num só objetivo e tendo em vista uma única finalidade. Muito em concreto, eu estava perante o desafio de ter de perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, vinte anos de idade, ganhar mais brilho na pele, menos volume no pescoço, e outras modificações indizíveis, tudo isso duma vez só, em pouco mais de dois meses. Acontece na vida dos atores, mesmo aqueles cuja intimidade não se torna matéria universal da intriga dos magazines. Acontece. Tudo isso porque me tinham proposto e eu havia aceitado desempenhar o papel do único personagem colhido da Literatura, que vive durante vários séculos, que a meio do percurso muda de sexo, modos, trejeitos e fatos, meios de transportes e palácios, e procede a todas essas mudanças através de um *striptease* mental mirabolante, praticado diante dos olhos de toda a gente. Isto é, eu iria ser *Orlando*, ele mesmo. Para tanto, eu precisava duma cintura flexível, umas pernas escanzeladas, os braços soltos das espáduas, a fim de poder fazer passos de dança e voar no palco. Exigências que nada tinham de anormal.

Sucedera simplesmente que a Isabelle Huppert havia passado por Lisboa a desempenhar essa figura lendária de homem mulher, no meio de luzes azuis e de portas frias, o espectáculo havia sido um sucesso, e por puro decalque e *imitatio*, tinham-me proposto interpretá-lo no rasto da sua peugada. Apesar de

tudo, uma oportunidade rara. Consta que em matéria de atrizes nacionais o encenador tinha olhado à volta e havia encontrado o deserto. Depois havia examinado uns retratos e havia vislumbrado na minha figura a única possibilidade de concretizar o seu sonho. A única exequível. Claro que não era verdade. Se eu tivesse recusado, a produção disporia pelo menos de mais quatro ou cinco. De entre elas, aquela que aceitasse seria a única. A única possibilidade depois de Tilda Swinton no écran, e de Isabelle Huppert no palco. Ser-se *único*, como se sabe, é estatuto que dá a volta à cabeça de qualquer um. O facto de uma outra passar a ser *a única*, em vez de nós mesmas, significa começarmos a desaparecer devagarinho, ainda que não se queira. Olhei-me ao espelho, aceitei. Ato imediato, passei a mão pelo meu corpo, e achei que não havia tempo a perder. No dia seguinte comecei a telefonar para várias organizações de transporte e viagem, aquelas que detêm ao fundo das linhas todo o género de paraísos perfeitos, e alguns desses operadores da felicidade alheia consultaram os cardápios, e logo nessa noite as coisas aconteceram. Encontrava-me eu no camarim, a cinco minutos de me acercar do palco, quando me vieram depositar no colo um molho de propaganda. Na capa de um desses prospectos havia uma fotografia de sonho, daquelas que estão pedindo uma moldura de acrílico para se pôr no lavabo da entrada. A fotografia reproduzia uma casinha térrea envolta em seu madeirame, totalmente isolada, e uma palmeira ao lado inclinava-se-lhe por cima, em forma de vírgula. Obtive também a informação grata de que o local estava deserto, que um guarda vigiaria a zona, e de resto a estação era tão baixa que para aquelas datas não havia qualquer outra reserva feita. Isso significava que eu poderia agarrar os benefícios da Natureza todos só para mim, recolhê-los, convertê-los a favor da minha renascença e tudo isso poderia acontecer na Falésia Roca, um belo pedaço de costa com o Oceano a bater em frente. Uma promessa de isolamento completo, um amparo total. E de facto, quinze dias volvidos, à saída do avião, esperava-me uma viatura de trinta lugares para conduzir a minha solitária pessoa através duma estrada estreita, serpenteando por entre pinheiros mansos.

Isso eu poderia explicar ao homem que descansava no Salão do Ritz, se acaso duvidasse da coincidência.

Sim, cheguei numa tarde de março, imaginando que tinha pela frente um pedaço da Terra transformada em clínica, mas a pessoa quase muda que me indicou o caminho através do sol-posto, trazia consigo a chave, rodou-a na fechadura e eu pude verificar que o bangaló que me fora destinado não era uma casa isolada com uma palmeira em forma de vírgula a cair-lhe por cima. Era uma porta e uma janela, no meio de um renque de dez portas e dez janelas unidas, e esse renque ficava entre outras duas fileiras idênticas, como se um vento monumental tivesse depositado ali três carruagens sucessivas de casinhas indivisíveis. Uma série industrial. Uma construção de nada. Lá dentro, a mão estendida tocava o teto. Por respeito aos nórdicos que ali pudessem pernoitar, deveria haver em cada uma daquelas minúsculas moradias, um azulejo que dissesse *Cuidado com as Telhas*, como nas vivendas guardadas se encontra à entrada *Cuidado com o Cão*. No exterior, ao nível do solo, onde eu suporia que houvesse areia, havia relva, dois guardanapos dela, um à frente, outro atrás, e uns poitos de cimento para guarda-sóis, dispersos aqui e além. A realidade começava a inspirar-me raciocínios cínicos. Seria que a cada ocupante de uma daquelas moradias assistia o direito de desfrutar de um quarto de relva, um quarto de sombra, um quarto de poito?

Uma pessoa sabe, no entanto, que não se pode deixar envolver pela violência das suas próprias palavras. Afinal lá fora existia uma falésia verdadeira, um pinhal de árvores com copa e raiz, e uma longa praia de areia a unir dois pontos cardeais. O teatro ensina que seremos feitos para oscilar entre o grande e o exíguo, como se tivéssemos dois corpos. Um deles que se encobre e disfarça, se curva sobre

si mesmo até se aninhar entre um robe e uma lareira, e um outro, aquele que nem com o rasto dos Planetas se contenta. Lá fora existia o simulacro disso mesmo, a lonjura criada pela mistura da luz e da água, de propósito para agradar ao ser grande, e ali dentro, o telhado caindo rente aos móveis, concebido expressamente para o ser pequeno. Perfeito. Foi assim que durante essa primeira noite, dormi doze horas de um silêncio mortal.

Mas como deve acontecer na morte, no meio do silêncio, havia uns pássaros que chilreavam e o som contíguo do mar. No dia anterior, perante o meu descontentamento, a pessoa muda havia continuado a garantir que eu era a única ocupante daquele espaço. Que poderia viver por ali inteiramente à vontade, que ninguém me veria, eu não veria ninguém. A época não era baixa, era baixíssima, o guarda rondava longe, a refeição quente ser-me-ia deixada no portal. Perfeito, perfeito. Eu tinha-lhe colocado no fundo da algibeira o correspondente a cinco euros por ter pronunciado tantas palavras de seguida e ainda me ter olhado, e ter-me dito – “Conheço-a, já a vi em qualquer parte...” E logo de seguida, a mulher abalara contente.

Devo dizer que sobre a mesa, nesse momento, já se encontrava o saco repleto de embalagens contendo os tónicos, os estimulantes, os circulatórios e os expurgatórios, extratos de jardins completos, vários pomares rescendentes, toda uma floresta inteira, produtos mágicos captados em forma de pílulas, e tudo para o meu bem. A bem do meu corpo em transformação. Na parede, iria pendurar o calendário com o programa tirano que me havia imposto. As fotografias da Huppert e da Tilda Swinton, essas não estavam à vista, mas existiam dispostas na minha cabeça como metas duma assombração fatal. Eu sei que a luta por objetivos inalcançáveis tem tanto de heroico como de burlesco, mas o próprio teatro ensina que lutar desse modo indecoroso, por vezes, é a única forma de se alcançar o melhor de nós mesmos. Claro que não era a primeira vez que eu acordava a desoras, numa profissão que por natureza inverte os dias e as noites. Mesmo assim, nesse primeiro dia, pratiquei ginástica, corrida, transpiração, duche, relaxe. No final, retirei a roupa do corpo e expus-me ao sol da tarde de março, sem nada por cima. Quando caiu a noite, entreguei-me de novo ao sono reparador. Porém, pode acontecer que durante os sonos mortais não se ouça apenas o som dos pássaros, mas também a batida de porta de carros. Paf, paf, no meio do sono mortal. Segundo dia, segundo acordar. Era uma hora da tarde. Abri a janela. Mesmo em frente, alongadas sobre o passeio que separava os dois renques de relva, quatro viaturas estavam estacionadas.

Como era possível? – Carros, objetos de metal, meios de transporte concretos, palpáveis, tinham-se introduzido na minha morada? O meu sonho de isolamento terapêutico havia terminado.

Levantei o telefone, liguei à recepção, um local invisível que deveria ter sede no interior do pinhal. Quando me atenderam, tive de me sentar na beira da cama para não cair, cheia de ódio e de raiva. Sobre o alvoroço desse dia, não terei problemas em dizer que Berta Helena é uma mulher de amores e de ódios, de penas e de raivas, sentimentos extremos, cinza e brasas misturadas, e que ela mesma sou eu. Então gritei ao telefone, tão alto quanto pude, que naquele preciso momento me encontrava diante duma coisa imunda, uma situação inaceitável. Pois quatro carros estavam parados em cima da minha relva, com os para-choques apontados diretamente para a minha cara, alinhados como se fossem invadir-me em conjunto. Disse também que não era verdade que eu quisesse ficar com a estância toda só para mim, como estavam a sugerir do lado de lá, mas existindo vinte e nove bangalós vagos, não aceitava que viessem alojar um monte de pessoas em frente da minha porta, face ao compromisso que haviam estabelecido comigo. Por fim, gritei – “Faltaram à vossa palavra, quero mudar, agora e já...”

Mas era março, não podia mudar.

Quem falava do lado de lá dizia que era imutável, como se a reserva tivesse sido feita por divindades ao serviço dos Fados. Só depois de muita insistência me deram a devida explicação. Das trinta habitações, vinte e duas careciam de obras amplas e três de reparação urgente. Nessa contabilidade deficitária, apenas haviam sobejado cinco habitações disponíveis. Cinco. A minha reserva havia sido feita já depois do compromisso tomado com as pessoas chegadas pela manhã. Que desculpasse se não havia sido corretamente informada. Que desculpasse. E a pessoa que assim falava iria comunicar a alguém, por certo rente aos Fados, para que houvesse uma atenção particular em matéria de contas finais. Uma sucessão de mentiras, uma cadeia de falsidades. Sentia-me revoltada. Mas o teatro ensina o que não ensina a vida. Quando uma pessoa no teatro é assaltada por uma pequena contrariedade, sabe que antes de agir deve pensar com vantagem no estado do seu país. Se a contrariedade é de dimensão média, deve considerar o penoso percurso da Humanidade. Se vem ao nosso encontro alguma coisa que se assemelhe a uma catástrofe, então faz bem pensar na poeira das Estrelas. Naquela situação, pensar no estado da nação, chegava-me. Desliguei o telefone, respirei fundo, massajei o occipital. Estava decidida – Pegaria nos meus haveres e iria viver para as traseiras do meu bangaló. Eu mesma empurraria a cadeira de plástico, levaria a cama de rede, o guarda-sol em seu poito, faria aí a minha vida inteira. Afinal o que eu pretendia era apenas perder dez quilos no corpo, cinco papos no rosto, descontar vinte anos na alma e memorizar quarenta páginas de réplicas solitárias que eu havia agarrado com ambas as mãos, para continuar a ser única.

Além disso, ao longo de vinte e cinco anos de entrega total ao teatro, acaso o meu maior treino não havia consistido precisamente em transformar pessoas em coisas invisíveis, ou quando muito em sombras vagas, que deveriam permanecer imóveis até ao momento em que eu mesma me decidia despertá-las? Agir como se não estivessem lá, fazendo por que sucumbissem quando eu quisesse e só acordassem quando eu desejasse? Que só estivessem vivas, ativas e estimuladas, quando eu dissesse – *Por favor, comovam-se comigo, sintam como eu respiro...* Acaso um espectador não era isso mesmo? Ao longo do tempo havia-me treinado para essa refrega, de propósito para esse combate, tinha eu forrado de ardósia os lugares mais vulneráveis do coração. Treino de muitos anos. E no entanto, naquele momento, como se fosse uma caloireira na vida, ali estava eu revoltada, apenas por se encontrarem quatro viaturas de traseiras apontadas na direção duma casota que me fora alugada por uns quantos dias. Grande exagero. Ainda por cima, até àquele momento, nem dera por sombra de gente. De noite, não tinha havido o menor ruído. Dentro do sono da manhã, só aquelas batidas de portas, demasiado nítidas, demasiado próximas, como costuma acontecer no meio dos sonos mortais. Mas no dia seguinte foi diferente – Abri a janela e pude verificar que os bangalós fronteiriços estavam ocupados por uma colónia de homens.

Sob o efeito dessa surpresa, naturalmente que eu não iria falar ao viajante em trânsito, quando o nosso encontro tivesse início. Tratava-se duma colónia de homens. Ponto final.

Pois aquela era a Falésia Roca, aquele era o Oceano Atlântico, manso como um cordeiro, marés serenas, marés mortas, temperatura moderada, atmosfera luminosa, uma moldura de erva rente aos pés. Perfeito, perfeito. De facto, uma colónia de homens tinha descido junto do meu bangaló. Não poderia ser melhor, como alternativa ao silêncio. E seria uma colónia de quantos homens? – Começava a pensar.

À primeira vista, parecia ser uma colónia de seis ou sete, mas não conseguia precisar, porque nem todos se encontravam no exterior para poder contá-los. Para lá dos vidros o movimento era impreciso, e cá fora, naquela manhã, encontravam-se apenas cinco, exatamente cinco homens, parados. Dois deles estavam de costas, sentados sobre as tábuas da sebe, um outro permanecia em pé, a um canto da relva,

parecendo examinar alguma coisa próxima, e dois outros mantinham-se encostados a uma das portas. O espaço era tão exíguo que não permitia perspectiva. Eu tinha a ideia de que os homens imóveis faziam parte dum museu de cera, que tivessem voado para ali para se derreterem ao sol do equinócio. Mas nesse momento, dois outros – e ao todo perfaziam sete, sete homens saíram de dentro de um daqueles bangalós, transportando uma mesa do interior para o meio dos quadrinhos de relva, e ainda não estava pousada, já um outro, o oitavo, começava a transportar cadeiras que colocava em volta. Um outro ainda, o nono, provindo da habitação contígua, apontou o braço na direção da mesa e começou a falar. Não se ouvia. Três deles voltaram para dentro, e regressaram com uma segunda mesa que uniram à primeira. Outros traziam pratos nos braços. Eram onze e meia da manhã. O grupo preparava o seu *brunch* ao ar livre, na atmosfera de março.

Mas era difícil explicar. Havia alguma coisa ao mesmo tempo de surpreendente e auspicioso naquela descoberta. O processo de crispação contra as presenças abstractas que havia acalentado durante o dia anterior, de súbito começava a desfazer-se, a aversão a desenrolar o seu fio, a alma a ficar sentada. Gosto de homens, pela sua dissemelhança, e essa é uma labuta infundável. Aquela colónia de homens, contudo, permitir-me-ia desfrutar da sua proximidade e ao mesmo tempo praticar com toda a justiça o meu direito a ser invisível. Considerando que éramos partes distintas, seria bom para ambas as partes. Fiz vários cálculos mentais. Eles não estavam interessados em mim, eu não estava interessada neles, enquanto eles ali estivessem e eu ali estivesse, haveria um pacto estabelecido entre nós. Éramos de espécies diferentes e não complementares, não nos iríamos tão-pouco falar. Não precisávamos. Conhecia esse companheirismo cómodo, a partir do teatro, como tudo na minha vida. Com Martim, por exemplo, contracenávamos, chegávamos a estreitar-nos em cena, mais do que necessário, mas ainda mesmo quando nos beijávamos espontaneamente no palco, na hora do agradecimento, por entusiasmo, cumplicidade, amizade, amor até, era como se beijássemos no outro, o sal ou o papel. O meu coração não estremecia, o meu útero ficava imóvel como se fosse uma placa de esmalte, a minha alma apenas agradecia nele a parte da vida que sobeja do género, a vida do grande neutro que há na luz ou na pedra. Outro tanto sucederia com ele. E agora, para meu descanso, ali estava uma colónia de homens. Um alívio semelhante a um grande banho depois da corrida pousava-me na pele, enquanto olhava através das palhetas do estore. Pois ali estavam eles, atrás das janelas, saindo pelas portas, voltando a entrar. Nove homens, dez homens. Dez, um deles agora atravessava o cantinho de relva a coxear, e não usava canadiana, usava bengala. Agora mesmo escarafunchava na relva com a ponta da bengala. Sentavam-se, levantavam-se, tomavam o seu *brunch* alongado, parecendo dispor de todo o tempo da vida. Um outro, corpulento, fazia face ao sol com um chapéu de tela. Estavam de costas viradas para o meu bangaló. Eles lá, eu deste lado, era como se tivéssemos falado há muitos anos atrás e assinado um pacto. Essa descoberta fazia com que afinal eu já não precisasse de viver nas traseiras da minha habitação como havia projetado. Peguei nos meus haveres, incluindo a cadeira de plástico e a cama de rede e fui colocá-las em frente, viradas para sul, onde o sol ainda baixo me dava o dia todo na cara. Seríamos vizinhos insensíveis e inalcançáveis, eles não olhariam para mim, eu não olharia para eles, a cada um seu horizonte próprio, a cada um o seu canto perfeito sobre a Falésia Roca.

Mas por vezes eu olhava. Isso eu teria de dizer.

Olhava, não como espia, mas como alguém que não pode deixar de reparar no que se passa à sua frente, de forma inevitável. Os meus olhos ficavam lá presos porque se tratava de uma colónia de pessoas felizes, vivendo em liberdade, um espectáculo extraordinário. No dia seguinte, à mesma hora, já eu tinha

a certeza de que a colónia contava para cima de dez elementos, e não pareciam ter vindo ocupar aqueles quatro bangalós para se submeterem a regimes selvagens. A forma como deambulavam permitia-me imaginar que se tratava dum encontro particular, marcado com a devida antecedência, havendo entre todos imenso que dizer, imenso que jogar e discutir. Intelectuais por certo. Ali mesmo em frente, sentavam-se à volta da mesa improvisada a conversar. E ainda que essa não fosse a minha intenção, individualizava-os.

Como poderia evitar? A realidade entrava pelos olhos – Entre eles havia um homem de fala inglesa, alto e arruinado, um escocês por certo, que se vestia de axadrezados, sempre com um livro debaixo do braço, como se fosse um apêndice do seu colete. E havia pelo menos um belga e um italiano porque me chegava aos ouvidos, quer quisesse, quer não, a toada francesa das regiões planas e um *prego, ragazzi*, que sobressaía do sussurro baixo em que todos se comunicavam. Mas eu não seria capaz de atribuir a qual dos meus vizinhos forçados correspondia cada uma das vozes que de vez em quando se demarcavam das demais. E os demais eram portugueses. Era português o franzino, o que tinha o problema na perna, era português o atarracado, o que usava um casaco tirolês verde-garrafa. Era português o homem corpulento, aquele que se vestia de claro, com chapéu de aba de tela, o mais alto, aquele em torno do qual os outros se sentavam.

Ou por outras palavras, era português o passageiro que se encontrava, naquele instante, dormindo a meio do Salão do Ritz, entre um porta-fatos e um malote de cabedal. Mas não importa.

O que então me interessava não era cada um desses meus vizinhos intocáveis, era o grupo. E o grupo, meio sentado meio em pé, em volta da mesa, parecia prolongar um tempo monárquico antigo, que remontasse ao tempo das caçadas do Imperador Francisco José, alguma coisa entre o decadente e o sofisticado que me atingia profundamente. Alguma coisa do tempo vitoriano de quando havíamos feito *O Leque de Lady Windermere*, ou o tempo austríaco de Arthur Schnitzler, de quando havíamos representado *Os Jornalistas*. Um tempo qualquer de quando as mulheres ainda deixavam crescer o cabelo até às bainhas das saias, e jamais folheavam um livro inteligente, e os homens, enluvados, se matavam uns aos outros, com tiros ao amanhecer. Uma coisa do tempo dos vapores nos mares, dos planadores nos céus, uma abstracção fora da memória das décadas e das guerras mundiais. Um tempo antes do nosso tempo, mas de que a Arte, sobretudo a Arte de Representar, continua povoada, sendo sempre mais fácil conviver com a beleza dos monstros precedentes do que com as nossas próprias faces. Isso pensava eu, diante do meu bangaló, enrolada no fundo da cama de rede, com as primeiras páginas do meu papel entre as mãos. Mas para os homens da colónia, ali a quatro passos, eu não deveria passar de um pacote embrulhado numa cama de rede. Por vezes até se esqueciam por completo da minha pessoa e falavam alto, ou ouviam música sem quaisquer complexos.

Aliás, entre eles deveria haver melómanos. A prova é que logo num desses primeiros dias, quando regressava da corrida da tarde, ao sentar-me sobre a cerca, o homem da bengala berrou contra a música que saía pela janela em volume bastante elevado. Berrou mais alto do que a música – “Parem com isso, parem... Esse tipo conduz Bruckner como se estivesse no deserto e dirigisse uma cáfila...” O homem parecia indignado. Então, o de fala inglesa entrou no bangaló, mudou de gravação e na ondulação do andamento largo, eu reconheci a mão de Celibidache. A certa altura alguém gritou “*Bravo!*” como se ali decorresse um concerto ao vivo. O baixo, de casaco de feltro tirolês, saltou por cima da sebe, e o grande, o grandalhão de branco, o homem que ali estava no Ritz, deixou o chapéu rebolar na relva. Não soprava um bafo de vento, era como se soprasse. Como se para aquele rumor não existisse outra palavra para além de aragem e ela tivesse origem na respiração dos seres humanos. Enquanto isso, eu tinha diante dos

olhos as primeiras réplicas sublinhadas. Aqueles homens eram-me indiferentes, e mesmo assim, o texto que deveria decorar era atravessado por pensamentos indevidos. Imaginava quantos sonhos, quantos artifícios, quantas mentiras teria sido necessário unir para tornar possível aquele encontro ao arrepio das agendas ocidentais. Já mesmo ao cair da noite, saíam. Haviam estacionado as viaturas na parte sul, dois Rovers iguais, ambos verde-escuro, ambos com matrícula estrangeira, e um jipe Pajero cinzento, cor de prata. Ao lado do jipe, poisava uma pequena 4L esbranquiçada, ostensivamente amolgada dum lado. Ao pé das outras viaturas o pequeno Renault produzia um contraste desmedido. Aliás, era esse o único carro que ficava estacionado quando partiam, distribuídos com alvoroço pelos vários assentos. Com as portas ainda abertas, desciam pela falésia e lá iam. Mas para além desse interesse de superfície, eram-me indiferentes, tínhamos combinado a indiferença, séculos antes de termos nascido. Então cerca da meia-noite voltavam, ouvia a sua chegada, a saída dos carros, a entrada nos bangalós, as falas, as vozes abafadas, e de novo as portas, os motores, a música e os *bravos*, tudo isso disperso no interior dos sons mortais. Acordava sobressaltada.

Ainda seria noite? Já seria manhã? – Por incrível que parecesse, era meio-dia e lá fora não havia música mas havia palmas. Eu não podia deixar de espreitar. Espreitei. A alegre algazarra estabelecia-se na direção da 4L que acabava de chegar, proveniente da estrada de areia. Metade da colónia havia rodeado a viatura de onde se apeava em primeiro lugar o homem do casaco de tirolês, e em seguida, do lado do volante, desembaraçando-se da porta amolgada, um rapazinho espigado. A aclamação era feita na direção deste último, saindo de dentro do carro sob o impacto de pequenas pancadas no cachaço.

“Com que então, com que então...” – Ouvia-se em volta.

O rapaz esquivava-se, saltava, mergulhava de novo no assento do carro, experimentava-o, saía batendo com a porta, parecendo bastante excitado.

“*Bravo!*”

Compreendia-se agora por que razão, ao lado de três bombas magníficas topo de gama, pousava na berma da relva aquela espécie de insulto tecnológico. Pois a 4L não só estava amolgada de um lado, como apresentava por todo ele manchas de ferrugem disseminadas ao longo da chapa. Era um carrinho miserável, certamente trazido para ali, de propósito, para treinar o rapaz. – Iriam entrar? Iriam continuar com aquele alarido de *rally* doméstico, os cinco, incluindo o da bengala, à espera do regresso do corredor como se estivessem a viver um Monte Carlo? – Eu descia, fazia uma longa marcha ao longo da praia ou sob os pinheiros, regressava e ainda o grupo lá estava. Lá estava o homem grande, com o peito saliente, o chapéu de tela na cabeça. Ele e os seus companheiros, encostados à sebe, aguardando o regresso do condutor júnior, a 4L ainda a soluçar, no momento em que parqueava. Contra essa imperícia, o homem manco parecia dar indicações preciosas, com movimentos de bengala.

Então pude concluir – “São doze, contando com o rapaz...”

Mas tudo isso não passava de um mero acidente, pois o que me interessava não era a colónia de homens, era o mar.

Era do mar que eu esperava a graça da renascença, a voluptuosidade da mudança, era por ele que eu me tinha instalado sobre a Falésia Roca, e isso mesmo eu iria ter de assegurar àquele homem, se ele mo perguntasse. Sim, do mar eu queria tudo o que houvesse na atmosfera e na água e pudesse ser assimilado. Os halogéneos, a que eu atribuía efeitos mágicos, eram arco-íris invisíveis que entrariam no meu corpo para nele produzirem uma assepsia completa e uma reparação total. Da água salgada, queria a riqueza que havia na babugem das algas, de onde eu imaginava desprender-se o crómio, o selénio, o iodo e até o cobre e o ouro. Fascinava-me sobretudo saber que verdadeiro ouro pudesse desprender-se das algas, ainda que em quantidades mínimas. Tudo isso e muito mais se desprendia da espécie de mucelagem que eu pisava. As fitas-do-mar, as alfaces-do-mar, a bodelha castanha em que se enrodilhavam os ténis, e que

eu patinhava de propósito para que tudo isso se revolvesse, e subisse pelo meu corpo acima e se depositasse na minha face. Era nesse transe que eu vivia, e era isso que eu iria dizer à pessoa do encontro. Dizer-lhe que não me interessava para nada a vida deles. Que não me importava que um grupo de homens distintos tivesse escolhido uma estância pouco acima do miserável para escaparem à vigilância do mundo. Eu só queria que ácidos e vitaminas fizessem em mim o trabalho devido, devolvendo-me a forma e a energia. Era isso que eu pretendia, transformar-me no centro da praia deserta, o centro das águas do mar, sozinha, com toda aquela riqueza disponível a confluir para a minha pessoa. Para tanto, cerca do meio-dia, começava a saltitar no meio da areia até transpirar, e mal sentia o corpo húmido sob a felpa do fato-de-treino, retirava as calças, prendia-as à volta dos ombros e corria em pernas nuas para que a aragem do mar entrasse nelas e as trabalhasse em prol do seu adelgaçamento. Quando finalmente me cansava, voltava a vestir-me, e então, em passo cadenciado, começava a reler as longas réplicas daquele papel compacto, deambulando para decorar.

Pois no meu caso, decorar sempre significou caminhar com um papel na mão, os olhos semicerrados, repetindo alto, até uma parte das falas ficar gravada no corpo. Decorar sempre consistira em impregnar de palavras o organismo inteiro, transformando-as numa coisa orgânica, uma coisa carnal. As plantas dos meus pés em movimento sempre serviram de máquina de impregnação das palavras. Os meus braços, as minhas mãos em movimento, unidos, sempre souberam mais do que o meu pensamento. A minha memória sempre foi alguma coisa mais ampla do que um tecido associado ao labirinto do cérebro, tendo a fixação muito mais a ver com os músculos e o seu movimento do que propriamente com um processo mental. Andar, andar para apreender, repetir, decorar junto do mar. Naquele momento preciso, a cena era aquática. A personagem que eu representava invocava a Grande Geada que se abatera sobre Inglaterra, na altura em que Orlando era moço. A tirada referia o momento em que a corte inglesa fora para Greenwich e o rio gelado pudera ser varrido com vassouras como se fosse o soalho dum palácio. Sobre o rio patinava uma princesa russa com título de Romanovitch, a linda Sacha, da qual eu, jovem ardente, me enamorava. Era o início do século dezassete britânico. Todo esse clima de farsa irreal longínqua casava-se com o brilhante sol de março caindo na água salgada. Mal lia uma linha, fixava-a. Então abandonava a praia repetindo réplicas, já no bangaló tomava a refeição enquanto lia em voz alta, e voltava à cama de rede que pendia no exterior, ainda com o olhar fixo entre o papel e o alvo. Nada mais fazia do que decorar. Aprender um papel, passar do momento penoso da repetição do início a uma espécie de vício verbal. Uma espécie de transe impregnante. Progressivo. Incontrolável. Estava eu, precisamente, a repetir palavras, embrulhada na cama de rede, a decorar a passagem em que a personagem invocava o momento em que o Tâmbisa, iluminado pelos archotes, mostrava as silhuetas dos peixes congelados no interior da sua massa de água solidificada, podendo os príncipes e as princesas de todas as nações patinar por cima, e eu, que não era príncipe mas lorde, encontrava-me precisamente nesse transe de ser um jovem lorde patinador, quando me tinha apercebido de que da realidade surgia uma sombra.

Levantei os olhos e vi duas sombras.

A do rapaz júnior, que aprendia a conduzir a 4L, e o próprio rapaz. As duas sombras formavam um ângulo convexo que me retirava luz. Sorri para o rapaz. O que queria? Parecia não querer nada porque não se movia, com os olhos cravados no papel que eu tinha na mão. Se eu não soubesse que se tratava do jovem condutor, tê-lo-ia tomado por um meliante, de tal modo fixava ora as folhas ora a minha cara, mas essa impressão não durou muito tempo. Nesse instante, a voz italiana chamou pelo júnior, acrescentando a palavra que parecia ser a sua marca de água – “*Rapido!*” A princípio, o instruendo pareceu não prestar atenção, mas quando o brado foi repetido, atravessou a relva e desapareceu no interior de uma daquelas casotas baixas, que nos resguardavam da proximidade forçada. No dia seguinte, porém, encontrámo-nos.

Se o homem grande se mantiver de boa fé, poderá confirmar esse encontro, já que ele próprio foi participante. Ele e mais três companheiros, melhor dizendo, mais quatro. Ele sabe. Andava eu, cá e lá, traçando paralelas à rebentação das ondas de modo a que a espuma não me alcançasse, a decorar o meu papel, a entregar o meu corpo e o meu espírito à aragem do mar, quando havia reparado que eles se aproximavam. Que eu tivesse dado conta, era a primeira vez que desciam as escadas de areia até à praia. Mesmo assim, faziam-no como se fosse uma condescendência, não pareciam nem preparados nem vocacionados para passear à beira-mar. À frente, caminhava o homem corpulento na sua indumentária habitual, com aquele chapéu demasiado vistoso, demasiado desusado, um arquétipo de qualquer coisa mental obstinada. A seguir caminhavam dois homens, diferentes mas vestidos de igual, vestidos de preto e branco, camisetas cavadas por cima de calças justas como se fossem dançar, ou fossem simples ginastas que viessem fazer como eu, mover-se diante da água para receberem dela as suas benesses, e em vez de fatos-de-treino só dispusessem de fatos de acrobata. Um pouco afastado, distraído com a areia que pontapeava, caminhava o baixo, o que usava o casaco tirolês. E bastante mais atrás, trotando praia fora, vinha o rapaz.

Apanhada de surpresa, ainda ensaiei umas palavras de modo a saudá-los, mas não houve a menor ocasião de tal acontecer.

Eles passaram ao lado, como se eu não existisse, e eu deixei-os passar sem retirar os olhos do lugar vago para o qual recitava a minha réplica. Caminhavam lentamente, com as mãos atrás das costas, muito direitos, como os bailarinos nas salas de ensaio, as nucas ao alto, os pescoços esticados, o passo ritmado. Cruzámo-nos mesmo, e desse quase encontro, em que eu quase os teria cumprimentado, dessa quase tangente ocasional, eu acabaria por retirar conclusões. O que falava italiano era um dos dois que se vestiam de gémeos. O homem grande não era um velho, como o chapéu de tela a alguma distância fazia parecer, não tinha mais do que cinquenta anos. E o rapazinho que trotava atrás não era filho de nenhum deles. Mas a demonstração desta última suposição, eu não saberia como sustentá-la.

E no entanto, eles tinham-se reservado um espaço relativamente apertado para o seu passeio na areia, e nessa delimitação eu interpretei a intenção de vigiarem o companheiro mais novo. Na verdade o rapaz espigado corria destemperadamente dum lado para outro, e atirava calhaus à água, com sons de pega e larga, como se houvesse por ali um cão que só ele visse. A certa altura, o rapaz entrou como estava, pela rebentação dentro, e uma onda derrubou-o. Quando se levantou, com o fato-de-treino encharcado até à cintura, os braços molhados até ao cotovelo, já os quatro companheiros lá estavam. Desviando-se da água que ia e vinha, o homem do chapeirão gritou *Francisco!*, e os outros companheiros gritaram também.

“Francisco!”

“Que é isso, garotão?”

Depois os quatro curvaram-se para o júnior, tentando descalçá-lo, espremer-lhe a roupa encharcada. Mas o rapaz deveria estar a viver o seu momento de rebeldia ativa, tinha idade para isso. Estrebuchou, escapuliu-se daquela solicitude exagerada, e iniciou uma corrida pela areia fora até desaparecer ao fundo. Eu pensei que eram assim as crianças, que sempre aparecem e desaparecem, levadas por um frenesi que é apenas um ensaio para alguma coisa mais. Ser e ainda não ser, é a sua questão. O seu mundo verdadeiro é o esconde-esconde, pensei. E passado pouco tempo, lá desapareciam os quatro na escada da Falésia Roca. Tínhamos andado por perto, as nossas sombras quase se haviam tocado, mas como combinado, não nos tínhamos visto. Agora que se tinham ido, podia eu dar largas aos movimentos. Retirei a toalha do pescoço, dobrei os papéis, guardei-os nos bolsos, e com o relógio em punho, corri pela areia a toda a velocidade, deixando pegadas sobre as pegadas que eles tinham deixado. Fazia parte do meu programa selvagem correr sobre as algas por uma última vez, correr até o coração querer saltar

do peito e cair no chão.

Se o programa dava os seus resultados? Começavam a ser visíveis.

Para tanto, também praticava alongamentos, flexões, balanços e saltos, movimentos solitários que vistos de longe costumam assemelhar-se a tristes gestos obscenos. Mas agora eu fazia esses exercícios na parte de trás do meu bangaló. Não desejava que aqueles homens elegantes, que deveriam ter retratos de antepassados pendurados em palácios suntuosos, até nas cozinhas, me tomassem por uma reles suburbana viciada em ginástica. Não queria fazê-los confrontarem-se com a materialidade do meu corpo, não por uma questão de pudor, mas por uma questão de harmonia. Ou mais simplesmente, achava que poderia contribuir assim, para mantermos o pacto feito de sermos intocáveis. Por isso, ali estava eu, arrumada ao madeirame da fachada norte, debruçada erguida, debruçada erguida, seguindo os ritmos que se dançam nos ginásios, quando reparei que de novo uma sombra se projetava na relva. Era outra vez o rapaz. Os contornos da sua silhueta, os braços atrás das costas como costumavam andar os seus companheiros, o volume arredondado da cabeça. Ali estava ele de novo, sem dizer nada, a olhar para uma pessoa que fazia ginástica. Enquanto não o encarava, pensava que o moço deveria estar a ser enviado pela colónia dos homens para lhes satisfazer a curiosidade, talvez uma confirmação, a resposta a qualquer suspeita. Fosse como fosse, tinham encontrado uma boa forma de manter o pacto de silêncio, eu é que ainda não sabia se iria aceitar. E na verdade, passado algum tempo, em que eu não me eximia a continuar o meu exercício e ele não desistia de me observar, e do outro lado dos bangalós ninguém o chamava, ninguém lhe dizia *rapido!*, o rapaz perguntou –

“O que fazes tu?”

“És artista?”

Era ele ou eles, quem desejava saber?

“Sou atriz.”

Respondi-lhe, hesitando sobre o tom que deveria utilizar naquela abordagem pouco comum que os meus vizinhos me propunham enviando-me o rapaz. Mas logo depois, quando fazia de bailarina, esticando-me em altura o mais possível, ele acrescentou – “Eu já sabia. É por isso que andas a decorar umas frases...”

Virei-me para ele. Queria manter-me impassível na tarefa em que estava empenhada. Levantada erguida, levantada erguida. Mas como me desequilibrasse nas voltas que fazia, quando me encontrava de novo de costas, ouvi-o dizer – “Cuidado, não caias...”

E a seguir acrescentou – “Não tenhas medo de mim. Estou aqui só para te ver fazer ginástica.”

“Medo?”

Parei para observá-lo, encarando-o de frente. Por que me falava assim, com uma afirmação tão estúpida? O rapaz tinha um rosto duro, só agora reparava, porque também só agora ele se havia aproximado de forma a perceber-lhe as feições. É verdade que aos catorze anos nada existe no rosto que fale da vida, sobre a pele ainda está tudo por escrever, mas o teatro ensina que parte do futuro se encontra gravado na fisionomia desde nascença. Naquele garoto não se lhe via a testa, coberta por uma cortina de cabelo escuro, nem tão-pouco as orelhas, porque alguém lhe fizera um corte entre o do frade e o do pajem. Mesmo assim, pensei para comigo “Garoto rude, garoto agressivo.” E como ele ali estivesse defendido por essa máscara impenetrável, parado diante de mim, perguntei-lhe – “Quantos anos tens?”

Em vez de responder, perguntou-me, por sua vez, de braços atrás das costas, tal como os seus pares – “Achas que já te perguntei a ti alguma coisa de semelhante?”

Estava visto. Não era só um enviado dos outros, era um rapaz que tinha uma conduta própria, notava-se

pela forma como transformava as perguntas que lhe dirigia em perguntas que ele mesmo formulava. Só que a sua autonomia deveria estar a ser treinada pelo atrevimento de outros. Não me cabia a mim, porém, alimentar aquela alma por distrair ou treinar. Pensando nisso, acabava ali o meu exercício físico. Peguei no colchão de espuma, na corda, nos pesos, no relógio, nos untos, e entrei em casa, virando-lhe as costas, não ostensivamente, mas quase. Ele, porém, havia ficado onde estava. Apenas se tinha encostado ao madeirame que separava um bangaló do outro, e ali permanecia a balouçar as pernas de vez em quando, a agitar uma guita na ponta da qual estava presa alguma coisa de metal, uma chave, um canivete, por certo. O rapaz rodava aquele engenho rudimentar entre os dedos como se fosse um moinho. Lá permanecia e de lá não saía. Já as lâmpadas do exterior estavam acesas, e ele ainda ali continuava encostado. Só depois senti que abalava, ouvi alguém interpelá-lo, e de seguida os três carros haviam arrancado.

Isto é, pela primeira vez, alguma coisa na colónia dos homens me incomodava. Por quanto tempo ainda iriam permanecer na Falésia Roca?

Naquele momento, queria apenas que nada viesse perturbar o meu programa rigoroso. Para ali estar, havia despendido todo o dinheiro recebido por um *spot* publicitário para o qual eu havia saltado no meio duma cozinha falsa, enquanto apontava para um queijo nojento que diziam ser de cabra. Quanto às visitas do miúdo, elas poderiam ter vários sentidos. Um deles, o mais plausível, talvez fosse o desejo de distração que o rapaz sentisse, vendo na minha pessoa uma espécie de conforto que lhe faltasse. Tal como poderia encontrá-lo na figura da camareira, ou do guarda da estância, ou na figura de um cão de companhia que por ali houvesse. Alguém que precisava de um convívio diferente daquele que lhe proporcionava o grupo de homens cultos e sofisticados que o deveriam aborrecer, com a sua música e os seus livros. Ou talvez houvesse apenas, entre os homens da colónia, algumas regras de lentidão e monotonia, e o rapaz quisesse infringi-las, introduzindo agitação, jogo, rapidez, e eu fosse uma peça na sua construção de Legos. Que se fossem ou ficassem, era-me indiferente. A cada um o seu divertimento.

Por mim, poderia garantir à pessoa que me esperava no Salão do Ritz, que por aqueles dias o meu melhor divertimento tinha consistido em decorar o meu papel, estando a personagem que me era cara cada vez mais volátil e mais densa, a aproximar-se, de hora para hora, da configuração burlesca para a qual fora concebida, feita de propósito para pulverizar a identidade e a História, e eu pronta para a interpretar. Dez folhas daquelas já eu fora capaz de reproduzir, de olhos fechados, e agora eu abria a janela que dava para o poito de cimento com seu guarda-sol aberto, e prosseguia como se estivesse mudando de sexo, passando de homem a mulher, fora do lugar e do tempo – *“Damas, cavalheiros, despertei. Que as trombetas digam a verdade. Verdade, verdade, verdade, estou nu na vossa frente...”*

Já disse que existe um momento em que fixar um texto se converte numa euforia ao vaguear-se de um lado para o outro, chegando uma pessoa a duvidar se as palmas dos nossos pés não saberão mais do que nós. Se é o andamento que traz as palavras que num momento parecem esquecidas, ou se pelo contrário são as palavras, uma vez lembradas, que provocam o andamento. Uma espécie de locomotiva que se autoabastece. Então deixa-se de ouvir o que quer que seja, e em vez dos sonos mortais, vivem-se vigílias mortais, onde tudo o que nos rodeia desaparece, para se viver só o que se imagina através do que se diz. Nem se dá pelo tempo passar. Nem se dá por quem fala à nossa volta. Os nossos vizinhos podem proceder a ensaios de carros junto da nossa porta, ou prolongar *brunches* monumentais que decorram entre as dez da manhã e as cinco da tarde, ali mesmo ao nosso lado. Crianças espigadas podem aprender a conduzir carripanas amolgadas, e homens em férias podem bater palmas como se estivessem no Royal Albert Hall, diante de rainhas, que nada nos atinge. Há um momento mesmo em que a personagem nos

espera a meio do nosso próprio caminho, a sua imagem aproxima-se de nós, e não o inverso, toma-nos de assalto e vive em nós e por nós, e mesmo sem dieta nem ginástica uma pessoa emagrece se a personagem for magra, ou engorda se a personagem for gorda. Como se o outro que se interpreta tomasse conta de nós através da fala, a fala nos fizesse grávidos, e nós deixássemos de ser nós e passássemos a ser ele ou ela. E assim, eu dizia – “*Verdade, verdade, verdade, estou nu diante de vós, toquem as trombetas...*”

Dizia no interior daquele bangaló, onde o tampo da mesa pegava com o telhado, e a cama com o debrum da mesa, e o teto me parecia um toldo aberto só um pouco mais alto no meio, para não me tocar no cabelo. Aquele deveria ser o nono dia depois da chegada, e pela primeira vez eu não tinha posto o pé na rua, tendo apenas estendido a mão fora de portas para tomar a bandeja com a refeição, e ali andava naquele pequeno espaço, a ler e a reproduzir em voz alta, sem necessidade de me aproximar da Huppert nem da Tilda, porque estava no interior da figura que nos unia. De tal modo, que ao passar junto ao espelho, disse diante da minha imagem – “*Berta Helena, és uma grande atriz...*” E prossegui, entregue completamente ao desempenho do meu papel, indiferente ao sol de março que tingia de azul e amarelo os poentes como se um papagaio cósmico tivesse deixado as cores pelos céus, indiferente ao mar que batia lá em baixo a sua cantilena eterna de mãe monótona, infatigável. Era isso, caía a noite, os carros deles por certo já haviam saído, eu estava povoada por figuras que voavam em meu redor provenientes da velha Inglaterra, e por isso, quando vi um rosto colado ao vidro da porta do meu bangaló, por um instante, julguei que se tratava da visita que o insidioso poeta Greene fazia ao espírito da minha personagem, de século em século. Mas eu sabia que não era assim. Soube, desde o segundo instante, que era o rapaz espigado quem estava do outro lado da porta. E isso era uma contrariedade.

Era uma contrariedade porque era uma intromissão.

Pelo tempo que me fazia perder, pelo facto de ter de procurar palavras longe do vocabulário que me possuía, fazer-me voltar a um mundo que não era o meu, e uma verdadeira irritação apossou-se da minha pessoa, uma quase indignação me tomou, e eu ia a levantar o braço para dizer alguma coisa que se assemelhasse a uma trombeta que tocasse verdade, verdade, verdade, agora Orlando deixara de ser mancebo, passara a ser mulher, quando o miúdo desapareceu da zona transparente do vidro, e o vidro ficou escuro outra vez.

Ora o desaparecimento do outro é alguma coisa que no palco não pode acontecer. Ou o outro vem de novo até nós, ou nós dirigimo-nos para o outro. O vazio num vidro de janela não pode prolongar-se muito mais para além de um minuto, quanto mais para além de três. Ninguém resiste, ninguém aguenta semelhante expectativa. Chamei alto – “Eh! Eh! Criatura...” Lembro-me de ter ido à porta, tê-la aberto e lembro-me também de ele ter entrado. Aconteceu simplesmente, como se fosse em cena, e o outro a quem eu tivesse de me dirigir estivesse disposto a faltar. Uma admoestação contra o outro. Pois de outra forma, como iríamos continuar? – Eu diria que se tratou de um gesto profissional. É a única explicação de que disponho, no caso de o homem querer saber por que razão entrou o rapaz no meu bangaló. Se assim for, dá-la-ei sem rodeios, pois quero contar toda a verdade, enquanto está pura no meu coração. Ainda bem que o homem grande marcou este encontro antes de o inverno chegar.

Então o rapaz entrou, e era de facto um adolescente típico sem a medida das proporções. Começou por se sentar refastelado no *maple*, como se tivesse direito a tudo quanto o espaço lhe permitia. Instalou-se, e não lhe dirigindo eu a palavra, tomou ele próprio a iniciativa.

“Não fui jantar com eles, como vês. Não me perguntas porquê?” E ele mesmo respondeu à sua própria pergunta – “Não fui com eles porque queria ver-te.”

“Já me viste...”

“Só ver-te, não te quero fazer mais nada.”

A fala do miúdo tinha o seu quê de cómico. Dava-me vontade de rir.

“Pois o que querias tu fazer? O quê? Diz lá...”

Ele esticou as pernas na direção da mesa e não respondeu, e por um momento ainda olhou para o teto. Mas logo retomou a mesma pose e eu avalei a sua coragem, pois apesar de tudo enfrentava uma mulher adulta, possuidora de armas que ele não tinha. Os meus braços, postos na cintura, movidos pelo impulso do meu papel, deveriam estar a dizer rua, rua, rua. Mas ou fosse da paragem súbita e forçada, ou da exaustão do dia, ou da frugalidade guerreira a que me entregava, uma lassidão invadiu-me e eu procurei uma cadeira. Ainda tinha à minha volta as figuras de comédia oriundas das Ilhas Britânicas, muitas delas como se tivessem saído dum manicómio, trazendo para os pátios a sabedoria delirante das suas vidas carnavalescas, e a minha personagem no meio delas não me permitia afastar-me, mesmo sentindo-me esgotada e com um rapaz atrevido sentado no único *maple* que havia. Que me importava que estivesse ali um espectador impertinente? Que me importava? Eu sabia que a lassidão haveria de me invadir, que ela haveria de chegar sem pedir licença para entrar, mas era preciso combatê-la. Dentro de algum tempo, aquela seria a hora exata em que eu entraria no palco envergando um culote de veludo azul-da-prússia, um cinto de lantejoulas, e durante duas horas, não menos, teria de me manter ininterruptamente em cena. Era preciso ganhar ritmo, habituar-me a fazer coincidir a fala com as horas. Se a presença de um miúdo acolhido ao meu bangaló por não ter querido jantar com os seus, me desviava do que fazia, então como iria suportar que o papel mais exigente de toda a minha vida fosse levado até ao fim? Não havia dois caminhos. Reiniciei o passo largo, os movimentos de cabeça, que segundo a didascália deveriam ser severos, presos pela compressão da gorjeira, o menear da testa que deveria ser enérgico para afastar o cabelo caído, mantendo as mãos presas do punhal, ou da pena, e recomecei a dizer de cor, pois as falas recentemente aprendidas estavam todas expostas como se a memória se tivesse estendido sobre uma bandeja generosa e as suas circunvoluções se desenrolassem por inteiro diante dos meus olhos. No exíguo espaço daquela habitação provisória, eu havia criado a meio um corredor livre por onde passava, murmurando palavras cá e lá, indiferente ao rapaz tão jovem quanto grosseiro.

Sobretudo grosseiro, pois num momento em que eu tinha parado, para conferir a fala, ele rebolou-se no cadeirão e disse – “És muito boa, pá, mas vais mal.”

E agitou a mão no ar com um gesto largo que parecia não lhe pertencer. Eu tinha pousado os papéis sobre a mesa. – Pois o que sabia aquele rapaz sobre a minha pessoa para me dizer semelhantes palavras? *És muito boa, pá, mas vais mal...* Sim, o que sabia? Encarava-o, incrédula. Se a cena fosse num palco, aquele seria o momento de a mulher se aproximar do rapaz, apontando-lhe a porta da saída. Sentia-me irritada, ele próprio se tinha levantado e no entanto continuava a falar como se estivesse completamente seguro de si.

“Vais muito mal...” – insistiu. “Esse papel não presta, não existe ninguém neste mundo que possa ser ao mesmo tempo homem e mulher... Diz lá se existe, dá lá um exemplo. Dá lá...” – Continuava a insistir, ao mesmo tempo petulante e enervado. Consultou o relógio.

“Não dás exemplo nenhum, pois não?”

“E agora vou andando...”

Mas não ia. Estava no meio do meu exíguo espaço, atravancando-o, e era mais velho do que eu tinha imaginado. Talvez tivesse catorze anos e meio, ou mesmo quinze. A sua figura inspirava-me torturas. Tive vontade de lhe dizer – “Meu amigo, ainda nem tens oitocentas semanas de idade, mete-te na tua vida...” Mas fez-se um intervalo. Achei que não podia humilhar um rapaz que estava ali em frente, espigado como um poste, pronunciando frases engendradas com a impertinência duma pessoa que experimenta ensaiar

poder sobre o desconhecido. Uma pessoa a braços com a definição dos limites do seu mundo. Eu não sabia o que ele queria dizer, nem sabia sequer se era ele mesmo quem queria dizer, se eram os meus vizinhos através dele. Aliás, no meio daquela arrogância pretendida, não podia deixar de lhe reconhecer inteligência, frontalidade, uma certa desenvoltura pela forma desabrida como se me dirigia. Berta Helena sabia de si mesma que era uma mulher de temperamento exuberante, por vezes brutal, mas não ruim. Por acaso, naquele momento, Berta Helena até estava sem fala. Foi o rapaz quem tomou a iniciativa de dizer.

“Amanhã, volto outra vez. Já sabes...”

Amanhã, mas amanhã porquê?

Não seria natural. Nas habitações em frente, a tarde seguinte iria ficar repleta de eventos, de falas, sucessos, visitas inesperadas que invadiram a colónia e quase a duplicaram. Também o número de carros duplicou. A certa altura, rapaz tomou a 4L e outros ficaram a vê-lo descer e subir a rampa, em pleno treino. Como não havia espaço para recuar, o homem franzino levantava a bengala para dirigir a manobra. Ouvia-se por todo o recinto – “Para trás... Agora vira o volante todo para a tua direita. Mais, mais...” O rapaz terminava a manobra, saía da carripa e ia olhar efeito. Alguém que eu nunca tinha visto, nem ouvido, explicava sobre a relva por que razão aquele não era um bom carro de instrução, um carro velho com as mudanças no *tablier*. Com aquele talento para conduzir, por que não passavam o rapaz para um dos Rover, ou então para o jipe?

“O jipe? Isso queria ele...” – dizia o homem grande, o do chapeirão branco que lhe cobria as faces de sombra.

Encontravam-se estacionados outros carros por ali. Aquele que tinha sugerido o jipe dirigiu-se para uma outra viatura, abriu uma outra porta, tilintou no ar umas outras chaves, e o rapaz sentou-se ouvindo as explicações do novo instrutor, o rapaz no assento ao lado. Tinham acabado por sair, rolando devagar pela estrada da Falésia, mas passado algum tempo, já o rapaz voltava trazendo o carro por suas mãos, estacionando o novo carro, saindo dele aos gritos e aos saltos. “Calma, rapaz!” – Vozes de prudência faziam-se ouvir. Compreendia-se, os protetores do rapaz pareciam querer dizer que entre ele e aquelas máquinas não havia distância, que era uma questão de inteligência, uma entrega total do rapaz ao corpo dos carros, uma vocação extraordinária, não uma inconsciência da sua pessoa, isso não, antes uma hiperconsciência da engrenagem mecânica, o que era fantástico. Mas reconheciam que jovens assim constituem um perigo, não distinguem onde o seu corpo começa e onde ele acaba, e por isso se entregam a corridas desenfreadas, fazem proezas e acrobacias, ferem-se e matam-se, precisamente porque entre eles e os objetos não estabelecem distinção, sentindo-se eternos e invioláveis. Era essa a razão pela qual lhe estava vedado o jipe. Peremptório, o homem grande dizia – “Não pode ser...” Pondo um ponto final naquele treino. Discutiam aqueles homens, ao fim da tarde. De dentro, ouvia-se chamar – “Francisco! *Viene qui! Rapido!*”

“Francisco?”

Depois, os visitantes partiram e o mundo restrito dos bangalós ficou igual. Ficou em paz. Quatro carros estacionados em frente da minha casa.

O rapaz tinha dito amanhã? Prometeu, cumpriu. Caiu a noite e o rapaz voltou, como se não tivesse existido a cena da instrução do automóvel.

Deveria ser o décimo primeiro dia da minha estadia, o décimo dia da estadia das pessoas da colónia. Se o homem me perguntasse, eu iria dizer a verdade – Cerca das nove da noite, o rapaz encostou o rosto

ao vidro escuro e a superfície iluminou-se. Impaciente, ele mesmo começou a rodar o manípulo, mas uma vez dentro do bangaló ficou rente à porta, trancando-a com o corpo. Não saía da porta. Despia o *anorak*, sacudia o *anorak*, deixava-o escorregar para o chão. Eu olhava para ele e percebia que poderia desencadear-se uma situação qualquer que eu não controlava, mas nem eu sabia se deveria ou não controlar. Achava que os factos em si se encadeavam com sua lógica própria, que não os deveria desviar, que apenas deveria estar vigilante para poder agir em conformidade quando a peripécia acontecesse. Na altura eu já tinha completado quarenta anos, e vivendo dentro do teatro desde os quinze, uma pessoa sabe como é. Pressente-se quando o desenlace vem a caminho, antes de se conhecer a fala que o tece. O que poderia eu fazer? Estava encostada à porta oposta, e segurava junto do peito um molho de folhas sublinhadas. Eu não dizia nada, porque não tinha nada para dizer. Com ele deveria acontecer outro tanto, também não dizia nada, mas esse intervalo durante o qual nada acontecia, para ele deveria funcionar como uma fala eloquente, um espaço preenchido pelas palavras que ele mesmo queria ouvir. Passando por cima do *anorak*, o rapaz caminhava na direção da porta oposta, aquela onde eu me encontrava. Não te movas, não te movas, parecia ele dizer, produzindo uma placa de *stop* com as mãos abertas. Mas porquê?

“Quero que não decores mais, esta noite. Quero que pares, quero ver-te imóvel, quero ver-te dormir” – disse ele, já a meio da divisão.

Eu estava encostada àquela porta, a sensação confortável de quem ainda não tinha entrado na sua teia.

“Ver-me dormir? Por quem me tomas?” – Tomado à letra, o rapaz continuava a ser cómico. Tive de lhe dizer – “Estás enganado, meu filho, há muitos anos que recebi o beijo dos meus príncipes...” E ri-me de encontro à porta, a ponto de agitá-la. Mas ele não parecia ressentir-se.

Pelo contrário, subverteu de imediato a questão.

“Estás a ver? Não te perguntei isso...”

Deveria ter usado até há pouco um aparelho corretor nos dentes, e um deles, mesmo à frente, permanecia ligeiramente encavalitado, mas o brilho do seu esmalte era perfeito. Vendo bem, era o detalhe da sua cara mais visível, os dentes brancos expostos numa fieira saliente, encobertos que estavam os olhos por aquele cabelo escuro cortado a direito como uma crina. Não era preciso ser particularmente inteligente para compreender que dentro do rapaz havia um combate. E no entanto, era extraordinário o seu controle. “Anda, não tenhas medo. Sai da porta, vem...” – dizia ele, mantendo-se a meio do espaço.

E eu pensei de novo que mais extraordinário do que o seu controle era o seu atrevimento, e mais singular do que o seu atrevimento era a sua linguagem, já que nada o fazia deter. Trazia uma ideia fixa. Ainda se encontrava a meio do espaço – “Vamos fazer assim – Eu fico ali, sentado, e tu além, na tua cama. Compreendes? Tu dormes e eu vejo-te dormir, só isso. Roubo-te alguma coisa? O que te roubar devolvo-te” – disse de seguida, atirando-se depois para o interior do *maple* e estendendo as pernas finas sobre a mesa, os ténis bastante sujos sobre o pedaço de vidro que era a mesa.

“Estou à espera.”

Agora o jogo estava do meu lado. E eu conhecia o suficiente sobre a vida para saber que naquela situação era preciso agir como se ele ali não estivesse. Era preciso retirar-lhe importância, proceder como se fosse indiferente estar ali ou não estar. Iria, pois, retomar o andamento, deambular agarrada aos papéis sublinhados, lendo quando me aproximava da luz que pendia do teto sobre a cadeira, recitando quando entrava na zona da penumbra, decorando na sua frente o papel que ele detestava. Ali estava ele à espera. Bem poderia esperar, recostado, a olhar-me, transformado num estranho diretor de cena. Um espectador insolente à espera duma oportunidade indefinida. Os seus olhos estavam quase ocultos pelo cabelo, já o disse, mas neles havia alguma coisa que brilhava, uma nesga ínfima que indicava a direção do olhar. Essa nesga de luz andava dum lado a outro, fazia pêndulo, seguia os meus movimentos, cá e lá.

Estivesse onde estivesse, lá estava a fresta dos seus olhos, e uma curta rotação da cabeça. De resto, o insolente tinha-se imobilizado no fundo daquele cadeirão de napa. Durante quanto tempo? Muito tempo, pouco tempo, o tempo suficiente para que a certa altura o olhar dele tivesse desaparecido, a nesga de luz dos olhos se tivesse fechado, e o ligeiro movimento de cabeça que fazia, acompanhando a linha dos meus passos, também tivesse cessado. Eu tinha parado de falar em voz alta. A princípio pensei que reagiria ao meu silêncio, não reagiu. Compreendia muito bem. Esticado no cadeirão, o insolente dormia. Jovem caçador, caçado. Ele dormia, não eu.

Mas era inconveniente que eu juntasse deste modo os sujeitos. Pois na hipótese improvável de que eu também dormisse, não dormiríamos de igual modo, nem aquele que estivesse em vigília olharia para o outro com o mesmo interesse. Essa era uma associação indevida.

No silêncio que havia descido sobre aquele espaço, perguntava-me a mim mesma se acaso não consentia naquela visita apenas por compaixão para com um rapaz de pernas longas que se iniciava na arte do atrevimento, e cujo primeiro ensaio poderia ser definitivo para o resto da sua vida. Ou pela noção de que aquele treino, que o rapaz ali estava a tentar cumprir a dois, para a minha pessoa, poderia não significar absolutamente nada, e para ele poderia significar muitíssimo. Eu poderia nem mais me lembrar de que um rapaz com altura de homem me visitava às escondidas dos seus, no interior dum bangaló, tantas já haviam sido as visitas que me haviam sido feitas, em situações bem mais rumorosas, cenas que tinham incluído cartões e flores, promessas de amor até ao último suspiro, mentiras, verdades, rostos corados e rostos pálidos, mãos trementes, traições guardadas nas algibeiras, morbidez e alegria, e tudo o mais, tudo misturado na cascata dos contrários, todo esse sedimento que me havia criado uma crosta dura com sua zona de contacto com a carne viva, sensível, dolorosa, mas escondida. Esse galope de contrastes que faz com que uma mulher aos quarenta anos possa dizer – Berta Helena, tocaste com os teus vinte dedos todas as teclas da tua vida, agora é só repetir os acordes, como sabes. A segurança é isso.

Mas não ele, não aquele que ali estava dormindo, entregue ao cadeirão como se fosse o seu travesseiro de infância. Uma criança, e contudo o buço escuro sombreava-lhe o lábio, estava barbeado, já era um homem. Um adolescente, um monstro, uma figura a desembaraçar-se da sua fantasia de criança e a entrar na antecâmara suada do adulto. As pálpebras lisas da criança, a boca ligeiramente entreaberta, a respiração silenciosa da criança. A luz listada que saía do candeeiro de bambu iluminava-lhe precisamente a boca, escurecia-lhe o lugar da testa e os ombros. Viam-se-lhe as pálpebras, não a testa. Eu tinha pousado no chão o monte de papéis sarapintados de cores. Se me aproximasse mais, talvez ele acordasse. Não podia acordá-lo. A curiosidade, porém, era maior do que o temor. Nem chegava a ser temor, era apenas cuidado, receio de que acordasse, se apercebesse do meu gesto e tomando conta dele, a situação se tornasse indomável. Como procederia então aquele rapaz? O que diria junto dos seus? O que contaria no meio daquela colónia de homens, entre os quais a minha vida já não deveria ser desconhecida? Avaliei o peso da minha mão, ela poderia não só ser leve como rápida. Iria ser ágil. Com o indicador direito, afastei-lhe o cabelo e pude ver-lhe por completo o rosto. As sobrancelhas iriam ser espessas. Por enquanto eram uma demarcação rala, pêlos desordenados por aqui e por ali, subindo pelas têmporas. Algumas marcas vermelhas, isoladas, na pele escura. Os olhos fechados. Sim, era um rosto belo, era um belo rosto desarmado. Um homem futuro entregue ao sono, como uma promessa de paz. Sansão de cabelo cortado. Se fosse em cena, o que faria? O que pediria a cena? Um gesto, uma fala? Nada, nada. Tudo o que não fosse nada, mais do que um erro seria um perigo. Eu encontrava-me curvada diante daquele rapaz, a ver apenas como nascera noutras faces a fonte dos meus perigos. Ele mesmo constituía um perigo. E nem ele acordava nem eu desistia. Era preciso cuidado, aquele momento não podia assemelhar-se a uma eternidade, nem havia que temê-la. O fato-de-treino tinha-me posto os joelhos frios. Janelas e portas tinham os estores descidos. Ridículo pensar em eternidade. Aliás, nem era preciso

quebrá-la. Já dava para sentir que os carros regressavam. Uma porta batendo, lá fora, fazia paf! Uma batida normal, no silêncio suspenso ali dentro, parecia um estrondo. A realidade frouxa como um entrançado de palma. Eu ainda estava curvada na sua frente. Então ele imobilizou-me o braço – “Espera...”

Perguntou, sem se mover – “Já chegaram?”

Sim, a realidade não podia assemelhar-se a uma eternidade. E para que desejaria eu aquela eternidade se não estava povoada de nada a não ser de contemplação? Só ao demónio conviria essa eternidade. A cortina de cabelo tapava-lhe outra vez a cara. “Já chegaram, e eu não dei por nada...” – dizia o meu visitante, consultando o relógio, desapontado com as horas, mas não se queixava nem de si próprio que tinha adormecido, nem de mim mesma, que não o havia acordado. “Deixei-me dormir, um tanso...” – Curvado sobre os joelhos, rola as unhas, ou pelo menos tinha-as junto dos lábios, rente aos dentes. “Que me importa que tenham chegado? Não lhes devo coisa nenhuma...” – E no entanto, nada lhe era menos indiferente. Na sua figura sobressaltada, existia ao mesmo tempo o receio da criança temerosa e o impulso de refrega que há no homem. Naquele momento, já ele havia recolhido o *anorak* do chão e esperava, completamente concentrado nos sinais exteriores à casa. Quando o movimento lá fora sossegou, encaminhou-se para a porta traseira, mas antes de sair voltou-se, risonho, como quem comete um ato entre a falta e a proeza – “Não dei por que as horas passassem. E tu deste? Também não deste...”

De súbito, perguntou – “E se eu ficasse aqui?”

Disse-lhe que não.

“Ficava ali...” – E indicou o chão. “Ficava debaixo da tua mesa. Juro que não saía daquele tapete...”

Só depois abriu a porta, silenciosamente, e pé ante pé, saiu para a rua. Nos bangalós em frente, portas abriam-se, fechavam-se. E eu pensei, com uma insensatez semelhante à que se experimenta no amor – “Não volta mais.”

E por que razão haveria de voltar?

Nos últimos dias, a temperatura não cessava de aumentar. Sem vento nem frio, o Atlântico parecia um rio que tivesse perdido a noção das margens e do declive, e se espraiasse por onde calhava, por onde a areia o permitia, e no céu grossas nuvens brancas ficavam suspensas sobre a falésia como se vigiassem a costa de um desembarque invisível. Eram tão espessas as nuvens que pareciam querer desprender-se e cair sobre os barcos que passavam na barra. Percebia-se que o tempo iria mudar. Adivinhava-se a chegada de nuvens escuras que viessem do sudoeste e chocassem com as brancas, e então haveria chuva e a areia arrefeceria, os pinheiros fechariam as agulhas e, em vez de túneis suaves, haveria túneis gotejantes que deveriam impedir a corrida e a marcha. A todo esse transtorno poderia chamar-se primavera, e no calendário, de facto, essa estação acabava de chegar. Tinha sido anunciada com a abertura de uma outra frente de guerra, muito longe, no coração de um deserto, deles e nossa como de toda a gente. Toda a batalha transformada em guerra mundial. Até os meus vizinhos, em mangas de camisa, à hora do *brunch*, haviam discutido o assunto. Ouvia-se pelo recinto “Acham que o Ocidente vai sucumbir? O que acham?” – Sim, lá fora havia toda essa ameaça, mas nós estávamos escondidos entre uma língua de areia e uns pinheiros mansos, entregues aos nossos espaços interiores. Imaginava por mim. O sussurro de vida distante chegava ali, com seu anúncio de inquietação comedida, ao mesmo tempo que eu pensava – “Não volta mais, não volta mais...”

Pois como voltaria? Na noite anterior, havia dado pela entrada do rapaz, portas abertas dos bangalós em frente, vozes baixas, vozes altas, portas ruidosamente fechadas. O que lhes teria ele dito? No caso de

lhes ter contado, o que significaria para aqueles homens a fuga de um rapaz para o interior do bangaló da mulher? Como a interpretariam eles? Não tendo respostas, dizia para mim – “Berta Helena, acabou-se, vai em frente. Adiante, amiga...”

E adiante era o desempenho daquela figura que eu havia agarrado com todas as forças e me tomava o corpo e a alma. Melhor dizendo, tomava-me a alma e apoucava-me o corpo.

Não será um exagero se disser que por vezes uma astenia imensa me tomava pela manhã, e me imobilizava dos calcanhares à nuca, impedindo-me de me levantar. Deitada sobre a cama, sentia o corpo ainda não magro mas já murcho, uma cova no lugar do estômago, o rosto chupado no lugar dos papos. Teria eu ido rápido de mais? Precipitado de mais? Não importava. O guaraná e o giseng, misturados em boas quantidades, assim que os tomava, conseguiam fazer de mim um génio ativo. Atingida a sacudidela dos excitantes, acontecia o que tinha de acontecer – Mal olhava para os papéis, o tempo fazia-se outrora, eu passava a ser um jovem lorde inglês transformado em *lady*, e decorava o meu papel de mulher recente, agora amante de um homem, tendo de proferir frases retumbantes, a propósito da cerimónia do meu casamento “*Eu chamei por ele, ele chamou por mim, e as nossas palavras subiram e giraram como falcões bravios por entre os campanários...*” Diria eu pela minha personagem, tanto ela quanto o meu marido, ambos para sempre e definitivamente ambíguos, pois apenas uma célula, quando muito célula e meia, nos distinguia em matéria de ser e sexo. Pelo menos era o que se deduzia do papel que eu decorava, entre os tarcos de bambu, rede e palha que povoavam a minha habitação, sendo eu mesma ora ele ora ela, conforme manejava a espada ou o bule, o livro ou as rendas. Arrebatava-me sobretudo o facto de tudo ser irreal, e cómico, e fatal, e haver rimas por toda a parte, mesmo que não fossem audíveis. Eu ouvia-as. Exaltava-me pensar que interpretando aquele papel estivesse a dizer ao mundo que o mundo não passava de uma alquimia inexplicável, que a História não passava de uma farsa contada aos estúpidos, que o género era um tule sem espessura que revestia o ser humano de mentiras. E por isso, que não me incomodassem, não me batessem à porta, que a muda que falava não entrasse para limpar a areia que o garotão havia deixado sobre a mesa, na noite anterior. – Agora já era tarde? Já era fim de tarde? Já era outra noite? Já eles teriam partido nos carros? Já teriam levado consigo o rapaz júnior? O meu personagem disse – “*Estou pronto, posso ser tudo...*” Encostei-me, abri os olhos, e vi rente à janela a pessoa que eu esperava.

Era ele, espreitava pelo vidro.

Juro que foi assim. Hei-de contar ao homem grande a verdade, não para me justificar, mas para ser fiel ao ser. E a verdade é que naquela noite, sobre a Falésia Roca, eu não podia fazer nada, porque o rapaz, ele mesmo, já ali estava, e estava diferente. Não vinha em fato-de-treino, envergava umas calças de bombazina que o encorpavam, e em vez do *anorak* trazia um *blazer* que não era obviamente seu. Tinha penteado o cabelo para o lado e por certo havia aplicado um gel qualquer para o dominar, pois parte dele estava colado à têmpora esquerda, e a testa, que na noite anterior eu mal havia entrevisto, encontrava-se completamente exposta. A testa abaulada. Parecia outra pessoa, por momentos mais nova, e por momentos mais velhos. Com gestos que pareciam particularmente metódicos, havia-me retirado os papéis das mãos e tinha-os colocado sobre a mesa, com regra, como se fosse um secretário. Eu continuava perto da porta de trás, o meu lugar, e vi ele a aproximar-se com os seus novos gestos, lentos, dignos. Falava devagar.

“Estás a ver além, aquela janela com luz?”

Sim, via perfeitamente.

“Sou eu a ler um livro sobre Dinossauros...”

E riu bastante.

Para dizer a verdade, descontento o alvoroço que fazia durante os treinos, era a primeira vez que o via rir assim. De facto devia ter tido o seu dente encavalitado. Já não tinha. Eu acabava de chegar de outras paragens, as paragens dos modos da coroa inglesa sob o domínio vitoriano, sua armada imperial, seus leques e suas saias, e vivia o momento presente pelo menos a duas velocidades. Eu não sabia o que dizer, face à mudança do meu visitante, tinha receio de o ofender, mas entre o rapaz da noite anterior e o rapaz daquele momento, pareciam ter decorrido dez anos. Eu só disse – “Voltaste a não ir com eles...” Ele voltou a rir, mas desta vez, tendo começado de forma contida, como se o que lhe houvesse perguntado contivesse algum detalhe demasiado cómico, passara a rir abertamente. Aprontado em *blazer* escuro, ria e curvava-se, ruborizado. A luz listada do candeeiro, sobre o busto.

“Já lá estou, não vês?” – E ria mais.

“Possivelmente deverias estar...” – disse-lhe eu.

Naquele momento, ele tinha parado de rir. Como de costume, havia posto os pés em cima da pequena mesa, as solas sujas no ar, e sobre o tampo havia de novo areia. Mas mudou de posição para dizer com solenidade, uma solenidade sublinhada por aquele penteado novo, colado às têmporas – “Não sabem de nós, pois não sabem, não...” E acrescentou – “Mas sabem que gosto de vulvas e de mamas. Isso, sabem...”

Eu tinha ouvido bem. Ele tinha pronunciado as palavras com cuidado, como se quisesse que eu escutasse, uma a uma, todas as sílabas e entendesse o seu significado, sem margem para dúvidas. Era como se uma corrente elétrica me tivesse amarrado à cadeira onde me encontrava.

“Já sabem do que gosto...” – rematou.

“Então?” – perguntou depois.

Não, eu não estava chocada, o teatro ensina que as palavras podem não passar de indícios predadores. No vago, eu apenas fazia contas de subtrair com as palavras. Mas seria mesmo necessário o rapaz ser tão explícito? Para se crescer e ser-se um homem, seria mesmo necessário utilizar a anatomia humana como um instrumento de introdução ao asco? Em que momento o amor se cruzaria com o estrume? Pensava no assunto, pacatamente, poderia até fazê-lo em voz alta, e no entanto não conseguia dizer nada. Talvez aquele papel que me possuía por inteiro me estivesse a aniquilar o discernimento e a vontade. Se fosse em cena, como seria? Em cena, conviria levantar-me e aplicar-lhe um estalo, levá-lo dali para fora, denunciá-lo àquela colónia de homens elegantes que deveriam desconhecer o descaramento da criatura a quem ensinavam a condução de automóveis. E nessa cena, eu até poderia dar-me ao luxo de engendrar pensamentos cheios de vingança, palavras contra a fatura sórdida que reconhecia às pessoas reles que falavam da distinção entre homens e mulheres com linguagem de suíno. Palavras vingativas, gestos exacerbados. Mas *essa* seria uma cena que não me diria respeito, em vida. Pelo contrário, na minha frente, enquanto aquele garoto encharcado em gelatina ria, eu ria para ele, e eu nem sequer iria pedir-lhe que me pedisse desculpa. Não tinha de quê. Aliás, em vez desse gesto, ele até acrescentou – “Não sei por que estás tão chocada, só estou a repetir o que o Lorca disse ao Dalí por causa da Gala... Mamas e vulvas. Achas que eu não posso dizer o que ele disse?”

“É proibido?”

Mesmo assim, eu não reagia, e ele via isso, e por certo compreendia o facto a seu modo, compreendia que eu não era da sua idade nem do seu *team*. E eu compreendia que o meu visitante repetia frases que ouvia, e ainda que de forma tortuosa, ele continuava a ser o braço longo daquele grupo, junto da minha pessoa. Um braço, por certo, incontrolável. Acaso não tínhamos combinado ser insensíveis, invisíveis, incomunicáveis? Era impossível dizer fosse o que fosse. De súbito, o rapaz acercou-se de mim e

começou a balbuciar palavras, pegando-me nas mãos – “Desculpa lá, desculpa lá...” Mas ao aproximar-se da minha cara, eu tive um pressentimento, ou mais do que isso, tive a certeza absoluta daquilo que o seu bafo anunciava. O rapaz tinha bebido, e eu só ainda não havia reparado porque estava no interior dum outro mundo, que me tomava por completo e de onde era difícil sair em parte, só saindo na totalidade.

Despertei. Saltei sobre ele.

“Francisco! Você bebeu uísque... O que bebeu você?”

Começou por negar. Madeixas de cabelo soltavam-se-lhe da moldura colada. Madeixas espetadas, bandarilhas em volta da cabeça.

“Sim, bebeste. Foi gin? Cerveja, uísque? O que foi que tu bebeste?”

Como ele não se explicasse, só risse, eu aproximei-me da sua cara para lhe farejar o hálito “Bebeste, sim, não negues, encharcaste-te...” Não bebi, não bebi, dizia com a cabeça. “Tu bebeste...” E eu sentia-me surpreendida e desgostosa mais pelo facto em si, do que pela causa que adivinhava.

“Por que bebeste tu, Francisco?”

Claro que adivinhava. E aí, eu deveria ter tido outra atitude, mas era difícil encontrar o gesto certo, a distância ideal, ainda que eu quisesse e a tivesse procurado. De facto ele aproveitou a proximidade do meu rosto bastante perto do seu, para se comportar mal. Pelo menos foi assim que eu o entendi naquele momento, sobre o qual não irei falar. O homem corpulento poderá entender, se quiser. Poderá imaginar. – Um rapaz demasiado jovem a querer dormir no regaço duma mulher, a querer que ela durma no ombro dele, a enlaçá-la pela cintura, pelos ombros, a querer pentear-lhe os cabelos, a apanhá-los, a soltá-los, a enviar-lhe beijos, a não querer sair de onde estava, colado ao cadeirão, colado à cama para onde se havia atirado sem *blazer*, com os braços estendidos, a querer despir-se, a querer descalçar-se, o cabelo completamente desprendido da sua armadura, solto em repas tesas em torno da face, o cinto daquelas calças extraordinárias a cair enrolado no chão, a voltar à cintura. Componha-se já, já, Francisco. Dizia eu, enquanto lá fora, a luz que o rapaz deveria ocupar com leituras de bom senso, se mantinha acesa, e os seus companheiros ou seus parentes chegavam, mas, ao contrário da noite anterior, ele não queria regressar. E eu devo confessar que nunca fui brutal, nunca o empurrei, nunca o sacudi com violência, nunca o insultei, nunca lhe quis mal. Talvez eu deva confessar que tinha curiosidade em saber como iria terminar aquele encontro com um rapaz conduzido por três copos de álcool. Ou então era a passiflora cruzada com a valeriana, que haviam criado dentro de mim uma amarra que me atava as mãos com mais eficácia do que uma corda. Plantas calmantes que eu tomava ao fim do dia e me tornavam pacífica como taças. Ou um outro rosto, de um amor desconhecido. E então?

Então era madrugada quando a luz do bangaló em frente se fechou e ele já ali não estava. No que respeita a horas de entrada, melhor do que eu o homem grande deve saber, não irei precisar de lho recordar. Era já dia claro. E eu pensava – “Agora sim, acabou-se...”

Claro que no dia seguinte, houve dia e houve noite. A manhã tinha surgido como previsto, com as nuvens brancas a serem alcançadas pelas escuras, e a formarem-se entre elas tempestades cujos raios descarregavam no mar partindo-o em vários. Em frente, as quatro viaturas estacionadas diziam que os meus vizinhos desfrutavam dum *brunch* infundável, no interior das casinhas precárias. Sob o efeito do aguaceiro, estávamos como as abelhas e as aranhas, não nos movíamos. Eu não saí. O meu almoço foi-me deixado por uma motocicleta coberta por um oleado, e chegou à minha bandeja com chuva dentro dos pratos. Mesmo assim, quando a noite caiu, eu ouvi a batida na porta. Os estores estavam descidos, o vidro estava opaco. A porta ainda abanou, primeiro devagar, depois com firmeza, por fim com violência. Estava decidido que não abriria. Queria lavar as mãos daquela tentação. A vida decidir-se-ia fora do

meu alcance. Fechei os olhos, entregue à personagem que me levava agora pelas longínquas estradas de gravilha rasgadas ao longo dos prados das Ilhas Britânicas, gares ogivais do fim do século dezanove, automóveis pioneiros do início do século vinte, estava agarrada ao soalho, a medir a cintura e a barriga das pernas, estava como deve estar uma profissional de teatro atenta, dominada, cumprindo um programa por objetivos, etapa após etapa. Completamente lúcida. Sim, o rapaz não desistia. Felizmente que a bátega de volta ajudava, unindo os sons e confundindo as mensagens. O rapaz desistiu.

Foi então que se deu aquela cena histórica, ou de coincidências, conforme se pense na sua natureza, ou na forma como decorreria num palco. Muito simples de reconstituir. Aqueles homens sofisticados, que pareciam ter nascido no interior de salas de ópera e museus de Arte, por vezes deviam cozinhar nas minúsculas *kitchenettes* de entrada. No ar havia um forte cheiro a café e pão torrado. No meio das chuvadas, eu levava a cadeira de plástico até ao tabique de separação dos bangalós, e agora encostava a cabeça à parede para me abrigar da humidade. O ar estava lavado, eu via-os, eles não me viam, mas não me competia a mim dizer estou aqui, cuidado comigo, cuidado com os meus ouvidos. Foi tudo ocasional. Coincidências, elas existem, juro, mesmo fora do palco. Eles tinham os jornais abertos e falavam de novo sobre as novas frentes da guerra. Adivinhavam os locais das próximas frentes. O inglês, porventura escocês, falava em frentes em todos os locais da Terra. Eu pensava no rapaz que me visitava, na monotonia da sua vida, condenado a ouvir falar da beleza das catástrofes, junto dos seus pares. Naquele momento, estaria ele a rodar a guita com o canivete preso? Não havia música nenhuma, antes houvesse. Eu continuava a aproveitar o sol, rente à minúscula parede. Então mudaram de assunto, para alguma coisa que não deveria ser assunto nenhum, e eu ouvi o homem franzino dizer – “Querem ouvir o que ele diz?” E outra voz, bem mais aguda, gritou – “Diz, rapaz, diz o que disseste há bocado...” Ouvia-se a voz do júnior em surdina, e nesse instante uma outra voz, forte, grave, talvez a voz do homem que usava o tirolês, disse muito alto – “O gajo contou que todas as noites dorme com ela. E agora não quer dizer...” Foi isso que eu ouvi. Depois o meu visitante falou baixo de novo, e a seguir berrou, um grito, uma coisa absurda soou no ar. “Calma!” – respondeu alguém. Voz fina. E alguém riu, alguém de novo falou baixo. O meu visitante irritou-se e disse em voz alta – “Vão à merda, isso eu não digo...” E o grande, ele mesmo, o do chapéu de tela, gritou por sua vez para dentro do bangaló – “O Rudolfo! Rudolfo? Telefone à mãe deste rapaz e diga-lhe o que ele nos disse. O grande malcriado, é mesmo um atrevido... Nunca mais vai pôr as mãos no volante dum automóvel... Diga isso à mãe. Ouviu?” “*Rápido!*” – Ouviu-se de outro lado.

Depois, voltaram a falar da guerra, sem nenhuma hipótese de paz.

Mas as ameaças contra o meu visitante não correspondiam a uma verdadeira intenção. Eram uma fantasia passageira, uma punição a brincar. E ao contrário do que fora anunciado, pelo que pude deduzir, o rapaz acabaria por ser promovido. Pois nessa mesma tarde, o homem atarracado, o que usava o tirolês, abriu as portas altas do Pajero e mandou sentá-lo ao volante. Estiveram lá dentro algum tempo em experimentações várias, até que o sólido engenho cor de prata começou a deslizar. Parou a meio do declive molhado, como se aí tivesse ficado encalhado, voltou a arrancar, desaparecendo ao fundo. Ao cair da tarde, o jipe conseguia subir pelas mãos do júnior, tendo sido por ele mesmo gloriosamente estacionado ao lado da 4L decrépita. Em volta a natureza brilhava, o Pajero reluzia. Houve de novo palmas, não *bravos*, como no início, mas palmas. O franzino da bengala berrava, no meio do grupo, que o tipo iria ser um ás em condução. O homem grande, esse só condescendia, deveria ser seu, o jipe. Mas era um outro quem gritava – “Francisco! Francisco, vem cá! Faz favor de vestir o *anorak*...” Ouvia-se por todo o recinto. Isto é, alguém amava aquele rapaz. Quem o amava? Todos, só alguns? Um deles mais do que todos? Quem? Quais?

Não, nunca me passou pela cabeça confrontar o rapaz com a sua fantasia sobre as nossas noites. Não sou tão feroz como me fazem. Esse era um balanço só dele, dizia respeito à sua própria vida. Que me importava que alguém dissesse *dormi com ela?* O que era isso mesmo, de dormir com alguém? O teatro ensina que todos dormimos com todos, se olharmos de longe para a face da Terra. E é válido para todos quantos estão vivos, quanto mais para os que ainda agora nasceram. Confesso que fiquei quieta e muda à espera. Direi a verdade – Esperei que o efabulador batesse à porta, quando viesse a noite. Esperei por não esperar, sem o conseguir e sem deixar de o desejar. Ele não apareceu. Naquela noite, o meu visitante fora levado para a ceia, num daqueles carros, no meio dos seus companheiros. E eu pensava, entre o alívio e a decepção – *Amanhã, amanhã, ponto final. Já está...*

E assim a noite do dia seguinte veio, como eu desejava que viesse. Os vidros encobertos pelos estores. Proveniente do outro lado, era ele mesmo quem chegava. Começou por bater devagar, por empurrar a porta, por voltar a bater, esgravatar na janela. O que caracterizava a batida desta vez era a persistência, não era a violência. A certa altura, ouvi chamar – “Berta? Berta?” Conhecia-lhe a voz de a ouvir no meu ombro. Imaginava-o do outro lado da porta.

Estaria sóbrio? Teria outra vez bebido? Como teria o cabelo? Solto? Colado? Vestiria *blazer*? Que sapatos, que calças? – Via-lhe o dente que antes fora encavalitado, a catadura rígida, depois os olhos escuros com a nesga luminosa lá dentro, os olhos fechados, entregues ao sono. Os ténis cheios de areia, via-o como deveria encontrar-se naquele momento, encostado ao madeirame, na humidade da noite, à espera. “Berta? Que raio...” – Seriam duas horas. “Abres ou não abres?” Era isso, o rapaz precisava de tempo para compreender. Face a tanta persistência, eu ainda pensei levantar-me para entabular uma fala com ele, falar-lhe de razões, causas, honras, direitos, palavras desse género, balizas feitas de granito e ferro que arrastamos dentro da gente, e de que somos as primeiras vítimas se acaso de todo as perdemos. Mas não podia ceder. Estava decidido. Bastava que viesse e não entrasse, para guardar para o futuro a memória daquele passo decisivo. Eu preferia que ele guardasse a lembrança da minha porta fechada, os estores descidos diante de si. Preferia que soubesse que algumas portas não se lhe franqueariam no futuro, e que seria atrás dessas, precisamente, que ele iria desejar construir os paraísos perfeitos. Eu não me levantaria do lugar. Que batesse na porta fechada, pois era por si mesmo que batia. Quase me sentia orgulhosa por essa decisão. O sádico triunfo dos mestres sobre os discípulos. A última vez que dei pelo rumor nos vidros deveriam ser umas cinco da manhã. O solo continuava molhado. “Abres ou não abres? Anh?” – perguntava, pressionando a porta. Era ele, no seu estilo revoltado, tal e qual. Depois ouvi o som dos seus sapatos a passar sobre a relva encharcada. As passadas do belo efabulador, afastando-se. Pensei que se dirigia para os bangalós da frente, que tivesse consigo uma chave, e no caso de não ter, talvez houvesse uma admoestação à entrada. Ou então risos. Por que não risos, quando o rapaz entrasse? Mas não. Na breve noite que restava, apenas ouviria rumor de carros.

Um rumor tão próximo quanto abafado.

Pois talvez a caravana dos homens distintos finalmente abalasse. Talvez o mau tempo abalasse com eles, uma cauda de nuvens empurrando a caravana até os dispersar pelos vários países da Europa, ou por outras paragens mais distantes. Não iria ser Páscoa? Então que se fossem e me deixassem em paz. Por mim, ainda faltava muito do que tinha a perder e muito do que tinha a ganhar. Oito dias mais, se não chovesse, três se o mau tempo continuasse. Essas eram as minhas contas, enquanto o sono não vinha. O final das réplicas batia-me nas fontes. Chamei as palavras que durante todo o dia haviam ocupado o meu pensamento, chamei-as com receio de que não estivessem mais comigo, pela encruzilhada que se me havia criado no espírito. Mas não, eu chamava-as e elas ali estavam, escuras letras de imprensa

alinhas, lustrosas, brilhando na penumbra do bangaló. Eu duvidava, porém, que as palavras que Martim havia recolhido do filme da Tilda para rematar as minhas falas de quatrocentos anos, fossem adequadas para encerrar o século vinte de Orlando. Diria eu, de calção pelo joelho – “*Nem senhoras nem senhores. Estou entre a vida e a morte, entre o princípio e o fim. Não sou homem nem mulher... Já estou começando outro início e ainda nem terminei este fim... Estou entre a vida e a morte...*” Repeti várias vezes as mesmas palavras. Mas devo confessar que as repeti fazendo caretas no escuro.

Para dizer a verdade, esse grande final escolhido por Martim, ao contrário do que era sua intenção, parecia-me ser um enxerto indevido, um remate sem humanidade, a criação de uma figura fora da vida, uma fuga à matéria, o vislumbre de um ser sem umbigo nem nádegas, a apoteose por um ser angélico sem pernas nem coxas, sem sexo nenhum, nem de mulher nem de homem. Um anjo. Um anjo detestável. Um perigo. Eu estava acordada ou estava dormindo? Tinha-me sentado na cama, e ligado as luzes. As réplicas finais haviam conduzido a minha personagem a uma abstração. Uma minhoca nos céus. Um anjo nojento. Eu preferia que se regressasse, de facto, àquele ano de mil novecentos e vinte e oito, metade da personagem voasse no aeroplano, e a outra metade mostrasse os seios à lua e tivesse um colar de pérolas que ardesse na escuridão, conforme o original, e os dois unidos fossem só um, que por instantes de vida se separavam. Para quê alterar o que era de *Orlando*? Preferia que as duas partes unidas existissem dentro da mesma figura, e permanecessem antigas, próprias da velha modernidade do século vinte, a imaginar o nascimento do anjo como horizonte do futuro. Pois como poderíamos rir do mundo, revolvermo-nos no grácil e no burlesco, no tira tira das máscaras, se desejássemos o anjo? O anjo sem corpo de carne, a morte futura dos seres humanos? – E como se os pensamentos e os desejos involuntariamente se colassem uns aos outros, por uma cadeia secreta, durante um momento, só durante um momento, não mais, arrependi-me. Pensei que se eu pudesse ter sido simples como uma camareira muda, e útil como uma prostituta de ocasião, naquele momento, o rapaz estaria ali comigo, dormindo sobre a minha almofada, o seu cabelo preto estaria no côncavo da minha mão, e eu teria feito algum bem ao mundo.

Mas pensei só durante um instante, pensei com receio de que o anjo sem corpo me levasse para o lugar do nada, a cavalo nas suas asas bolorentas e o nada fosse tão nada que nem admitisse o fungo do bolor. *Para, Berta Helena, para...* Ao alcance da mão havia vários frascos de pílulas. Papoila vermelha cruzada com passiflora, e valeriana cruzada com hipericão das lezírias, produziriam uma boa mistura. *Para, Berta Helena...* Onde estava um grande copo de água? Traguei de um só gole as quatro drageias. Sem dúvida que o sono iria ser reparador, iria ser um daqueles sonos mortais em que nada se escuta a não ser o voo dos pássaros, que muitas vezes não há, ou umas passadas no lajedo que não acontecem, mas soam. Sons de talheres e *brunches* que não existem. *Ah! Berta, Berta, a atriz que tu és...* Desta vez, o sono sem fim era puro efeito das ervas. Um belo sono sem fim.

Que horas seriam?

Não interessavam as horas. Há dias assim. Uma parte do meu corpo acordava, outra não. Tinha dormido em fato-de-treino, vestida e calçada, e talvez por isso a cama não me tivesse reconhecido e não me quisesse libertar do seu côncavo raso. O edredão colava-me à moleza das suas penas e não me queria devolver à ação. Mas eu sabia muito bem que mal conseguisse ficar em pé, tudo se alteraria. Regime formidável. Os lugares reboludos do meu corpo tinham perdido o peso, os músculos tinham adquirido volume e potência, os meus ossos haviam ganho a essencialidade das traves. Agora quando corria, sentia que uma harmonia de arcobotantes sustentava os meus movimentos. A astenia da manhã era só um intervalo. Quando pusesse o pé no chão, o meu corpo voaria. O problema seria chegar até lá. Pois além

estava o duche, ali a *kitchenette*. Tudo pequeno, tudo próximo. Mas talvez eu não chegasse até nenhum desses lugares sem primeiro respirar o ar livre. Sem encher o corpo com o ar condensado das essências que sopravam da praia. Magnésio, iodo, pepitas de ouro invisíveis, fluxos benignos a confluírem na pessoa que em breve passearia no palco com a elegância de um galgo afegão. E pensando nisso, na fluidez das minhas pernas esguias, na estreiteza da minha cintura, consegui ter a energia suficiente para escorregar até ao soalho, gatinhar entre os móveis e sair para a rua. Aí, contei pelos dedos.

“Esteve seis horas consecutivas à minha porta. Quem sabe? Talvez aquele rapaz me ame...” – Pensei, encostada à parede. Mas era preciso pensar noutra assunto.

Pensar, por exemplo, como era inacreditável que aquele espaço, e aquelas habitações de nada, aparecessem na publicidade sob a forma de uma casinha terna com uma palmeira inclinada a cair-lhe por cima, sendo tudo mentira. O que ali estava, naquela manhã, era não só o seu oposto, como o seu próprio desmazelo. Até a clientela distinta ajudava – Mesmo em frente, uma cadeira de plástico encontrava-se virada de pernas para o ar, as duas mesas dos *brunches* estavam separadas cada uma para seu lado, como num acampamento abandonado à pressa, e sobre o cômodo só restava a 4L, como aquilo que era, uma coisa velha, sem préstimo para nada. Inacreditável. Por certo que os homens elegantes tinham partido e haviam deixado à chuva e ao sol o carrinho miserável para se decompor ali mesmo. E de súbito passou-me pela cabeça a ideia de que talvez o rapaz tivesse fugido. Por que não? Uma coisa lógica formava-se-me no pensamento com a força dum vislumbre – “Foi isso, fugiu, e os companheiros, desesperados, foram atrás dele...” A hipótese ganhava cada vez mais consistência. Face à fuga do júnior, os homens da colónia haviam abalado sem terem tido tempo de arrumar os seus pertences. Aliás, ali mesmo em frente, peças de roupa pareciam ter sido atiradas ao acaso, quadrados de relva fora. E as portas dos bangalós dos homens encontravam-se abertas de par em par. Diante de uma das portas, rebolavam dois sapatos e um chapéu. À sombra da palmeira, um cadeirão emborcado. Era possível que tudo isso tivesse uma outra interpretação que eu não conseguia atingir, porque ainda não tinha respirado, ainda nem me havia lavado, nem sequer tinha tomado um único grama de giseng. Mas conseguia perceber muito bem, pois era muito nítido e não carecia de energia nenhuma para se compreender que a camareira muda estava a passar com um pano às costas, e me dizia de longe – “Foi no jipe, minha senhora!”

E antes de continuar o seu caminho apressado, na direção da praia, ainda disse – “Vêm tirar o nosso pão...” Mulher rude, tanta gente rude, pensei.

Então consegui fazer uma marcha em ziguezague até ao rebordo da falésia, sabendo que demoraria a compreender o que se passava, já que alguma coisa se passava, para a mulher falar no seu próprio pão. E era preciso cuidado, pois não sentia a planta dos pés. Sentei-me numa formação de areia cor-de-rosa e fixei o mar largo. Só depois percebi que alguém gritava de baixo, a partir da praia – “*Tragam um cabo!...*”

Fiquei a olhar naquela direção, durante muito tempo. A praia estava povoada. Somava o que se mexia com o que estava parado, o movimento das ondas com o objeto pesado que lhes resistia. Somava o trajeto dos carros com letras evoluindo na praia com as lâmpadas apagadas que alguns deles traziam no tejadilho anunciando a sua função. – “*A merda dum cabo, pá!...*”

Pus-me de pé.

Aí o cabo surgiu, engatou-se ao guincho, os mirones afastaram-se e tudo se esclareceu dentro do meu espírito empobrecido – Lá onde o mar batia contra a muralha de areia, estava uma toalha estendida sobre um vulto. A toalha era curta, de um lado sobejavam dois punhos de *anorak*, e do outro, dois ténis calçados. Em volta, muito mais gente do que as pessoas que constituíam a colónia de homens. E entre estes, aqueles que eu conhecia de vista, mas não de nome, havia os que se abraçavam. Era um desfecho. Como é que eu não tinha pressentido o desfecho vir a caminho, se todos os sinais me haviam sido dados?

E assim comecei a ouvir as ondas, os motores, as vozes, os passos. Os telefones a tocarem. E todas as palavras iam ter a uma só palavra – Francisco.

Francisco no meio dos abraços. A partir daí, sei tanto quanto o homem grande sabe.

Aliás, sei por certo muito menos. Escusarei mesmo de falar. Até aquele homem, ele próprio, sem eu pronunciar palavra sobre o assunto, compreenderá por que razão *Orlando* acabou por ficar suspenso *sine die, sine hora, sine anno, Orlando* definitivamente adiado. Não vou precisar de explicar àquele homem as razões óbvias que me fizeram desencadear esse prejuízo sobre a minha pessoa e sobre muitos outros. Sobre a casa de espectáculos que enviou uma nota seca à imprensa e recolheu o telão. Foi a forma que encontrei, senhor não sei quantos, à minha espera no Salão do Ritz.

“Senhor?” – disse eu, pressentido que o homem estava diante de mim. Pois estava. Os meus olhos encontravam-se à altura do seu peito. Dava para ver que o homem não tinha consigo nem o malote nem o porta-fatos, por certo que os havia feito guardar nos arrumos da Recepção. Mas ali estava, e era exatamente como eu tinha imaginado a partir do único encontro cara a cara que havíamos tido, a meio da falésia, ia eu a descer, vinha ele a subir. Nesse outro momento, o grandalhão não tinha nem sapatos nem chapéu, tinha só o risco de tinta-da-china sobre o lábio. Tal e qual, ali estava. “Senhor?” Tal qual, não. Naquele dia, estava pálido e agora estava rosado, naquele dia estava desfeito, agora estava refeito, naquele dia tinha a fralda branca fora das calças brancas, agora tinha a camisa apertada por um cinto, e no peito uma gravata cor de vinho às pintas. Naquela manhã, tinha um ombro saído para fora da camisa como se tivesse andado numa luta e alguém lhe tivesse puxado por um braço, agora tinha um fato de grande corte, azul-escuro, ajustando-lhe a silhueta. Naquela manhã era um desgraçado, agora, porventura, era um homem notável. Naquela manhã, descalço, era empurrado ladeira acima, por um magote de homens estrangeiros e nacionais, entre eles um de bengala. Agora só a sua figura no meio do Bar do hotel metia respeito. Mas se vinha perguntar se eu me lembrava de tudo, e se estava disposta a esquecer, claro que eu estava. O teatro ensina que uma parte substancial da vida é para perder. “Senhor?” – Eu gostaria de o tratar de outro modo, mas continuava sem conhecer o seu nome.

Ele disse-me – “Desculpe, mas estou há uma hora à sua espera. Da Recepção até já lhe telefonaram para casa.”

Eu olhei o relógio, fazia tempo que não tomava ervas nenhuma, funcionava só com o meu cabedal, mas era um facto, tinha passado uma hora sobre o tempo acordado. Era muito curioso. “Senhor?” – disse-lhe eu, e ainda nem me tinha levantado da mesinha do Bar. “Calcule que eu estou aqui há duas horas, neste lugar exato, à sua espera...” O homem olhou-me longamente. “O senhor além, entre as suas malas, eu aqui. E não nos vimos...”

“Precisa de alguma coisa?” – perguntou, desconfiado.

Não, eu não precisava de nada. Naquele manhã, ele, o homem, também não precisava de nada. Um desgosto de amor e de morte é isso mesmo, declarar-se à vida que não se precisa de nada. Mas agora ele estava refeito. Aposto que envernizava as unhas. “Não preciso de nada. Não sei se vamos falar aqui mesmo...” Pois ali mesmo, não, ali ele não queria falar. Atravessámos o salão, percorremos um corredor, subimos uma escada, tudo atapetado, tudo de cristal, e finalmente chegámos a um gabinete amplo onde se entrava como num cofre de veludo. Sem som. Sentámo-nos em pontas de sofás distintos, como inimigos. O homem olhava para o relógio, percebia-se que tinha chegado e já iria partir, que não iria haver encontro nenhum, que não servira para nada eu ter inventariado os factos, aquilo era só um serviço rápido em trânsito, uma conversa de hotel, entro eu, saís tu. Perfeito, perfeito. As orelhas dele eram grandes, mas

nem vermelhas nem descomunais como me haviam parecido ao entrar no Salão. Tudo fantasias dos meus sentidos. Escuto. O cavalheiro concentrou-se, e durante um momento ainda hesitou, desconfiou de mim. Estou habituada a detectar os sinais desses sentimentos primários, e ele dava abundantes mostras disso. Compreendia, aquilo era uma simples acareação. Senhor?

“Pois bem, a senhora desculpe os termos em que a abordo...” O homem hesitou e logo concluiu – “A mãe do rapaz deseja saber se a senhora dormiu de facto com o filho, e em caso afirmativo, se ele foi feliz...”

Sim, claro, compreendia muito bem a pergunta. Era uma maneira de dizer como outra qualquer. Era uma maneira de dizer. Bastaria uma palavra para criar o rosto de um homem, de tal modo é ténue o que tece a imagem da vida. Claro que eu sabia fazer distinções, aquilo que ela, a longínqua mãe, queria escutar não era o mesmo que o meu interlocutor direto pretendia ouvir. Absolutamente compreensível. Afinal, era por essa prova que o homem tinha viajado. Afinal. Tudo lógico, tudo respeitável. Menti-lhe, disse que sim, assegurei-lhe que o rapaz tinha sido muito feliz comigo. Disse-lhe, e tinha consciência de que ao dizer era credível. O homem ficou pensativo.

“Desculpe a delicadeza da pergunta, mas tem por acaso a senhora algum pormenor, algum detalhe, que eu transmita àquela senhora? A mãe do rapaz?”

“Desculpe o senhor” – disse-lhe eu. “Mas não se deve revelar o que se passa entre dois amantes, nem na vida nem na morte. Não acha?”

A linguagem que usávamos deveria parecer de outro mundo, tão cerimoniosa era. Uma coisa velha como a maior parte das peças que atingem os palcos e fazem bilheteira. E no entanto a realidade era viva, contava seis meses apenas e era esta. O homem forte não me deixou o cartão nem me disse o nome. Empurrou-me devagar até à saída do Ritz onde o oficial de serviço levantou o braço e me chamou um táxi. E ao começar a viatura a deslizar pelas ruas, eu disse como o italiano costumava dizer – *Rapido!* Talvez o verdadeiro destinatário, em qualquer parte, o ouvisse.

AS TRÊS MULHERES SAGRADAS

Quando acordou, tudo o que viu foram as suas roupas espalhadas pela areia e o seu próprio corpo amarrado ao poste. Claro que o poste ela não o via, porque a sua cabeça estava sujeita a ele, os braços atados atrás das costas, e entre os seus seios, ao fundo deles, como se fossem de outra pessoa, estavam os seus próprios pés. Mas as quatro peças de vestuário que começavam a alvejar à luz da madrugada é que lhe devolveram a memória dos vultos e das mãos que lhe haviam feito aquilo.

Melhor dizendo, que lhes tinham feito aquilo, já que as suas companheiras também elas haviam sido atadas, ainda que só ela tivesse sido pisada, humilhada e despida. E era precisamente a partir da saia feita um novelo, e da blusa branca caída na berma feita rodilha, a partir das duas peças de *lingerie*, expostas como se fossem dois pedaços da sua própria pele, que se lembrava do que havia sucedido até chegarem àquele estado. As peças de roupa traziam-lhe de volta a imagem das duas companheiras sujeitas cada uma a seu poste, tendo-lhe cabido a si o papel de ficar no meio. Então procurou escutar numa e noutra direção, para ver se lhe chegava algum sinal das suas pessoas, mas apenas ouviu o ruído do mar, o barulho das ondas caindo em cima da areia como toalhas de água. Nesses momentos, uma pessoa fica muito pouco lúcida, ou fica lúcida de uma outra maneira, como se os olhos mudassem de lugar. A prova é que foram essas porções de água, que vinham espalhar-se em semicírculos a escassos metros da estrada, foram elas que lhe deram a ideia de que tudo aquilo poderia ter um sentido, e por isso permaneceu quieta a olhar para o seu próprio corpo, a ver a partir de cima, por entre o côncavo dos seios, as curvas redondas dos joelhos, e as pontas dos pés inchados.

Aliás, era bom que visse nitidamente os pés, pois tinham-lhe adormecido, e ao contrário do que pensava ser comum em semelhantes circunstâncias, não só não lhe doíam como não os sentia sequer. Dir-se-ia que dez dedos de unhas vermelhas haviam sido retirados de uma outra criatura para serem colocados ali. Só depois, quando concluiu que aquele era o seu corpo, que tudo quanto fazia parte dele em breve iria ficar exposto à claridade da manhã, ela pensou no sentido. Melhor dizendo, pensou que era preciso ultrapassar o sentimento de surpresa e humilhação que as pusera mudas durante a noite – à exceção daquele momento em que Julinha Moreira havia cantado – e mesmo sem conseguir virar a cabeça, de tal forma o pilar a imobilizava, Vera Brandão começou a chamar pelas companheiras. O instinto da decência e da sobrevivência, unidos num só, dizia-lhe isso. Que não se encontrando tão amarradas quanto ela, e ajudadas pelo seu chamamento, talvez as duas pudessem começar a mover-se e a acudir-se umas às outras. Chamou pelos seus nomes, primeiro devagar, depois mais alto. Esperou, e nada. Lá estavam as ondas. Ou a sua voz era mais fraca do que ela própria ouvia, ou encontravam-se mais distantes umas das outras do que havia calculado. A verdade é que nenhuma das companheiras lhe enviava qualquer sinal audível. E ao imaginar as estranhas figuras que as três ofereceriam quando amanhecesse, achava que semelhante situação não poderia prolongar-se por muito mais tempo, que dali a pouco alguém forçosamente iria aparecer para as libertar, que em breve iriam poder reunir-se, e abraçadas como irmãs, de regresso a casa, iriam deitar contas às suas vidas. Iriam, antes de tudo, começar por expulsar dos arquivos o nome daquela por quem ali estavam, Margarida Maria, a rapariguinha de dezasseis anos de idade com quem haviam deambulado durante três semanas ao longo

das praias. Sim, era por causa dessa adolescente grávida que três mulheres inocentes se encontravam naquela situação, e ela pior do que as suas amigas, porque estava nua, não sentia o corpo, e amanhecia. Mas acontecia assim porque ela era a líder.

Porque ela era a líder é que lhe haviam revirado a carteira, e a tinham pisado e ultrajado. Só depois, quando a haviam trazido para junto das companheiras, também elas sequestradas dentro do carro, os quatro capangas tinham tido a ideia de as levarem até àquela zona da Marginal onde o areal galgava o asfalto e a água ameaçava impedir a continuação da via. Fora aí, como se a topografia lhes fosse dando asas à imaginação, que os perversos tinham tido a ideia. De resto, não sabia dizer fosse o que fosse, a não ser que não lhe doía nada, não tinha fome nem frio, e se não visse o seu corpo tão material como nunca antes o havia visto, e se não sentisse força nos músculos para se contorcer sob o pano que a sustinha, diria que tinha morrido. E era até por essa razão, com receio de que as suas companheiras não tivessem aguentado, e já não se encontrassem vivas junto dos outros postes, que ela chamava – “Dinah, Julinha Moreira...” Chamava tão alto quanto podia. De novo, só as grandes toalhas de água que ali estavam em frente, a quererem subir, a quererem levar as suas peças de roupa, se faziam ouvir. E ela pensava – *Calma, Vera Brandão, calma que nunca estamos sós. Mesmo perdidos num deserto, alguém está a caminhar para nós, pois de outra forma não haveria sentido...* Pensava, decidida a esperar em paz. Passado algum tempo, o ruído dum carro rompia do lado dos eucaliptos e parecia estar a avançar naquela direção. Parecia ter parado. Ela ouvia várias vozes indistintas a aproximarem-se e depois de um grito, passos parados e palavras soltas.

“Onde?”

“Além...”

Lembrava-se de ter permanecido muito quieta, à escuta, enquanto os passos e as vozes haviam cessado, provavelmente por efeito do estado de choque que o espectáculo das três sequestradas lhes estava causando, sobretudo a sua própria figura, perto da qual se encontravam. Compreendia. Quem quer que fosse que chegasse, encontrava-se sem capacidade de reagir. Agora já perto de si, alguém dizia *selvagens, selvagens...* Percebia-se pela voz que eram jovens, adolescentes ainda, talvez. Um deles tinha-se aproximado do poste com um canivete e desatava-lhe a corda das mãos, mas fora uma rapariga quem começara a desapertar o pedaço do pano de vela com que lhe tinham amarrado os joelhos, enquanto berrava que fossem buscar uma toalha ao jipe. Muito alto, junto de si – “Rápido, gente. A mulher está mais gelada que um peixe...” Entretanto, um dos rapazes tinha-se apercebido da situação – até porque a sequestrada apontava com o braço para lá – e começou a recolher as roupas dispersas pela areia, começou a sacudi-las, e a rapariga começou a enfiar-lhas pelos braços e pelos ombros. A cabeça entumecida, já liberta do pilar, mal se movia. “Estou sozinha?” – Tinha então perguntado a sequestrada, uma vez que olhava para os postes de iluminação pública dispersos ao longo da baía e não enxergava nem Dinah nem Julinha. Também os jovens que a socorriam, massajando-lhe os braços e as pernas com golpes de água salgada que acarretavam das ondas, olhavam e não viam ninguém. Os dois postes próximos lá estavam, um a nascente, o outro a poente em relação àquele de onde o seu corpo havia escorregado, com a inércia e a desconjunção de um saco de batatas, mas de facto, por mais que se esforçasse, até onde o olhar alcançava, não via quem quer que fosse.

“Éramos três...” – Conseguiu dizer.

Nessa altura já se encontrava estendida na berma da via assoreada, com as nádegas na areia e a cabeça na pedra forrada pela toalha, e dois daqueles jovens continuavam debruçados sobre ela a fazer-lhe massagens ardentes pelo corpo inteiro, enquanto lhe dirigiam perguntas a que ela não respondia. Não podia, mas mesmo que pudesse, não iria referir o que se tinha passado até chegarem àquele episódio. Jamais iria contar àqueles jovens, que não paravam de se debruçar sobre ela, tratando-a como pessoa, o

que havia acontecido. Quando muito, iria mencionar como lhe tinham arrancado os objetos pessoais, como o carro havia ficado no meio dos pastos secos, atrás do renque dos eucaliptos, e imaginando agora que os perversos tivessem poupado as suas companheiras, num primeiro momento, para se vingarem posteriormente nas suas pessoas, ainda numa forma mais bárbara, e lá onde agora se encontrassem talvez até estivessem morrendo, imaginando isso, pediu aos rapazes que não telefonassem para mais ninguém. Estatelada na areia, que ali fazia uma cama rala, Vera Brandão precisava de raciocinar. Para já precisava de pedir a um daqueles rapazes que sobejava das massagens e das corridas com latas na mão, que fosse até lá atrás, lá onde julgava ter ficado o seu carro, para ver se havia algum rasto das suas companheiras. Preferia esperar. E não demorou muito que o jovem não regressasse, confirmando que de facto o carro se encontrava no meio do baldio, com a chave enfiada na ignição, e a carteira, que já ali lhe trazia, com documentos, cartões e dinheiro, emborcada num dos bancos traseiros. Na proximidade, como rasto de gente, só havia encontrado uns guardanapos de papel a voar e umas quantas latas vazias. O sol ainda não tinha nascido, mas já havia suficiente claridade para poder confirmar que nas imediações não estava ninguém.

“Afinal, se não era para roubar, o que queriam eles?” – perguntou o jovem que havia feito de batedor, entregando-lhe a carteira intacta.

Vera Brandão sentia os grumos da areia nas costas e a dureza da pedra a entrar-lhe na cabeça, mas não ia responder. Por mais que esperassem pela resposta, curvados sobre ela, não iria dizer nada. Então, um dos rapazes que não se cansava de ir buscar água salgada, e de lha entornar por cima dos pés, teve uma ideia absurda – “Se calhar as suas companheiras, como estavam vestidas, até se piraram na grande velocidade para não terem chatices consigo. Sendo assim, só você estava nua...”

Melhor fora não ter ouvido. O que aquele rapaz estava a dizer criava-lhe um pressentimento indecente. Mas naquela situação o que era um pressentimento indecente? Vendo bem, havia um sentido neste mundo para todos os absurdos e todas as indecências. Quando se esquecia, alguém ou alguma coisa se encarregava de lho lembrar. E até era o caso. E era também por essa razão que se queixava pouco, que suportava a reativação sanguínea com paciência, e aceitava com alguma naturalidade que aquelas pessoas jovens lhe enfiassem roupas pelas pernas e pelas coxas como se fosse uma enferma assistida pelas Irmãs Clarissas. Aceitava tudo, naquele momento, porque havia um sentido. No caso de supor que aquele jovem, que havia falado em deserção das suas companheiras, pudesse alguma vez ter razão, até isso, por absurdo que fosse, até isso teria um sentido. E caminhando amparada de todos os lados, entrou no seu próprio automóvel, que um daqueles rapazes havia arrancado ao mato no meio de solavancos. Um outro, que a acompanhava no banco de trás, perguntou – “Mas afinal por que fizeram uma selvajaria destas só a si, e não às suas companheiras?”

Também a isso ela não ia responder. Aqueles jovens demonstravam ser pessoas de coração lavado, não mereciam conhecer a vida no seu pior. Aliás, o que a noite anterior havia rasgado na sua confiança em relação ao mundo, por certo aquela manhã iria coser. Não iria dar explicações nenhuma, até pela simples razão de que ainda que quisesse, verdadeiramente, não as teria para dar. Foi já a caminho da Clínica para onde a levavam, com o sol a nascer por cima do mar, que ela se entregou ao pressentimento. E se por acaso aqueles jovens tivessem razão? Se as suas companheiras tivessem mesmo desertado? E lho tivessem querido mostrar dessa forma definitiva? – Perguntava a si própria, e não era apenas um pressentimento do corpo doído, era mais um discernimento, uma coisa descida da zona cerebral da cabeça, nascida da junção de dados separados, que naquele momento se uniam, depois da noite do caos passado no matagal. De facto, ao longo da deambulação pelas praias, nem sempre as duas companheiras tinham estado de acordo com ela em relação à grávida, certa vez até se haviam desentendido, e talvez os perversos tivessem compreendido isso mesmo, e as tivessem poupado a ambas, deliberadamente. Talvez

nenhuma delas tivesse ficado amarrada a nenhum poste, talvez nenhuma delas tivesse verdadeiramente sido perseguida. E ainda que não sentisse os lábios, de inchados que estavam, nem conseguisse abrir o olho direito, a sequestrada pediu àqueles jovens que fizessem o favor de não falarem com a Polícia. Sim, desejava isso mesmo, que não falassem. Vera Brandão queria que o assunto morresse ao longo daquela estrada. O que tinha acontecido tinha acontecido, havia desaparecido no ar. Há passos nesta vida que devem ser preservados das acareações públicas para que se poupem os sentidos privados. Pensava ao entrar na Clínica. Na verdade, ainda que Julinha Moreira e Dinah de Sousa, suas companheiras inseparáveis, se tivessem desprendido e abalado durante a madrugada, sem se aproximarem dela sequer, ainda admitindo esse absurdo, sempre haveria um sentido.

Mas que sentido era esse que se levantava na sua frente e a chamava para locais distantes? Nasceria ele dos seus erros ou corresponderia, pelo contrário, a uma exigência de novas qualidades? Alguém quereria alguma coisa da sua pessoa para a qual não estava preparada? Uma razão superior ou uma razão inferior a conduziria até ao matagal e a pusera nas mãos de gente votada ao crime? – Vera Brandão havia formulado essas perguntas durante os oito dias que permanecera na Clínica, e já depois, no regresso a casa, repetia-as sem cessar, pensando que, se aquela noite acontecera como promessa, não merecia tanto, se era como castigo, não via porquê. Mas perante essa alternativa, preocupava-a sobretudo a promessa, porque essa projetava-se no futuro e não sabia como cumpri-la.

Afinal ela apenas havia sido a líder dum projeto destinado a manter a harmonia do mundo, não passava duma criatura vulgar. Como muitas outras pessoas com as quais se cruzava na rua, ela apenas tinha sonhado com uma associação de defesa intransigente da vida humana desde o seu início, tinha criado os seus estatutos, seus corpos gerentes, seus associados. Vendo bem, nem havia feito nada. É verdade que havia combatido, na hora da sua formação, os detratores demasiado fúnebres, e na hora do arranque, os entusiastas demasiado eufóricos, esses dois desequilibristas de qualquer agrupamento humano. É verdade que havia angariado uma sede, um espaço respeitável, mas também era verdade que só o conseguira por via do seu nome, seus parentes e amigos. Também em relação ao nome da instituição, ela própria o havia encontrado, folheando ao acaso umas páginas de Rilke, roubando-lhe a expressão *Miúdas Flores*, palavras da Quarta Elegia. Mas outros associados haviam considerado que um adjetivo relacionado com miudezas apoucaria a ação que iria decorrer no primeiro andar do número 218 à Rua das Trinas, antigo Palacete dos Ritos, e preferiram mudar para *Flores Recolhidas*, e ela apenas não se havia oposto. Toda a energia concentrada na preservação da vida desde o seu início. A convicção construída como um ato racional. Tão simples, tão claro, uma flor numa jarra. Tal como os outros associados, ela apenas acreditava que a pessoa existe desde que existe a sua própria possibilidade. E como os seus pares, para chegar ao princípio inalienável da vida, ela apenas conjugava o método da semelhança sem fim. A flor na jarra. Vera Brandão costumava partir do princípio incontestável de que ao nascer se é pessoa, de que no dia anterior ao nascimento já se era pessoa, que no dia anterior a esse também já se era, e um dia antes desse também, pelo que no dia anterior a esse não poderia deixar de o ser, e caminhando para trás, até ao primeiro dia, chegava-se à conclusão irrecusável do papel inaugural do início. Isto é, para Vera Brandão, no primeiro dia de vida ainda não existia o olhar humano, mas a sua promessa já era a verdadeira pessoa que se havia posto a caminho. Assim, *Flores Recolhidas* fora criada para salvar pessoas, e ela era apenas mais uma a lutar pela causa, ainda que fosse a líder. Mas agora, tendo acontecido o que havia acontecido, continuava a perguntar com a mão sobre os *dossiers*, se acaso teria merecido aquela noite como promessa.

O percurso fora um tanto sinuoso.

É verdade que, no espaço de um ano, a publicação com o título *Flores Recolhidas* havia atingido três mil e trinta assinaturas e outros tantos associados. No espaço de três anos, a casa recolhera e levava a bom porto trinta e nove raparigas em apuros graves, tendo-se salvo em consequência quase outras tantas vidas. Algumas dificuldades. Mas só ao quinto ano, quando, sem qualquer explicação, a curva dos acolhimentos começava a declinar em vez de subir, o núcleo duro da obra havia tido a ideia de proceder a uma ação de charme e recolha de fundos. Fora ideia dela, mas a adesão fora de todos. Por acaso, ela é que havia pensado em voz alta com os companheiros mais próximos, e com eles havia concluído que deveriam sair do abrigo da Rua das Trinas, da comodidade da publicação em que todos os parágrafos estavam de acordo, deveriam sair da área dos conhecimentos próximos e amigos, todos concordatos, todos unidos, para se lançarem pelos caminhos diversos do mundo. Assim, ela tinha pensado, pensado, e o núcleo duro havia concluído com ela que teriam de incentivar os associados a demonstrarem os princípios de *Flores Recolhidas*, em territórios selvagens.

Haviam chegado à conclusão de que tudo esquece e tudo passa, e volvidos tão poucos anos, em vez do princípio do reconhecimento da pessoa humana, por meio do método da semelhança multiplicada, andando para trás, tinha voltado a vencer o princípio oposto, o raciocínio viciado da dissemelhança sem fim. Melhor dizendo, partindo os adversários da hipótese de que no início ainda não se é pessoa, de que ao segundo e ao terceiro dia ainda não se é pessoa, de que ninguém pode determinar quando a meio do percurso da gestação se é pessoa, e assim por diante, de modo infinito, então ninguém poderá assegurar que, ao nascer, se seja pessoa, só porque se vê o nascido dormindo em seu berço, e por isso também ninguém poderá garantir que alguma vez a pessoa seja pessoa, mesmo quando se é adulto e chega a hora de a pessoa partir deste mundo. E esse princípio atroz, que de novo se espalhava à face da Terra, explicaria a complacência perante todo o tipo de assassínios e todo o tipo de guerras, todo o tipo de desprezos humanos, ou pelo menos, sendo tacitamente consentido, sancioná-los-ia. Quem o havia dito fora ela, Vera Brandão, mas alguns outros olhos para além dos seus se haviam enchido de lágrimas durante a reunião dessa noite, ao número 218 da Rua das Trinas. Sim, partiriam. A ação ficaria marcada para o mês de agosto, e o espaço a abarcar seria o território mais difícil, mas por certo também o mais promissor. As praias do sul, essas nesguinhas de areia coalhadas de interesses e amores passageiros. Para tanto, iria ser necessário mostrar exemplos concretos, efeitos práticos, palpáveis, num tempo em que ninguém mais se entregava a abstrações mentais. Mas essa parecia ser uma questão resolvida. Das quarenta e sete raparigas que até então tinham sido salvas das correntes do crime, haveria por certo muitas delas que iriam desejar testemunhar sobre a forma de como se haviam detido. Tudo ideias da líder que bem poderiam ter sido de um outro associado, pois a ação apenas consistia em criar vários grupos que difundissem, junto dos veraneantes, a ideia da preservação da vida.

Mas não iria ser fácil.

De entre os três mil e trinta associados, apenas vinte e nove haviam respondido, todas elas mulheres, e dessas, só doze admitiam vir a ser diretamente envolvidas. Passada uma semana, as doze companheiras disponíveis estavam reduzidas a nove, e entre elas poder-se-iam estabelecer três grupos distintos. Quatro conseguiriam explicar com propriedade aquilo a que se ia, sendo duas delas pessoas licenciadas, mas bastante desmazeladas de figura e pertencendo ao grupo daquelas sobre quem os maliciosos diriam ser galinhas que não põem ovos há muito. O que recordariam elas do amor humano? Já teriam esquecido tudo, costumavam dizer. Das restantes companheiras disponíveis para a ação, uma delas tinha acabado por ficar doente, as outras duas, bem apresentáveis por sinal, tinham dificuldade em expor fosse o que fosse, quer em público quer em privado. Uma delas por timidez, a outra por ignorância. Por exclusão dolorosa de partes, havia sobejado o pequeno grupo constituído por Dinah de Sousa e Julinha Moreira.

Duas companheiras, cada uma delas com seu problema. Dinah, com algum apego às Ciências da Natureza, pendia para os exemplos zoológicos, e alterava-se bastante quando tinha de falar para mais de dois circunstantes. Problema diferente era o de Julinha Moreira. A delicada Julinha Moreira vivia dentro da Bíblia, tinha dificuldade em imaginar que o Bem existisse fora das margens do antigo Jordão e pensava no futuro próximo em termos do Apocalipse de Patmos. Cantava num coro, e era muito melhor a cantar do que a expor. Dois problemas. Não importava, as duas companheiras ficariam com as abordagens mais simples, e de resto, a líder falaria por elas. Seriam boas ajudantes, raparigas de cinquenta anos, loiras pintadas, bem dispostas, bem trajadas, idade ideal para se falar do amor em todas as épocas. Naturalmente que sobre estes raciocínios jamais a líder havia deixado escapar uma sílaba, no primeiro andar da Rua das Trinas. O problema é que estavam reduzidas a um único grupo.

Mas a grande dificuldade iria ser outra. A grande questão seria encontrar o caso exemplar, uma rapariga, pelo menos, que estivesse disposta a relatar a forma como *Flores Recolhidas* lhe havia servido de porto de abrigo na hora da decisão. Até àquele momento, haviam sido salvas para cima de quarenta grávidas, e custava a crer que nenhuma das intérpretes estivesse na disposição de falar. Algumas delas até se mostravam satisfeitas com a opção tomada, mas não tinham tempo a perder, tinham agora as suas vidas, algumas até já estavam de novo grávidas, e não queriam mais participar no projeto, ainda que se sentissem agradecidas. Diziam-no ao telefone. Outras nem agradeciam o que havia sido feito por elas. Viviam em tais dificuldades, que pareciam não estimar as crianças que lhes tinham salvo, achando que *Flores Recolhidas* as havia enganado, desdenhando das mensagens escritas que a casa lhes enviava. Duas delas haviam mesmo clamado alto que não tinha sido uma hora boa, aquela em que haviam entrado no número 218 da Rua das Trinas, pois se tivessem entrado por uma outra porta, agora teriam emprego, teriam casa, teriam marido, e assim não possuíam nada, falando cada uma delas do respectivo estado de escravidão em que haviam mergulhado. Era com repelência que invocavam o lar que lhes tinha feito bem. Como se a consciência não fosse mais um valor e as crianças suas filhas, só por si, não significassem nada. Desligavam o telefone na cara da líder.

O pior de tudo fora uma delas que havia confessado aos gritos ter acabado de enjeitar a filha, acusando *Flores Recolhidas* de lha ter feito conservar à força, alterando por completo a verdade dos factos, garantindo que na Associação a haviam ameaçado de denúncia à polícia. Finalmente estava feliz porque alguém a tinha levado. Mas a queixa mais particular de todas situara-se a um outro nível. Era já tarde, quando esse telefonema havia sido feito, e alguém havia começado a chorar desabaladamente do outro lado da linha. Por fim, a jovem mãe havia conseguido dizer por entre soluços, que depois de tanta luta, a criança tinha-lhe morrido. Amava a criança, fizera tudo por ela, e por um resfriado de nada, Deus levava-a consigo. Se fosse de praia em praia para contar a sua história, seria para dizer que Deus havia sido um mau assassino. Aí Vera Brandão havia pousado o telefone, mergulhado a cabeça entre as mãos, e durante uma hora tinha conhecido o garrote da dúvida. Mal respirava. Afinal, para que serviam os seus passos? Era como se além da ordem que se criava com tanto esforço, quer se quisesse, quer não, sempre estivesse um caos do outro lado, à espera de cada um de nós para nos derrotar a vida. Custava a crer, mas aquela pesquisa circunstancial, uma abordagem espontânea da realidade, acabava de lhe demonstrar a dimensão aproximada de como *Flores Recolhidas*, naquela cadeia de atos, só cumpria uma pequena parte. Estava provado que, depois da salvação do crime, era preciso tratar do conforto das pessoas. Não era só salvá-las, era forçoso mantê-las salvas. Seguiram-se dias ferozes em que Vera Brandão, no primeiro andar do palacete, quase havia desistido.

Mas aquele era o mês de maio, o mês das açucenas, o mês das rosas, o mês de Maria Virgem Mãe, e

numa tarde cheia de lindas sombras, e gorjeios de pássaros nas árvores, aparecera à porta do número 218 da Rua das Trinas uma rapariga em condições extraordinárias. Era uma jovem grávida de dezasseis anos, bastante formosa, as feições um pouco diluídas, parecida com a Kate Moss, a quem nunca havia passado pela cabeça desfazer-se da sua criança e vinha procurar *Flores Recolhidas* para fazer face às dificuldades. Quanto à sua história, contava-a em quatro palavras. Havia sido violada cinco meses atrás, durante as férias de Natal, e como nem o pai nem a mãe viviam em casa ia para dois anos, morava completamente sozinha, agora que a vida iria começar a complicar-se, precisava de verdadeira ajuda. Quatro palavras. Pois dizia tudo isso de forma absolutamente sóbria como se tivesse aprendido a arte delicada de resumir assuntos graves. Chamava-se Margarida, conversava pouco, ou quase nada. Dormia muito, parecia não ter Sida nem ter sido drogada, caminhava como uma modelo, muito esguia, o ventre já um pouco inchado, e apenas se notava a baixa condição da sua origem quando se sentava à mesa. Aí, curvava-se para o prato, metia as pontas do cabelo dentro dele, e comendo tão pouco, a cada garfada, conseguia cometer três ou quatro faltas de conduta imperdoáveis. Inclina-se sobre a comida, sorvia os líquidos, destroçava os sólidos, produzia um chavascal sobre a mesa, conseguia mostrar tudo o que acontecia dentro da sua pequena boca como se fosse um mostruário. Mas a líder não quisera corrigi-la. Decidira não tocar naquela figura humana, deixá-la pura e simples como estava. Aliás, a rapariga dizia ter frequentado o décimo primeiro ano de escolaridade e era verdade, o que não era mau, atendendo aos seus poucos anos, mas não se lhe via na mão nem um livro, nenhuma revista, passava horas inteiras na sala de *Flores Recolhidas*, diante da televisão, sem fazer nada. Às vezes saía a passear pelo jardim e trazia na mão flores públicas que colhia, e perguntava onde punha. Vera Brandão dizia-lhe – “Oferece à Nossa Senhora...” Ela pensava, pensava, e ia pô-las no próprio quarto. Fosse como fosse, a rapariga agradava-lhe. Certa manhã olhava para ela, tão fresca, tão formosa, quando de súbito havia sido assaltada por uma ideia extraordinária – E se em vez de levarem para a ação uma ex-grávida que falasse de como fora salva do crime, levassem uma verdadeira grávida? Tinha-a abordado. Quando lhe havia falado na hipótese de participar no projeto de difusão e angariação de fundos para a Associação, a rapariga tinha-se posto imediatamente de acordo e até havia dito que não se importava de dizer umas palavras. E o que diria? – Diria que naquela Associação toda a gente era boa para ela, e que se não fosse gente assim, talvez muitas pessoas como ela não soubessem o que fazer à vida. Havia respondido, quase espontaneamente. Aliás, Vera Brandão chegara a comover-se, já que depois de tanta dificuldade, escutar semelhante confissão da boca daquela rapariga, soava-lhe a uma espécie de recompensa. Tinham ensaiado – “Margarida, e se te perguntarem por que não denunciaste o autor aos teus pais, ou à polícia, o que vais dizer?” Ela tinha pensado, pensado, e não havia dado resposta nenhuma. Mas deu no dia seguinte. Estava a ver televisão e disse – “Digo a verdade. Digo que não valia a pena porque ninguém me voltava a dar o meu antigo estado...” E tinha continuado a ver televisão. Na algibeira usava sempre *chiclets* que mastigava enquanto se concentrava no que via, e amiúde produzia grandes bolas brancas que lhe rebentavam em cima da cara. Vera Brandão ria-se muito para ela, ela ria-se muito pouco para a líder. Fazia parte da sua personalidade contida.

Aliás, Margarida Maria era uma pessoa verdadeira. Na pesquisa que haviam feito sobre a família, todos os dados batiam certos – Tinha frequentado a Escola Secundária de que falava, os nomes dos pais eram aqueles mesmos, no telefone de casa ninguém atendia, nem tão-pouco nos seus locais de trabalho. A mãe havia saído com outro homem, o pai havia tomado outra mulher, os dois não vinham a casa, e fora aí mesmo que, durante as últimas férias de Natal, ela havia sido violada. Margarida descia os olhos, cruzava os braços. A líder não lhe perguntava mais nada. A líder não gostava de psicólogos, que tomava por falsos sabichões dos comportamentos humanos, mas havia consultado um deles antes de se pôr a caminho, e o homem havia-lhe dito que estavam perante um caso normal – A rapariga, deserdada das

figuras do pai e da mãe, desde tenra idade, queria um filho por compensação. A teoria tinha a lhanza própria dos pastores de gado, não cheirava nem fedia, mas Vera Brandão havia descarregado assim a sua consciência, e a consciência de *Flores Recolhidas*, decidindo-se então a partir. Um dia antes, aliás, Margarida quebrou o pacto de reserva que parecia ter com o mundo e com os outros, e aninhando-se-lhe nos ombros, havia-lhe perguntado se podia ficar ali dentro da Associação toda a vida, com o filho. Claro que era uma pergunta infantil, mas não iria responder que não. Tinha-lhe dito como qualquer outra pessoa diria – “Tu, Margarida, tu é que escolhes, depois de teres a tua criança, tu é que decides...” E fora assim que haviam partido a caminho das praias do sul, com um plano concebido ao longo de vários meses.

Mas agora, quando confrontava a partida com a chegada, a líder por vezes achava que a Terra se tinha revolvido e ela própria se tornara estranha nessa nova paisagem. Na verdade, iriam partir em dois carros, um de Julinha Moreira e outro seu, já que transportariam consigo grandes sacos repletos de formulários, folhetos explicativos e várias resmas da publicação *Flores Recolhidas* em seu número de verão. De resto sentiam-se prontas, seguras, bem preparadas para deambularem durante quatro semanas, de praia em praia. Não, não era um plano de ataque, não tencionavam assaltar ninguém, era só um plano de abordagem que consistia numa primeira aproximação, na entrega do folheto, na apresentação da Margarida, palavras da Margarida, e explicação de moldes de ajuda face ao programa *Salvação da Vida*. Em cinco minutos, desde que bem cadenciado, informariam um grupo de veraneantes, ou até uma família inteira, mas não desejavam que as sentissem ao assalto. Elas só avançariam se pressentissem um sinal positivo, só falariam se os destinatários se mostrassem interessados. Pernoitariam em hotéis de três estrelas, tendo ainda assim obtido descontos extraordinários. Dois quartos reservados, um duplo com cama de criança para as três, um *single* para a rapariga. A gravidez de Margarida ia agora para sete meses e meio. Num dos prospectos que seriam distribuídos pela própria, podia ler-se – “*Chamo-me Margarida. Salve com o seu apoio muitas outras margaridas.*” No caso de ter de falar, o que poderia acontecer com frequência, tinham chegado à conclusão de que a grávida deveria dizer – “*Eu sou esta pessoa... Eu e o meu filho vamos ter uma vida feliz, graças a uma organização chamada Flores Recolhidas... Deposite o seu donativo no Banco Barklays...*”

Assim foi. Tinham começado a deambular a três de agosto. Instaladas no Hotel Rosália, haviam começado por percorrer as Praias do Oeste, procurando as estâncias de boa frequência, as imediações dos grandes empreendimentos, dirigindo-se para as esplanadas melhor frequentadas, seleccionando as pessoas de preferência durante as suas pausas, quando as famílias se encontravam a tomar refrescos, enxugando-se da água do mar. As três companheiras de causa, bem vestidas, bem penteadas, muito dignas, impelidas pela razão íntima dos seus passos, atuavam conforme previsto. Mas deve-se dizer em abono da verdade, que se a ação tinha começado por ser um sucesso, ele se devia à figura da Margarida.

Saíam pela manhã, dirigiam-se para os locais previamente escolhidos, cumprimentavam as pessoas com afabilidade, cumpriam os passos previstos, e quando chegava ao momento de os interlocutores olharem para a Margarida, as pessoas ficavam paralisadas, comovidas. Mulheres e homens comovidos com o caso de Margarida, com o texto do prospecto, com a sua curta fala sobre o filho que ali estava sob o seu vestido. Havia avós que apontavam com o dedo para o ventre de Margarida, e diziam – “Vês? Lá dentro está uma semente, a crescer, a crescer...” As crianças entendiam. Aliás, Margarida parecia apenas uma criança grande que tivesse ficado grávida. Dinah e Julinha Moreira, mais disponíveis, haviam-lhe comprado saias de alças que lhe ficavam muito por cima do joelho, usava ténis brancos, e de cara lavada, parecia-se mesmo com a Kate Moss. Mas era pela sua própria história, e não pela semelhança com a modelo, que alguns adolescentes lhe pediam autógrafos. Margarida dava-os com naturalidade, uns

rebiscos reboiados que garatujava, sem se deixar desvanecer ou deslumbrar. Era formidável a grávida que as três companheiras levavam consigo. Era formidável. Ao quinto dia, as quatro, em fato de banho, tinham-se aventurado pela concorrida Praia do Rebordão, e por onde passavam ouviam – “Foi violada aos quinze anos, na noite de Natal, e guardou o filho...” E mais adiante – “Foi recolhida por aquelas senhoras...” E mais adiante ainda – “Fazem parte duma associação que salva raparigas grávidas de cometerem crime...” Em geral Vera Brandão caminhava à frente, logo atrás, a Margarida mascando *chiclet*. As companheiras seguiam depois, sempre um pouco embaraçadas com os sacos de ráfia cobertos de conchas e grandes óculos espelhados. Ao passarem junto dumas pessoas que se levantavam das toalhas para as observarem, Julinha Moreira havia agarrado a líder pelo braço, tendo-lhe dito, muito comovida – “Querida Verinha, até parece que voltámos às margens do Lago Tiberíades...” Tiveram de se sentar na areia para avaliar o que estava a acontecer. Era o sexto dia.

Mas ao décimo dia, dirigiram-se para o Centro das Praias, e ao instalarem-se no Hotel Tranvia, resolveram fazer um balanço do sucesso, tendo chegado a algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, no que respeitava à difusão dos princípios de consagração da vida, o que estava a acontecer era surpreendente. Nesse ponto, as três companheiras estavam de acordo. Mas já quanto à questão dos resultados práticos, as coisas não se passavam tão bem. Calculavam que em nove dias tivessem feito para cima de cento e cinquenta abordagens formais, isto é, encontros completos, que incluíam desde a entrega dos folhetos “*Chamo-me Margarida...*” até ao talão com a inscrição bancária, mas até ao momento só haviam recebido dezoito intenções de transferência. Dezoito intenções futuras, dezoito projetos por concretizar. E de resto, mais nada. Como assim? – Felizmente que Margarida descansava no *single* ao lado, porque as três haviam-se desentendido. Acentuadas diferenças de perspectiva, nessa contenda, pois Dinah e Julinha Moreira pareciam só enxergar de muito perto, enquanto a líder falava como se visse a partir de muito longe. Vera Brandão considerava que o importante era as pessoas ficarem tocadas, as pessoas contarem umas às outras o que havia de exemplar, de radioso, de bondoso, de humano, na ação de salvar raparigas em crise, e bebés de serem afogados, soprados, despedaçados entre lâminas e pinças, seres humanos indefesos, atacados por gestos bárbaros, a coberto da sua suposta insignificância. Isso sim era importante. Só depois vinha a parte financeira, e nesse domínio, ela acreditava que as pessoas em setembro regressariam às suas cidades e iriam lembrar-se de Margarida e de *Flores Recolhidas*, quando passassem pelos balcões dos seus bancos. O que estava a acontecer não era propriamente uma promoção de venda de automóveis ou de bens imobiliários, era antes pura matéria humana, coisa fina, vulnerável, que tinha de ser tratada com a delicadeza da renda. Mas ao acalmar Dinah, que não parava de fumar, Vera Brandão nada fazia de especial, apenas seguia o que era a sua convicção inelutável.

Lembrava-se muito bem. Nas localidades que percorriam a partir do Hotel Tranvia, o movimento do veraneio era mais intenso, e o que se encontrava ao longo das estradas era um formigueiro humano em deslocação contínua, todos a caminharem rápido, como se ninguém ali tivesse aterrado com disposição para descansar. Na areia, não havia espaço para mais uma toalha, nas sendas que conduziam às praias as pessoas acotovelavam-se, de tal modo que, se alguém perdia um chinelo em andamento, ele logo desaparecia, tão intenso era o pisoteio em sentido contrário. Mesmo assim, o sucesso do grupo mantinha-se inalterado. Começava no restaurante do hotel onde tomavam o pequeno-almoço, prolongava-se pelo *hall*, com senhoras já velhas a quererem ouvir a história inteira, a pedirem a papelada, e as inscrições dos formulários até haviam aumentado. Dinah e Julinha Moreira pareciam animadas, e com elas a líder também. No entanto, ao sexto dia de ali estarem completamente devotadas ao trabalho, sucederam várias contrariedades de que não haveria de se esquecer mais.

A primeira consistira na abordagem a Margarida por parte de um jovem de uns vinte anos, não mais,

com uma prancha às costas, que ao avistá-la havia corrido na sua direção e depois a havia tratado com familiaridade, parecendo querer travar-lhe o passo, e sobre quem ela se escusaria a dizer fosse o que fosse. Julinha Moreira era a companheira que nesse momento mais perto se encontrava da rapariga e não tinha gostado de ver o rosto do rapaz, aos saltos, parecendo querer lambê-la com os olhos. O moço tinha chegado ao ponto de deitar a prancha no chão, como se quisesse arrepiar caminho para segui-la. Só o olhar de Julinha Moreira parecia tê-lo detido. Uma cena para esquecer. Segunda contrariedade – Iam as quatro a sair do Hotel Tranvia, dirigidas para uma esplanada onde passavam música clássica, durante as tardes, quando uma mulher popular, com os óculos de sol sobre a nuca, havia desatado aos gritos. Uns gritos horríveis – “Safa-te delas, granda estúpida... Granda besta, nem sabes como elas ta vão robar...” A popular aos gritos, palavras redondas como pedradas, espalhando *elas* em redor de si até aos confins da praia. Um ódio abstrato contra *elas*, incarnado por certo, naquele momento, na figura das três companheiras. O que fazer, senão ouvir? Senão calar? Para ultrapassar o incidente, a líder havia tomado a mão de Margarida e, como quem arregaça as saias para atravessar uma lama sórdida, tinha caminhado na ponta dos pés, pela areia fora, sem deixar pegadas. Dinah e Julinha atrás. Quatro pessoas passando pela intempérie da adversidade, a caminho da praia, todas elas de cara levantada. Abaladas, uma cena para enxotar da memória, para esquecer para sempre.

Mas talvez o terceiro incidente tenha sido aquele que mais tivesse impressionado a líder, ainda que não houvesse tocado de todo as suas companheiras. Precisamente, nessa esplanada onde se escutava música clássica, em tom mais elevado do que o ruído do mar, uns cavalheiros estavam a tomar o seu café da tarde e haviam dito de propósito para serem escutados – “Lá vêm elas. Trabalham para o Barclays...” Vera Brandão sentira-se profundamente chocada e não saberia dizer porquê. De facto a conta fora aberta nesse banco, mas referido daquele modo, todo aquele projeto magnífico se reduzia a uma fórmula de interesse. Uma confusão completa entre os meios e os fins por que lutavam. Uma reles redução à matéria. Como iria explicar àqueles homens quase nus, tão bem tratados que nem pneu de barriga tinham, que o Barclays é que trabalhava para elas? Vera Brandão não conseguia andar.

“Dinah, você ouviu o que aquele disse de nós? Que trabalhamos para o Barclays?”

A companheira tinha respondido – “Ouvi... Mas olhe, antes fosse. Vejo isto muito mau...”

Era Dinah a falar por falar, já que ao fim daquele dia atribulado, ao contarem os cupões, iriam verificar mais uma vez que o montante dos compromissos, apesar de tudo, subia.

E a quarta contrariedade – porque ainda houve uma quarta contrariedade – até nem teria nada a ver com os cupões, relacionara-se antes com o primeiro contratempo desse dia, o encontro ocorrido no meio do formigueiro humano. Jantavam as quatro num módico restaurante, com toda a atenção posta na pessoa da Margarida que nunca estava cansada, mas poderia vir a estar, jantavam e procuravam falar com os vizinhos do lado, já em plena fase da apresentação dos formulários, quando um outro homem jovem se dirigira à mesa para falar com a Margarida. As três companheiras haviam olhado para fora e haviam enxergado o tipo da prancha, sem fazer nada, encostado a um carro. E aquele outro tipo, ali junto da mesa, parecia ser o delegado daquele que estava encostado. Parecido com ele. A grávida, porém, tinha os olhos baixos, a boca pequena muito fechada, nem se movia. Toda ela era impenetrável. E ou fosse por isso, ou porque as três companheiras tinham perguntado ao mesmo tempo o que pretendia, a pessoa havia feito meia volta e havia saído pela porta do restaurante e entrado no carro onde o primeiro também havia entrado.

“Margarida, sabes que gente é esta?” – havia perguntado a líder.

Ela só disse – “Não sei, não...” E tinha continuado a mastigar o pão e a esmigalhar as côdeas por cima da mesa e do vestido.

Vera Brandão lembrava-se perfeitamente. No dia seguinte, quando regressavam da ação pela praia, de

novo o mesmo carro, de novo os mesmos tipos. De novo a Margarida a passar de largo como se os não visse. Aliás, também pouco iria importar, já que no dia seguinte iriam abandonar o Hotel Tranvia para passarem à zona das Praias Nascente. Programa detalhado. Primeiro alojar-se-iam no Hotel Riviera, depois, por fim, a fechar, era bom que a rapariga soubesse que iriam pernoitar numa Residencial tão próxima do mar, que uma pessoa de noite sentiria as ondas a quererem entrar no portal, seria como viver num barco. Iria ser maravilhoso. Bem poderiam então aqueles dois fazer-lhe adeus duma vez por todas. Iriam partir. Mas nessa noite, precisamente, quando arrumavam os materiais, e tinham verificado que dois terços da propaganda já havia sido distribuída e que os maços dos cupões para transferência bancária ainda se mantinham em níveis consideráveis, havia rebentado uma discussão entre as duas companheiras e a líder. Tudo tinha começado por Dinah, querendo voltar atrás.

Achava Dinah que o método que vinham a utilizar era um método de choque, mas não poderia ter consequência credível. Até há pouco só suspeitava, agora tinha a certeza de que a figura da rapariga era demasiado cativante, demasiado apelativa, para provocar sentimentos de generosidade pura. Não sabia mesmo se não desenvolveria pensamentos lúbricos nos homens e de inveja nas mulheres. Só assim se compreendiam aqueles gritos da popular. E Dinah tinha começado a desenvolver uma teoria abstrusa sobre os sentimentos que a imagem duma rapariga violada, engravidada, abandonada, recolhida, protegida e agora de ventre exposto em beleza, poderia provocar em quem a via e ouvia. Dinah, tão desprevenida às vezes, tão alegre e emocionada, naquela noite parecia deter um conhecimento infernal sobre os vícios humanos – “Você, não vê, Vera, por exemplo, como aqueles dois tarados andam atrás dela? Tenho a certeza absoluta que esta ação é perniciosa em muitos sentidos...”

Mas não tinha ficado por aí. Dinah de Sousa dizia já ter assistido a discursos bem mais eficazes em favor da defesa da vida, suportados por argumentos muito mais sólidos, indestrutíveis. Ora se havia argumentos de arrasar por que estavam com paliativos? E dava exemplos recolhidos das realidades da Natureza. Vários argumentos de arrasar. Primeiro, o dos animais. O facto de os bichos nunca matarem os filhos, por mais ninhadas que tivessem. O facto de raramente os enjeitarem. O facto de nenhuma fêmea destruir os filhos dentro do ventre. Tão-pouco os ovíparos esmigalhavam os ovos de propósito. De onde se concluía serem os homens piores do que os bichos ovíparos, vivíparos e de todos os outros géneros. Ouviu, Verinha? – A líder não estava de acordo, achava que toda essa sucessão de imagens zoológicas não passava de falsa falcatrua, mas Dinah, sentada na cama grande, encontrava-se indomável. Outro argumento que apresentava, esse tinha a ver com a hipocrisia. As mesmas pessoas que protegiam os lince, os lobos, as cabras monteses, as tartarugas, os cães-de-água, essas mesmas não protegiam os direitos dos seres humanos. E Dinah, entusiasmada com os seus próprios raciocínios, havia acabado por confessar – “Ando estafada, mas até seria capaz de dizer coisas destas em público...”

Vera Brandão nem se movia, já sabia que lá onde Dinah procurava o vislumbre de Deus sempre lhe aparecia Darwin em pessoa. Tinha esse encontro marcado, desde sempre. Um perigo, um grande perigo, havia concluído a líder. E depois Dinah não poderia expor. Mal iniciasse um discurso, começaria a enervar-se, a falar alto, a sacudir os cabelos loiros pintados que usava pelos ombros, as veias do pescoço começariam a alterar-se, e a emoção levá-la-ia a regressar a estádios linguísticos originais. Nessas situações, ninguém sabia onde Dinah se inspirava para dizer *abordo*, *abordar*, *abordacionistas* e outros erros mais, com imensos *prontos* à mistura e *fostes e fizestes*, modos de dizer que desapareciam quando se acalmava. “Calma, Dinah, calma...” – Dinah parecia querer entrar em colapso. Vera Brandão fazia contas de somar e subtrair e os resultados não lhe pareciam tão mal. Mas aquela noite estava destinada a ser memorável.

Julinha Moreira não tinha a envergadura física de Dinah, mas havia nela uma outra espécie de resistência, feita dum ímpeto estridente que se casava bem com a sua voz de sopranino, e nessa força

determinada, era superior a Dinah. Vera Brandão conhecia-a dos coros, a sua voz de vidro, a solo, limpando o ruído em volta. Quando cantava, uma coisa na parede em frente gelava, um fio de água escorria. Ali estavam eles. Julinha Moreira havia dito – “Você, Verinha, não vê que tudo isto é uma questão de desejo, um problema de concupiscência? A pessoa passa pela praia e deteta. Os olhos de uns sobre os outros metem repulsa, são coitos ambulantes que se deslocam à nossa frente. As praias são lupanares. Faz nojo. Por mim, mandava-se a grávida de volta, e uma vez que ainda estamos em plena ação, mudávamos o rumo das coisas. Tentávamos dominar as pessoas nos impulsos desbragados que por ai andam. Por mim, distribuía a propaganda, os boletins e os cupões do banco, mas acompanharia a entrega do formulário com argumentos a favor da abstinência. Diria às pessoas sem rodeios – “*Amigos, aos vossos apetites, aprendam a dizer não. Não e não...*” E Julinha Moreira, sentada no lado oposto da cama onde se estendia Dinah, desenvolveu sobre o assunto uma teoria completa que envolvia a casta figura de Cristo, os castigos de Sodoma e Gomorra, até atingir Pompeia, a devassa, submersa na lava incandescente do vulcão. A líder estava colada à borda da cama de criança. Como assim? Acaso Julinha Moreira queria que desempenhassem um papel de fanáticas? Jamais Vera Brandão se prestaria a fazer uma figura dessas. *Flores Recolhidas* tinha a adesão espantosa que tinha porque era dirigida por mentalidades modernas. Se alguns daqueles argumentos existiam, porque sempre existiam, jamais se anunciavam em voz alta. Pronunciados em público, criavam uma fenda na testa das pessoas que o diziam, assinalando-as para todo o sempre. Isso seria o fim de *Flores Recolhidas*, tinha dito a líder.

“Então o que vamos fazer?”

“Calma, minhas amigas, estamos mas é a precisar de um dia de férias para nós mesmas...”

E no dia seguinte, em vez de partirem de manhã na direção do Hotel Riviera, haviam aterrado nos bancos dum cabeleireiro cujas janelas enfeitavam a fachada dum Centro Comercial estreante. Margarida acompanhava-as. O seu buço começava a criar um assomo de pano, e à volta dos olhos lânguidos, uns pequenos inchaços tomavam forma como se tivesse feito um esforço desusado. Constatando isso, as três mulheres desfizeram-se na oferta de frutas e sumos, e também a ela lhe mandaram lavar os cabelos, também a ela lhe apararam as pontas, lhe arranjam as unhas dos pés e das mãos. Tal como as três companheiras, Margarida teve direito a ampolas especiais, massagem e perfumes. A grávida parecia encantada como era a forma do seu encantamento, um olho na televisão, o outro no vago, grandes bolas brancas estoirando-lhe na boca. À saída tinham comprado farpelas novas, roupas leves, tecidos de colar à pele, sentiam-se frescas, sentiam-se refeitas. Estava combinado que no dia seguinte recomeçariam tudo de novo, embora mais rápido, mostrando desde o início o cupão do banco, e só em último lugar, se houvesse ocasião, seria apresentada Margarida em pessoa. Haviam feito esse acordo, antes de rumarem na direção das Praias Nascente.

Mas ao chegarem ao Riviera, tinham-se apercebido de que não estavam sós. No *hall* do hotel, junto da tabacaria, como se tivessem vindo comprar revistas, lá estavam três tipos a olhar. Dois deles eram conhecidos, um deles era o da prancha, o outro era o do restaurante módico. O que estavam, então, ali a fazer? O que desejavam das suas pessoas? – Margarida havia passado por eles como se não os visse. Julinha Moreira passara a tartamudear palavras contra a concupiscência dos homens. Era intrigante que as perseguissem, não era? A líder ainda tinha tido a ideia de voltar à recepção para perguntar de quem se tratava, mas tal como esperava, ninguém os conhecia. Fumos de verão, concluíra ela, e sem pensarem mais no assunto, as três, amontoadas, tinham-se instalado de novo.

Uf!

Caminhavam então para a última etapa daquela maratona sobre a qual só a líder parecia fazer um

balanço positivo. Por si, suspirava por que aquela última diligência corresse francamente bem, mas na manhã seguinte, diante da realidade, não estava segura disso. Ali o mar era mais quente, o levante mais próximo, sentia-se o calor torrar a areia. As distâncias eram maiores. Para se ir de um hotel a uma esplanada e de uma esplanada a uma praia qualquer, havia que palmilhar. A líder transportava nos braços uma sacola pesada de propaganda e formulários. Agora teria de ser mais veloz, mais direta. Então pela primeira vez a líder havia pensado que melhor seria deixar a grávida sentada com Julinha Moreira, avançando ela de encontro à distância, tendo Dinah por ajudante. E assim foi. As duas tinham começado a andar de um lado para o outro, parando nos locais onde encontravam pessoas propícias, e a recepção era não só acolhedora como rentável. Ou fosse do formato leve da equipa, ou porque a abordagem se tornara bastante mais direta, tinham conseguido obter naquela manhã o que não haviam conseguido noutros locais em dois dias. Seria por uma questão de calor, uma questão de menor densidade de gente nas praias? Seria a distância uma boa conselheira? Não importava, sentiam-se satisfeitas. Mas quando o fim de tarde havia chegado, e finalmente as quatro puderam reunir-se, Julinha Moreira chamou a líder de parte para lhe contar o que se havia passado – Afinal aqueles três rapazes perseguiam de facto a Margarida, não se tiravam das mediações dela, e pior do que isso, ela dava-lhes confiança. “Dá-lhes trela, ela dá-lhes imensa trela, só visto...” – tinha dito a companheira particularmente sensível aos níveis da concupiscência. “Eu vi eles a rirem para ela, e ela a rir-se para eles... Olhe que está aqui a preparar-se um caso com a Margarida, eu bem aviso...” Lá estava a Margarida, a poucos metros, na saia de alças brancas, as pernas ligeiramente separadas como as das crianças, duas esculturas bem feitas, lá estava ela inclinada para trás, apoiada no rebordo duma esplanada onde cresciam umas plantas, com o ventre empinado, lá estava ela, uma imagem maravilhosa de rapariga, de repente perturbada pela trela que dava a uns rapazes vadios. Quem eram aqueles tipos? Uma pessoa como Vera Brandão perde a paciência, sabe que o género humano é imperfeito, que esta vida é uma marcha que se faz entre a besta e o anjo, e que uns já lá vão caminhando à frente, enquanto outros ainda se arrastam atrás, tudo isso se compreende, mas às vezes tanta imperfeição é de mais. Era necessário clarificar as coisas.

“Margarida!” – tinha ela chamado. “Diz-me a verdade. Tu gostas ou não gostas do assédio daqueles homens?”

A líder não sabia o que esperava ouvir, francamente, nem tinha pensado sequer no assunto, perguntava por perguntar, e talvez por isso tivesse ficado bastante surpreendida quando vira Margarida Maria encolher os ombros como quem admite que sim, que não se importava que andassem atrás dela, o que em linguagem chã significava pura e simplesmente que afinal gostava que lhe fizessem assédio. Vera Brandão não estava só admirada, estava chocada. Em graus diferentes, as suas companheiras também. Entre as pessoas experimentadas que todas eram, estabelecera-se um silêncio de cortar à faca. As quatro divididas por esse silêncio pesado, a caminho do hotel, e depois a caminho de um restaurante ao cair do dia. Precisariam mesmo de comer? Pois que comida? Pois que restaurante? – Pensando nisso, tinham ido andando um pouco ao acaso, e para não procurarem mais, haviam entrado no pavilhão dum chinês bastante vazio na curva duma baía. A partir dali o mar desfazia a baía assoreando a estrada, depositando-lhe areias por cima, tornando-a intransitável. Avistava-se o fim da via. Os últimos candeeiros de iluminação pública estavam desativados. Talvez por isso o chinês tivesse pouca gente, o que era bom para as três, para as quatro. Não havia volta a dar, estavam cansadas. Precisavam de paz, sossego, concentração. O chinês tinha uma espécie de balcão com sua balaustrada alta onde ardiam umas velas contra mosquitos, protegidas por cones de papel vermelho enfeitados de dragões sarapintados. As chamazinhas ardiam emprestando à varanda um ambiente de sonho. O alpendre tinha telhas recurvadas aos cantos como os pagodes de Saigão. Coisas de longe como numa viagem. Era bom estar ali, muito bom, para pensar na vida, reunir forças, fazer balanços. A comida era a que se sabe. A grávida não

apreciava, cuspiu o arroz achando que as algas que lá encontrava eram asas de mosquito tostado. Esgravatava no arroz. Mas a certa altura, ela tinha parado de comer, ora inclinando-se para fora ora olhando em ziguezague na direção da areia. Um baque no peito. Não podia deixar de ser, lá estavam os rapazes outra vez, encostados aos carros. Começava a tornar-se insuportável aquela perseguição, onde uma pessoa aparecia, lá abancavam eles. A líder procurava acalmar os espíritos, voltando a lembrar o poder das fantasias de verão que logo se desvanecem. Acaso não tinham sido jovens, não se lembravam de como iam e vinham certos entusiasmos estivais? Mas Julinha Moreira, sem a consultar, como se tivesse tomado a decisão individual de resolver o assunto à sua maneira, havia dito à rapariga “Olha lá, tu afinal queres ir falar com eles ou não?”

Vera Brandão sentiu o estrado do chinês fugir-lhe debaixo dos pés.

“Que ideia é essa, Julinha? Faz-se assim uma pergunta dessas, sem mais nem menos?”

A companheira parecia nem ouvir a líder.

“Queres ir ou não queres?”

Margarida disse, prontamente – “Não me importava nada. Ia lá em baixo e voltava logo...”

“Vai” – disse Julinha Moreira.

A rapariga não se fez rogada, levantou-se de imediato, como se desde o início só tivesse estado à espera daquela ocasião, nem ofereceu oportunidade de ser travada. Era de facto surpreendente. A grávida dirigiu-se para junto daqueles tipos, cinco tipos, todos à volta dela, e depois quatro meteram-se num dos carros e ela havia ficado cá fora, só com um deles, o da prancha, aquele que primeiro havia aparecido, e agora ele e Margarida falavam os dois, encostados ao carro. Falavam, falavam. Ele falava muito mais do que ela, ela fazia mais acenos com a cabeça do que falava. As três mulheres viam-nos a partir da balaustrada. Nenhuma das três conseguia continuar a refeição. Haviam posto os pauzinhos chineses sobre as bordas do prato e afastado as taças do chá. Não se sabia onde Dinah ia buscar o humor para dizer – “Querem ver? Ainda aquele é o violador...” E tinha começado a rir. As três naquela situação, e Dinah a rir. Julinha Moreira, pelo contrário, parecia desejar que alguma coisa rebentasse sobre a mesa e a coisa fosse de metal. Tinha fechado a boca com uma obstinação cerrada, como se dissesse – *Temos de esclarecer esta situação, se tu não és capaz, alguém hã-de ser por ti... Aqui estou eu...* Tal e qual como no coro de que fazia parte. Era Julinha dando um passo em frente, sobressaindo das companheiras, sozinha. Mas talvez os seus lábios cerrados tivessem razão, porque de súbito acontecia alguma coisa absolutamente impensável minutos atrás. Mesmo em frente da balaustrada, o rapaz, que até ali parecia ter estado a tentar convencer Margarida de alguma coisa banal, já que tanto se ria, oferecia agora a visão das suas costas e abraçava-a. Abraçava a grávida em frente das suas protetoras, balançando-se com ela nos braços e perdendo o equilíbrio, como se estivessem num barco que oscilasse. Pior do que isso, passava-lhe a mão pela cabeça e beijava-a, e ela consentia, parecia mesmo engolfar-se junto dele, colando-se-lhe na camiseta justíssima. E aí alguma coisa foi mais forte do que a líder. Aí a líder havia-se comportado como uma pessoa infinitamente vulgar. A líder lembrava-se. Havia saltado para a borda da balaustrada e gritado – “Margarida Maria! Tenha vergonha, suba já...”

“Já, já!”

E eles descolaram-se um do outro, e ela começou a despedir-se, mas parecia querer deixar os braços junto do pescoço dele.

“Margarida?”

Vera Brandão não conseguia conter a indignação.

“Margarida? Quem é aquele?”

“Não sei bem...” – tinha ela dito. E havia retomado calmamente o seu lugar à mesa, com a sua saia de grávida completamente amarrotada pelos abraços do tipo. Sob a superfície da saia alguma coisa parecia

mover-se. Uma coisa com vida. A grávida parecia nem dar por isso.

“Margarida?”

Era como se uma cena de profanação tivesse acontecido. Uma cena numa dimensão sacrílega que Vera Brandão intuía mas não conseguia explicar. Uma coisa que do ponto de vista da líder do número 218 da Rua das Trinas contaminava o mundo que havia imaginado. Contaminava a sua própria vida, não só a do presente como do seu próprio passado porque fazia apodrecer tudo aquilo em que cria. Mas sujava-lhe sobretudo o futuro, o futuro inteiro com que havia sonhado, o futuro contaminado. A líder não tinha palavras. Então uma rapariga era recebida na Associação *Flores Recolhidas*, era protegida tanto quanto é possível proteger alguém, a rapariga aceitava contar pelas praias sobre a determinação de preservar o seu filho, tinha andado a propagandear, de esplanada em esplanada, o respeito pela pessoa humana, e de súbito, aos sete meses e meio de gravidez, entregava-se, assim, a um qualquer? As perguntas estavam estampadas na cara da líder. As companheiras pareciam ler-lhe os pensamentos, mas os seus comentários passavam-lhe ao lado.

“Você está muito enganada” – dizia Dinah. “Quem tomou a decisão em relação à criança, foi ela. E agora você quer mandar no corpo dela, com a criança lá dentro... Deixe-a em paz...”

Deixar a Margarida em paz? Como assim? – A grávida não dizia nada, tinha os olhos descidos sobre os restos de arroz dispersos na toalha. A luz vermelha das velas batia-lhe no rosto e ruborizava-a. Um ou outro mosquito afoitava-se junto das chamas, depois fugia, zunindo. Ouviam-se os mosquitos, o barulho das ondas e a máquina de sumos a espremer na cozinha do chinês, precisamente porque ninguém falava. A verdade é que os rapazes lá estavam. Quatro deles continuavam dentro de um carro, e o sedutor estava ao volante de um outro carro, sozinho. O que havia dito Dinah? A líder nem tinha ouvido.

Perguntou a líder – “Escuta lá, Margarida, de que é que eles estão à espera?”

Ainda bem que a rapariga não respondia, embora fosse tal e qual como se respondesse, mas o facto de permanecer calada sempre revelava da sua parte algum pedaço de pudor. De qualquer forma, o que Vera Brandão compreendia claramente é que havia imaginado um esquema numa linearidade extrema, e a realidade era numa complexidade ilegível. Compreendia que o violador não havia sido só o violador, havia sido mais qualquer coisa, e que tudo na vida da rapariga era muito mais qualquer coisa do que parecia. E a líder queria mas não sabia levantar-se daquele restaurante chinês. A líder havia dito para as suas companheiras, embora fosse sobretudo para aquela rapariga grávida ouvir. Havia dito, em forma de desafio – “Minhas amigas, não há mais quem falou. Fazemos assim...”

Em forma de desafio.

“Fazemos assim... Nós vamos descer, ela desce também, ela vai pensando enquanto desce. E quando chegar lá em baixo, decide... Ou entra no nosso carro e acomoda-se connosco, ou entra no carro deles e vai com eles. É ela quem escolhe, acabou-se...”

Mas a líder ainda não se tinha levantado do lugar.

“Fazemos assim... Se calhar ele é mesmo o violador. Se calhar ela até nem gosta do filho, gosta mas é do violador, e guardou-o na esperança de que seja parecido, parecido com o violador. Se calhar, nunca houve violador nenhum...”

Tinha dito isso com o coração grosso como uma romã, esbugalhada mas unida como a romã. E tinha-se levantado, e tinha pago, e havia começado a descer as escadinhas do balcão chinês, com as companheiras atrás de si, ouvindo os seus passos a acontecerem de encontro ao coração esmigalhado. Ainda imaginava que a rapariga a seguisse, e como era seu hábito, se sentasse a seu lado, no banco da frente. Mas havia acontecido precisamente o contrário – Sem lhe dirigir um olhar, sequer, a grávida havia entrado no outro carro, aquele que a esperava de portas abertas, e havia-se sentado ao lado do sedutor. Vera Brandão também mantinha as portas do seu carro abertas, mas não conseguia entrar por nenhuma delas. Do outro

lado, o carro dos quatro rapazes continuava também de portas escancaradas, as portas todas por fechar como se a sequência da ação ainda não estivesse decidida. Pelo menos era essa a impressão da líder, que no entanto via como o sedutor passava a mão pela cabeça de Margarida e como Margarida lhe entregava a cabeça, pousando-a no encosto do banco como se fosse uma almofada. Os cabelos de Margarida a serem afagados pela mão do rapaz da prancha. Nessa cena de afagos, o que faziam os outros quatro metidos no segundo carro, com as pernas fora das portas? A líder sentia-se inspirada. Quanto menos compreendia o momento que vivia, mais inspirada se sentia.

A líder não se movia. Um dos rapazes perguntou, desafiando-a – “O que se passa?”

Interpelada, Vera Brandão tinha apontado na direção do carro do sedutor. A irritação transformava-a.

“Passa-se que aqueles dois além não precisam de quatro capangas para os guardarem... Nós somos pessoas de liberdade, ouviram?” – Tinha gritado a líder.

“Pessoas de liberdade, é o que somos...”

As portas fechavam-se. O carro com os dois namorados arrancava. Margarida partia como tinha chegado ao número 218 da Rua das Trinas, sem nada. Nada nas mãos, nada no saco. Grávida. O que faria uma protetora fria, numa situação dessas? – Uma protetora desse tipo faria cálculos mentais com o tempo, e deixaria o mundo rolar. Era o que lhe estavam a dizer as suas companheiras loiras pintadas, mas não era o que lhe dizia o seu coração esmigalhado. Ela tinha sonhado com uma proteção infinita para aquela rapariga e a rapariga escolhia precisamente o oposto, e a noção aguda de perda do seu projeto para Margarida fazia com que Vera Brandão engatasse em primeira e arrancasse a toda a velocidade atrás do carro onde os dois seguiam. O carro da líder era um BMW, tinha dois anos apenas, e fora das revisões, zero em oficina. Valente, potente. O carro dela guinava atrás do Simca do moço, estrada adiante. Guinava atrás deles imprudentemente, como faria qualquer pessoa vulgar, Vera Brandão, uma entre os outros, mais nada. Desesperada, obstinada, como os outros, de um lado a outro da estrada, só pensando em travar a marcha de quem perseguia. Dentro do carro, Dinah e Julinha Moreira mudas, a sentirem o carro guinar. Claro, aquilo que a líder pretendia era atingir a moça, evitar que ela se fosse para sempre, arrependida de lhe ter devolvido o seu livre arbítrio, arrependida do desafio que lhe lançara, e que a rapariga havia aceitado sem pestanejar. Vera Brandão queria voltar atrás, e por isso conduzia roçando o carro da frente. Queria fazê-lo parar. Mas não andaria muitos quilómetros dessa maneira. De repente, fora do mundo fechado no circuito entre frente e traseira, faróis com faróis, chapa com chapa, nada mais existia. Quando havia dado por si, o seu carro estava entalado entre dois Simcas e os três, feitos num cacho, haviam entrado numa estrada bem lateral, depois num caminho de areia, e a seguir numa senda de terra. Mas a partir da senda o BMW não iria mais ser conduzido por Vera Brandão, e sim por um dos quatro jovens capangas que lhe havia entrado no carro, forçando a abertura da porta só com a ameaça do corpo, e lhes haviam confiscado os telefones móveis com uma eficácia imperial. Ela, sim, tinha resistido, mas as companheiras até haviam aberto as carteiras e entregue os seus aparelhos por suas próprias mãos. E depois? Depois, tinha acontecido uma noite clássica, como consta dos manuais de cinema desde *Laranja Mecânica*. Uma noite clássica em torno da líder.

Mas não seria bem assim. Cada caso apresenta as suas variáveis, e a forma como os rapazes tinham aprendido a sua noite clássica, isso ela não sabia, Vera Brandão só sabia que em termos de defesa, no seu caso concreto, nunca tinha aprendido nem havia sido ensinada. Então tinha reagido conforme lhe ditava o projeto *Salvação da Vida*. Apenas isso, mais nada. Quando se apercebera de que se encontrava bloqueada entre dois carros, e que um daqueles rapazes a atirava para o banco de trás, saqueando-lhe o telefone, ela havia-o socado e gritado alto, o BMW parado no meio da senda de terra – “Margarida? Mande os seus capangas portarem-se à altura. Vocês sabem quem somos nós? Por acaso sabem?”

Pouco lhes deveria importar. Esse rapaz havia-as trancado com toda a eficácia, como se fosse perito em carros, ou em assaltos daquele tipo, e as três viaturas haviam avançado durante algum tempo pelo caminho de pó, e depois tinham parado no meio dum matagal, uma clareira salpicada de árvores. Dentro do BMW, as duas companheiras não diziam uma palavra. Mas ela ia falando, sim, e gritando, porque era uma pessoa habituada a lutar pela dignidade do ser humano. Queria que aquele capanga saísse imediatamente de dentro do carro, e que os outros lhe devolvessem já, já, a grávida Margarida. Estava disposta a dar a sua pessoa por isso, a dar o seu corpo, a sua vida. Mas não iria haver ocasião para atos tão subidos, os rapazes não se encontravam ali para tal, nem sequer pareciam estar aparelhados com armas mortais. Não precisavam. Margarida continuava dentro do primeiro Simca, sentada ao lado do sedutor, enquanto os outros quatro lhe revistavam a mala, iluminando-a com um foco, e atirando o que encontravam para o chão da clareira – Carta de condução, cartões dos seguros, bilhete de identidade, uma agenda *Flores Recolhidas*, cinco cartões bancários. Tudo atirado para o chão. A carteira no chão – “Agora podes apanhar e pôr tudo no lugar...” Uma brincadeira de muito mau gosto, pois recuperar papéis do meio dos pastos ainda a líder conseguia, mas não era possível recolocar a carteira dentro do carro onde se encontravam trancadas as duas companheiras. Os seus cabelos pintados de loiro, espalhados de encontro aos vidros, formavam duas luas de radiosa impotência. Os rapazes, eles mesmos, é que haviam destrancado as portas e arremessado a carteira para dentro do BMW como se fosse uma bola de pingue-pongue. Voltando a trancá-las. Também dava para perceber que do outro lado, Margarida havia saído do Simca, e tinha-se encostado a uma árvore. O sedutor estava junto dela. Vera Brandão não aguentava mais.

“Margarida? Tudo isto por tua causa... Vem até aqui, Margarida...”

Um deles, aquele que havia entrado pelo restaurante módico adiante, tinha-se posto a imitá-la, na sombra das árvores – “*Vem até aqui, Margarida...*” Os outros três tinham-se sentado nos calcanhares a falar entre si, e dois deles fumavam. Viam-se as pontas dos cigarros riscarem o escuro. Os faróis de um dos Simcas mantinham-se ligados e o rasto de luz massacrava a imagem das ervas secas, rente ao chão. “Vá, descalça os sapatos e começa a andar, desde esta árvore até àquela além...Vá, começa já... Se não te mexes, alguém vai pisar-te os calos...” – E esse mesmo, o que tinha entrado no restaurante, havia começado a brutalizá-la, abanando-a como se o corpo da líder fosse um volume instável e só um dos pulsos dele tivesse a força de meio cavalo. A meia-voz, o moço ordenava – “Agora nas pontas dos pés, agora de gatas... Sempre a andar, nunca parada... Agora curvada, agora de costas, de novo de gatas...” Os outros olhavam. Isso sucedia no meio daquela espécie de clareira onde tinham parqueado. Vera Brandão bastante surpreendida pela forma como o seu espírito não se submetia, e no entanto o seu corpo acabava por cumprir tudo quanto aqueles rapazes exigiam. Bem vistas as coisas, nos punhos unidos de cada um deles, havia a força de dois cavalos. Mesmo assim, quando passava junto do Simca que mantinha os faróis apagados, a líder conseguia perceber que lá dentro, de costas para aquela cena estúpida, encontrava-se Margarida. Por que razão Margarida não se movia? – Vera Brandão esperava que ela saísse do carro e fizesse parar aquela brincadeira sem graça. Aliás, Vera Brandão pensava também que no caso de não pararem de a agredir, seria forçoso avisar a grávida Margarida de que deveria sair daquele local quanto antes, para preservar a sua criança de assistir a sevícias. Teria de lhe dizer que a violência poderia entrar através da sua pele de mãe, atravessá-la com a precisão dos raios-X, e ir alojar-se no cérebro e no coração da criança para sempre. Como uma doença congénita. Nesse sentido, ainda tinha querido escapar-se da pressão dos dois meliantes, que naquele momento a guardavam, para ir avisar a Margarida.

“Margarida? Faz qualquer coisa, faz!”

“*Shut up!*” – gritou o do restaurante.

Agora eles tinham-na paralisado junto ao BMW e os quatro, em frente, permaneciam de cócoras a conversar em voz baixa, e até parecia que nem falavam do que estava a acontecer, mas daí havia resultado uma ideia qualquer que os animava bastante. Para começar, pretendiam que os três carros se deslocassem até à Marginal, até à zona de onde haviam partido, e assim foi. Tinham voltado a andar aos solavancos, durante muito tempo, como se a noite não tivesse fim. Como se as moradias, os postos de gasolina, os postos da polícia tivessem desaparecido do solo. Mas aquele já era o renque dos eucaliptos atrás das quais eles diziam querer estacionar. Nessa altura, ainda a Margarida estava dentro do carro do sedutor. Ali já se sentia a baía, e além os postes de iluminação pública cujas luzes só haviam sido ativadas até junto do restaurante chinês. A partir dessa zona, deixava de haver movimento. No céu, só um rabo de lua. Mas havia os faróis dos carros que iluminavam os joelhos. “Vamos lá!” tinha dito um deles. E haviam feito sair do BMW as duas companheiras de *Flores Recolhidas*. Dinah era a mais alta, via-se pelas silhuetas projetadas no chão. Desligadas as luzes dos carros, o grupo havia-se reduzido a vultos rápidos. A líder tinha gritado – “Dinah, Julinha, não se vão abaixo, minhas amigas...”

Nenhuma das duas tinha respondido. No meio dos vultos, também se reconhecia Julinha porque a ela correspondia a silhueta mais baixa. E de repente, a silhueta pequena tinha-se posto a entoar palavras agudas, como se estivesse na cova dos leões e já se tivesse entregado. Naquelas circunstâncias, era como se estivesse a pedir uma demência atrasada, em desespero de causa. Pelo menos era o que pensava a líder. Julinha entoava – “*Oh! Dulcis Virgo Maria, Mater Amata, Intemorata...*”

“*Ora pro nobis, Ora pro nobis...*”

Entoava ela.

Ali a dois passos, umas súbitas ondas do Levante caíam sobre a areia, a intervalos, como toalhas de água. Mas a voz de Julinha Moreira que eles permitiam que ora vibrasse ora se sumisse no espaço, sem a interromperem, era mais audível do que o mar. E como entretanto os vultos não se movessem e o silêncio tivesse continuado, a líder havia tido a ideia de que os delinquentes ou iriam pedir a Julinha que entoasse outra vez o pedido, e uma reviravolta poderia acontecer, ou estavam a ponto de se enfurecerem raivosamente, o que até então ainda não se tinha verificado, e alguém ali poderia ser morto. “*Mater Amata, Intemorata...*” – Mas não, não sucederia nada de semelhante. Era mesmo só um intervalo. No final desse intervalo, quando ainda não se ouvia nada, a não ser as ondas, o rapaz da prancha começou a aproximar-se. O carro do sedutor, agora de porta aberta, tinha ficado com as luzes do tejadilho acesas. Via-se Margarida, lá dentro, de costas voltadas.

“Vocês ainda vão continuar?” – perguntou.

“O que queres dizer?” – questionou alguém.

“Eu vou andando com a Margarida, ela está a achar que tudo isto já é de mais...”

“Pois vai...”

Vera Brandão lembrava-se de ter visto as luzes do tejadilho do Simca a apagarem-se, e o carro a arrancar e a desaparecer com a Margarida lá dentro. Mais nada. Julinha não tinha voltado a cantar aquelas palavras, com a voz tão fina que metia medo. Um dos quatro havia dito “Primeiro esta, além naquele poste...” E tinham caminhado sob o rabo de lua até ao poste poente. Aí haviam feito apenas uma coisa tão simples quanto esta – tinham atado as mãos de Dinah do outro lado do poste. Dinah havia ficado em pé, em face do poste, os braços lassos, as mãos ligadas por umas fitas brancas que eles diziam ser material das velas. Dinah, completamente composta, usava uma blusa com brilhos que tinha vestido para o jantar, os sapatos de salto alto, a mala enfiada no braço, como se numa reunião pública tivesse encontrado um amigo que abraçasse, e ele fosse um poste. Na penumbra. O mesmo iria acontecer com Julinha Moreira. Não, Julinha não cantava, não dizia nada. Caminhavam todos em silêncio à procura do poste seguinte. Quando o encontraram, um deles disse – “Este fica reservado para ela, vai ficar no meio

das outras duas. Estão a ver?” Então ainda tinham caminhado até ao poste mais próximo, também sem luz. Os postes iluminados só surgiam a uns dois quilómetros para Este. Julinha Moreira com os braços a fazer de argola, as mãos amarradas com as tiras que ali mesmo, pachorrentamente, rasgavam de panos brancos. “E agora?” – perguntava um daqueles indivíduos. Era a líder quem estava em causa.

Os quatro tinham-se posto de novo de cócoras, e quando se haviam erguido, sussurravam uns com os outros palavras que pareciam ser de contentamento. Tinham voltado ao poste do meio. Mas não lhe diziam nada. Continuavam a trabalhar sem pressa. Ao contrário das suas companheiras, havia várias horas que ela só possuía a roupa que tinha no corpo. Quatro peças de roupa que eles lhe foram tirando, com repelência, como se despissem um bicho nojento, não lhe querendo tocar com os dedos. As peças de roupa, eles as faziam voar para a areia que assoreava a estrada. Ela não conseguia ver onde as peças iam cair. Depois, ao contrário do que havia sucedido com as suas companheiras, tinham-na amarrado de costas para o poste, e para a impedirem de escorregar, um deles havia voltado ao carro, tendo trazido um pedaço de pano de vela, com que a haviam sujeitado ao pilar, à altura dos joelhos. Lembrava-se da frieza do poste a entrar-lhe pelas costas dentro, e de ainda lhes ter dito, com a língua entaramelada – “Hão-de pagar pelo que estão a fazer às minhas companheiras...” Passo difícil, por certo, até porque ela afirma, e nada prova o contrário, que nesse momento pensava sobretudo em Margarida. Pensava que a rapariga grávida, tendo sido inteirada do que iria acontecer, não teria querido presenciar. Talvez pela criança. E como a líder não deixava de ser uma criatura comum, uma entre as outras, até havia pensado que a rapariga também poderia não ter querido ver a pessoa que a havia recebido na Rua das Trinas, ser tratada daquele modo, mas isso era uma hipótese rara. O delírio duma pessoa vulgar, o tipo de pessoa que imagina que o bem é um pássaro que levanta voo para o sítio exato. Aquilo que o sedutor da prancha havia dito fora muito diferente – Que não ficavam para assistir ao resto, porque a Margarida achava que já era excessivo. O que significava que Margarida, até determinado ponto, havia achado justo. Até quando havia achado justo? E fora esse pensamento, precisamente, em torno do papel de Margarida, que lhe havia trazido a ideia de que para nada havia sentido, que os atos aconteciam uns atrás dos outros, unidos apenas por uma cadeia estúpida engendrada no tempo, e que a estupidez era isso mesmo, cada onda bater a intervalos regulares, fingindo um sentido que não existia. Entre uma e outra onda, só outra onda, a formar-se sob a brisa noturna do Levante, mais nada. E isso trazia-lhe a escuridão aos olhos e uma vontade irresistível de se ausentar do mundo.

Sim, não tinha a certeza, mas calculava que os quatro rapazes ainda tivessem ficado durante algum tempo, de porta aberta, a comentarem a sua obra, e julgava mesmo que um deles, com um isqueiro, viera observar-lhe o estado da cara. Não, ela esperava mas não recebia qualquer recado das suas companheiras. Separavam-nas a distância de uns duzentos metros, cada uma para seu lado da baía. Jurava que tinha sido assim. Quando tudo ficara escuro, não fora pelo que lhe doía, mas sim porque de repente nada fazia sentido. Até que as suas roupas amarrotadas haviam começado a alvejar na claridade da madrugada.

No entanto, só alguns dias depois conseguira apurar outros movimentos ocorridos durante essa noite, a noite que a fazia duvidar se acaso mereceria tanto. O facto de ter ficado no meio de duas fugitivas, uma de cada lado. Na verdade as duas companheiras haviam-se libertado, haviam conseguido viajar numa carrinha de distribuição de pão, e ainda antes de amanhecer, tinham passado no hotel a recolher os seus pertences, tinham pago metade da conta, que estava em nome da líder, haviam tomado o carro de Dinah e haviam partido. Não, as duas companheiras não tinham passado junto dela para a desprenderem. Não tinham dito uma única palavra no hotel sobre o seu estado. Não tinham informado a Associação sobre o

incidente. E no entanto, lá estava outra vez a certeza absoluta do sentido. Não só estava, como lá está. Melhor dizendo, aconteça agora o que acontecer, lá está o sentido. Quanto mais acontece, mais ele está. Uma vez encontrado o sentido, o absurdo deixa de ser absurdo, para ser apenas uma dificuldade encontrada na borda do caminho. De facto Vera Brandão não ficou com uma única cicatriz na cara, só no corpo, mas ainda que tivesse ficado, não teria medo das dificuldades. Ela sabe muito bem por que razão acontecem noites assim quando se é líder dum projeto de preservação da vida, assente no método retroativo da semelhança sem fim. Não tem dúvidas algumas. O sentido existe. Cuidadosamente, a líder arrumou no *dossier* vários exemplares do prospeto que dizia “*Chamo-me Margarida. Salve com o seu apoio muitas outras margaridas...*” Nunca se sabe quando o prospeto voltará a ser necessário. E ela mesma se prepara, sozinha, para atender telefones, receber recados, gerir as compras, escrever artigos, fazer limpeza aos cinco quartos disponíveis de *Flores Recolhidas*, sempre que for preciso.

PRAÇA DE LONDRES

Tudo isto aconteceu agora. Caminhava eu ao longo do passeio, vinda do escritório do advogado. Pendurados dos meus braços trazia dois sacos repletos de *dossiers* com as provas da minha inocência. As pedras da calçada eram o prolongamento da mesa onde tinham estado as provas, bem como os códigos civis e penais, abertos nos artigos referentes aos meus presumíveis crimes. Vinha a pensar nos crimes que assim se cometem e nas leis com suas teias, ovos e aranhas, que os punem. Vinha a pensar nisso tudo, e na forma como o advogado tentava imaginar os meus crimes vistos do lado de lá, e a procurar deduzir os nomes para as minhas faltas, os meus roubos, as minhas trifulhas, as minhas ordens de liquidação deliberadas para ficar rica e opulenta, vinha eu a pensar nisso tudo, nesses gestos que já nem sei se não serão de facto mesmo meus, de tanto me serem atribuídos, sim, vinha eu concentrada, a olhar para a biqueira dos sapatos, mês de novembro fora, noite já caída, crepúsculo iluminado pelas lâmpadas, mês ainda sem chuva nem frio, já com enfeites brilhantes por aqui e por ali, mas ainda longe daquele momento em que os sinos das lojas começam a cantar desesperadamente *Jingle bells, Jingle bells*, em vez de cantarem, sem subterfúgio, Compra aqui, Compra aqui, pois vinha eu. Como ia a dizer, vinha eu mergulhada nesse princípio de noite, Praça de Londres adiante, a pensar nos meus eventuais crimes de furto, burlice e danos a outrem, meus gestos manhosos e danosos, vinha a pensar unicamente nisso, quando de súbito levantei os olhos, naquela hora em que a rua estava quase deserta, e eu vi uma coisa. Sim, é verdade, eu vi uma nítida coisa.

Pois que coisa?

Aparentemente era só um homem de cabelo cinzento, segurando nos braços uma criança de tenra idade, caminhando pelo passeio lateral da Praça de Londres, rua abaixo, na direção da Mexicana. Mas se fosse apenas isso, homem caminhando com criança, isso não seria uma coisa. A coisa, seu núcleo duro e assombroso, inexplicável e indistinguível, residia no facto, dizia eu, de o homem de cabelo cinzento, próximo dos sessenta, não muito mais dos sessenta, alto, encorpado, camisa cor de vinho, sapatos de ténis, ventre raso e passada rápida, trazer uma criança de tenra idade nos braços e beijá-la sofregamente, à medida que descia pelo passeio lateral da Praça de Londres. Aí residia a coisa. Assim, a criança de tenra idade, coberta de roupas brancas felpudas, carapuço da mesma cor, deitada nos braços estendidos do homem, não deveria ter mais de dois anos e era beijada. E a criança, em resposta, revolvendo-se de alegria, nos braços do homem, soltava curtas gargalhadas. Homem quase velho beijando a criança, e a criança respondendo em gargalhadas breves e dobradas, a deslocarem-se ambos pela sombra fugidia das árvores, pelos lugares iluminados pelas luzes cruzadas das lâmpadas altas, pela calçada quadriculada, miúda, por onde passavam. Criança eufórica, nos braços do homem quase velho, elástico, plástico, andar silencioso, solas de sapatos de borracha, pavimento afora, braços estendidos, a caminhar na direção contrária àquela por onde eu ia avançando com o saco dos papéis da prova contra meus presumíveis crimes, ali, como por encanto, separando o mundo dos crimes do mundo das outras realidades, ali vinha uma coisa. Caminhando, a coisa. Pus os sacos no chão para ver o homem quase velho com uma criança de tenra idade, os dois a aproximarem-se, cada vez mais a aproximarem-se. Cada vez mais.

Então eu pousei os sacos.

E agora mesmo estão eles a passar por mim. Sim, ambos a passarem por mim. A coisa inteira e indistinguível a passar. Os beijos de um e as gargalhadas do outro a passarem perto, a dois metros de distância, a coisa íntegra e intocável a deslocar-se como se deslocava quando ainda vinha longe do meu corpo e eu já estava parada. Meu Deus. Parada a olhar agora para as costas do homem grisalho, cabelo farfalhudo, cinzento quase branco, camisa vermelha cor de vinho, bago de romã, coração de boi, a descer rua abaixo, e as roupas brancas da criança de súbito encobertas pelos seus ombros. Enquanto uma mulher tem pousados no chão os seus dois pesados sacos, contendo os *dossiers* relacionados com os putativos crimes que comete desde há anos, desde que publica e desconfiam dela, imaginando-a com uma unha avara e ladra que dizem estar dentro dela, disfarçada por fora por um anel normal que até é de ouro, uma mulher dessas ainda ali, tão perto do escritório do seu advogado, não pode voltar para trás, não pode perseguir rua fora um homem grisalho que vai beijando uma criança. Não, não pode.

Pois não pode, não.

A verdade, porém, é que o homem e a criança correm o risco de se afastarem para sempre, de desaparecerem para nunca mais, e uma pessoa, embarçada com aquela bagagem, arrisca-se a ficar cega por uma imagem tão fugaz, tão fátua, que nunca mais verá outra vez na vida, e assim, o melhor é tentar prolongá-la tanto quanto puder, ou tanto quanto for possível, e por isso, o que deve é pegar nos sacos e tentar alcançar o homem quase velho com a criança pequena, embora não deva em caso algum alcançá-los mesmo, apenas ficar por perto, tentar ainda uma vez mais só que seja vislumbrar o homem quase velho com a criança ao peito, revê-lo de frente, naquele momento em que o homem, concentrado sobre o corpo rebolado da criança, lhe poisa os beijos no babo, e eu a ver nitidamente os olhos dele descidos sobre aquele bocado de gente envolvido em roupas e em felpas. Repito, uma vez mais só que seja, e por isso é preciso correr com urgência atrás daquilo, daquela coisa inexplicável que vai caminhando lesta, já para além da Mexicana, e eu aqui ainda tão longe, tão à pressa e ainda tão distante, os meus sapatos tique tique na calçada, e a boá, a minha boá preta a querer saltar do pescoço e a escorregar para o chão. A boá a ser retirada do chão e a ser levada ao pescoço novamente, enquanto o homem se afasta. É preciso mesmo correr atrás dele se ainda o quiser ver, pelo menos mais uma vez de frente, a ele e à criança, e os beijos sôfregos, e as sombras das árvores e as luzes das lâmpadas cruzadas sobre eles. Uma só vez mais que seja. Força. Os sacos são pesados como chumbo, são os papéis e os presumíveis crimes, e com tudo isso a pender dos braços, é preciso mesmo correr rua abaixo. Por favor, esperem um momento, um momento só que seja.

E no entanto, não há momento.

Pois agora o homem já parou diante duma porta, a porta pelos vistos já se abriu. Ele já entrou. Tenho a certeza. Então nunca mais será. A coisa, nunca mais. De facto, estou aquém do vidro da porta e a coisa está muito além do vidro, embora para surpresa minha uma parte do objeto inominável se tenha transformado enquanto o homem subia os três degraus de mármore, pois agora o homem já está de costas para a porta diante do elevador e a criança, levantada ao ombro do homem, a criança ela mesma é quem olha para a porta. Vejo-a. A criança está virada de face para mim. Para o vidro da porta. Ali está, o rosto redondo e rosado, os olhos claros como os de um bebé sueco, a touca farfalhuda branca, e um atilho que se desprende da touca cai nas costas cor de vinho do homem. Isto é, a criança é menina. Tenho a certeza.

O homem leva ao colo uma menina.

Agora os dois braços da menina estão abertos no ar como os de uma boneca de pano que oscila. Entre felpas. Estão os dois diante do elevador que desce, ele amparando o corpo da menina com uma das mãos, com a outra abrindo a grade do elevador, e ambos, de costas, desaparecendo na sombra quadriculada do elevador que sobe. Ambos sobem, para sempre, sobem. Meus sacos com meus crimes, ou não crimes, logo se verá se serão ou não, encontram-se no portal. Só que eu não posso ficar assim. É injusto ficar

assim. Apoio o indicador no botão que diz POR de porteira e primo com determinação. Estou a chamar a porteira. Senhora porteira, eu vi uma coisa. Quero saber que coisa é esta que subiu por este prédio acima. Ou mais precisamente, o que eu quero mesmo é ver uma outra vez a mesma coisa. Sim, talvez no último andar. Aqui estou eu decidida, a premir o botão, a premir com toda a força do meu punho. E resulta. Pressionado deste modo o botão, já aí está a resposta do interior da casa.

“Quem é? Quem é que fala?”

Primo o botão de novo. Sim, sou eu, senhora porteira, tenho o dedo apoiado no botão porque estou com muita urgência. Eu sou apenas uma pessoa que acaba de enxergar um homem já grisalho a beijar sofregamente uma criança. Mas será que posso apresentar-me assim, pelo intercomunicador da casa?

“Diga o que quer...” – Primo o botão de novo.

“Mas o que é que quer?”

Senhora porteira, pois o que eu queria mesmo era saber se uma pessoa que desapareceu no elevador, um homem com uma criança, se ainda aí estão para eu os ver mais uma vez a rirem e a beijarem-se. Mais precisamente, um cavalheiro a beijar uma criança, se faz favor.

“Mas quem está aí, quem é que fala? E o que é que deseja?...”

Senhora porteira, é verdade, sou testemunha, ia eu a caminhar pela Praça de Londres afora, e cruzei-me com ele e com a criança, e também com a sombra e a luz que incidiam sobre eles, ali mesmo, um pouco acima da Mexicana. Está a ver? Por essa razão, aqui está de novo o meu dedo no botão. Desculpe. E a porteira, de súbito, a gritar do lado de lá – “Um momentóoooo...” Retiro o dedo. Pois claro, a porteira exige o que lhe é devido. É razoável, toquei de mais sem dizer nada, e a porteira deste prédio, onde a coisa desapareceu, pede um momento para refletir. Efetivamente, não é todos os dias, ao cair da noite, que se toca a uma porta sem pronunciar palavras. E até talvez ela venha espreitar do alto dos três degraus de escada. E talvez ela olhe para mim, que estou a olhar pelo vidro, e entenda logo tudo. Há coincidências magníficas nesta vida. Talvez ela perceba na minha cara, sem eu precisar de dizer quem sou nem ao que estou, pois aquilo que eu pretendo é qualquer coisa relacionada com o habitante do quarto andar, suponho, o que tem uma criança que o habitante passeia pela rua, nove horas duma noite de novembro, beijando-lhe o peito e o babo. Talvez. Desculpe. E na verdade ela aí vem, o meu coração diminui à medida que a porta lateral da porteira gira e se abre. Abre-se acima dos degraus de mármore, e POR de porteira ali está, a lambe-se do seu jantar. Mas, infelizmente, é mulher indignada. Indignada com razão. Por causa da coisa, aquela mulher está a olhar para mim, interrogadora, ameaçadora, interpondo-se entre mim e a coisa.

Senhora porteira, por favor.

Pois que favor?

Agora toda ela já avançou, está diante do elevador a olhar para a porta. Tem madeixas amarelas na cabeça e calça bota alta. Ainda remói, ainda se lambe, com aquela comida na boca não deveria perguntar – *Quem é? O que é que deseja?* – Mas pergunta. E eu. Senhora porteira, eu vi um homem a beijar sofregamente uma criança, e ambos subiram no elevador. Não, não posso dizer. Se eu disser, talvez ela se lamba de verdade e me responda – *Você viu um homem a beijar uma criança? Se viu um homem a beijar na rua uma criança é porque não era dele. Se fosse dele não precisava de a beijar na rua. Não tem nada que saber. Essa criança que você viu não lhe pertence...* Ou pior do que isso, agora que a porteira de POR ameaça mesmo aproximar-se, encarrapitada nas suas botas altas, descendo de lado, como as princesas das revistas, para se encarar com a criatura que prime o botão da campainha, já a ouço dizer – *Vê-se mesmo que você não é daqui. Por aqui, toda a gente sabe de quem se trata. Sim, é dele, mas criança beijada no meio da rua quer dizer filhote da terceira piara, com certeza. Conheço-o muito bem... Os filhos da primeira mulher não beijou ele, não... Tão-pouco os da segunda. Agora os*

da terceira, já ele sabe beijar... Filho duma moça da idade das netas dele, você entende? Mas afinal quem é você?... – E ela a descer entre os vasos de loiça, cada par em seu degrau, com begónias, filodendros, pantálias. A descer de lado. Desculpe. E se acaso a porteira atinge a porta e a abre, e diz isso mesmo, exatamente o que eu estou pensando? As mesmas sentenças, as mesmas palavras?

Rápido, muito rápido. É preciso, eu preciso.

Sobre o portal, estão os dois sacos de plástico contendo os *dossiers* pesados como chumbo. São cartas, recibos, contratos, declarações, ordenações, pedidos, cópias de cheques ainda nítidas como espelhos, outras já amareladas como lixo, lixo onde o meu advogado espera encontrar uma pérola a brilhar que me salve e o causídico contrário, pelo seu lado, espera descobrir o gume aguçado de minhas faltas graves contra outrem, já o disse. Eu a levantar tudo isso do chão, a arrastar tudo isso como uma *clocharde* fugidia, uma *clocharde* rápida. Muito rápida. Upa! Depressa, antes que a mulher chegue rente ao vidro, vou andando. Meu Deus. Eu vi esta noite uma coisa, achei-a e não a quero perder. Aqui vou eu, apressada, rua acima, com medo de perder a coisa. Ainda olho para trás. Lá está POR de porteira a olhar as minhas costas, a decifrar o lado de trás da minha roupa, meu calçado, minha nuca, minha boá, lá está ela. Não, não. Antes assim, meu Deus. Eu vi uma vez a coisa muito nítida, e a coisa sem olhar olhou para mim. Por que razão desejo eu ver duas vezes? Uma só vez não chega, não? Aqui estou eu de novo a praticar o vício da sofreguidão, a querer tudo em vez de alguma coisa. Se os meus acusadores sabem, como não hão-de proclamar o meu suposto vício de açambarcamento e locupletação? Claro que me chega o que Deus me deu. Olho de novo para trás, a mulher ainda está na porta, ainda me espia, e eu ainda espio o prédio onde a coisa se meteu para sempre. Espiam-se as espias. Vendo bem, fazendo render o sestércio que o cair desta noite me ofereceu, eu devo mas é seguir em frente, sempre a direito, sempre a direito, agora que a Praça de Londres possui não só a Pastelaria Mexicana, nem só a Igreja de São João de Deus, nem só o Ministério do Trabalho e do Desemprego, não só a loja *country* da Laura Ashley ou a estátua do Junqueiro. Devo seguir em frente, agora, que além de tudo isso, existe no meio da praça aquela coisa que ninguém no mundo pode macular. Uma coisa indestrutível. Formidável. Eterna, para a mulher dos sacos e seus eventuais crimes, enquanto ela, criminosa putativa, estiver viva. Existe aquele homem beijando a barriga da criança, sem explicação de permeio. Sem origem nem destino. Grande atraso, longa noite, rente às montras. Pesados sacos nos meus braços. Não faz mal.

BRANCA DE NEVE

Haverá, por acaso, maior felicidade do que poder uma pessoa cumprir os seus próprios objetivos e ter plena consciência disso? – Não, não há, sobretudo quando apenas se conta trinta e cinco anos de idade e já se ascendeu a uma carreira de gerente bancária carregada de compromissos. Sobretudo se a jovem, ao proceder ao último balanço do ano, verifica que não só alcançou os volumes de crédito previstos como ainda os ultrapassou. Pois era isso, precisamente, o que Maria da Graça constatava, ao encerrar a última pasta, naquele fim de dia de infatigável trabalho. Tinha sobejas razões, portanto, para se sentir contente.

Para lá do vidro, o relógio do Grande Hall marcava as horas e as duas agulhas rodando pareciam falar da harmonia do mundo. Oito horas. A harmonia sobressaía da figura do relógio em face e dos números exarados na primeira folha da última pasta. Dentro do gabinete fazia um frio respeitável. O chão de mármore parecia de gelo. O ar condicionado havia sido desligado, o sistema informático havia ficado disponível apenas para ela, visitante solitária das instalações do banco, naquele dia feriado antes de vários feriados. De véspera, todos se haviam despedido. Mas ela tinha continuado ali encerrada, a cumprir a tarefa que a levaria a ultrapassar o objetivo previsto, e por aquecimento apenas dispunha do café que saía da máquina e do casacão castanho de caxemira. Tinha passado o dia enrolada nesse abafo, mergulhada no silêncio ameaçador que um recinto habitado por demasiada gente engendra, quando despovoado.

Mas não fazia mal, ela ali estava, embrulhada, cansada, satisfeita, a ultimar a sua tarefa. Durante toda a tarde, tinha-se multiplicado em telefonemas dirigidos a clientes que viajavam para longe, outros que já se encontravam em estâncias distantes, tudo pessoas a fugirem das cidades, a procurarem repousos em espaços irreais, locais iluminados por velas e estrelas de sonho. Só que ela não desistia, tinha-os alcançado, atingido, marcado encontros para dali a cinco dias, assegurando assim os movimentos de crédito que lhe permitiam ultrapassar folgadoamente os objetivos traçados. Apenas um deles, cuja voz parecia emergir de algum lugar imóvel, lhe tinha perguntado – “Ouça lá, num dia destes, o que a faz mover?” E ela tinha-lhe pedido muita desculpa, desligando logo de seguida.

Conhecia-o bem, era um cliente rebelde, uma dessas criaturas amargas com o mundo. Sobre a secretária, ainda ela tinha o cartão que ele lhe havia deixado, agarrado a uma garrafa de champanhe. Completamente fora de propósito, aquele champanhe, pois o cartão representava um infalível Jesus de olhos azuis, sorridente, como se tivesse nascido com três anos de idade, de mãos no ar e joelhinhos dobrados. Um Menino Jesus, uma imagem dessas sob a qual as pessoas de bom humor costumam escrever apenas *Boas Festas, Feliz Natal*. Mas ele, o cliente rebelde, como se fosse insensível, havia escrito em letra geométrica, trancada, própria dos severos e agastados – *Em que altura a criança troca a moeda de oiro da inocência pela agulha da perversidade?* – *Silva Dias*. Assim mesmo, sem mais nem menos, como se espalhar a suspeita sobre os seres humanos fosse a sua prenda de Natal. Indecente. Pois o que queria o engenheiro Silva Dias dizer com aquele arrazoado? Que o Cristo de joelhinhos levantados ainda mantinha a moeda de oiro? Que estava destinado a perdê-la, como qualquer ser humano? E que todo o homem, por conseguinte, era perverso porque não havia outra saída possível para a sua natureza? Também Cristo? À exceção de Cristo? – Não, não tinha continuado o telefonema. Face ao enigma das

palavras, Maria da Graça sentia que era um descanso lidar com a lógica dos números. Crédito, não crédito. Lucro, não lucro. Tinha desligado. E agora, ao entrar no frio incômodo da rua, não queria pensar mais nesse cliente bárbaro. As armações elétricas ofereciam uma floresta de luzes e brilhos, como num incêndio brando onde se caldeassem em unísono as boas intenções da vida. Estrelas e sinos, feitos de lâmpadas acesas, falavam-lhe da urgência em que se encontrava. Ainda tinha de passar pela pastelaria para arrecadar uma torta, ainda tinha de tomar um táxi para ir buscar o carro que havia deixado a lubrificar. Ainda, e ainda. E eram quase nove horas da noite. Já com a embalagem do bolo na mão, Maria da Graça encerrou-se por completo dentro do longo casaco de caxemira e avançou avenida fora.

Sim, a Avenida EUA, longa e larga, um corte de Nascente a Poente sobre uma elevação considerável, essa não suportava enfeites a não ser os que sobejavam de uma ou outra árvore alucinada, piscando no interior dos pátios. Os prédios altos, e as duas margens da via bem afastadas, entre as quais um rio de trânsito passava, não o permitiam. Naquela noite, o vento que soprava do Atlântico batia ali a pleno galope como se fosse feito de facas. No clima ameno de Lisboa, onde nada de intenso acontece, por aquela ocasião, logo soprava um vento assim. Túneis na avenida, jardins intercalares intermináveis. Papéis e pedaços de pinheiro levantados no ar. Por perto, não passava um táxi. Então Maria da Graça iria continuar a descer, acompanhando o sentido do trânsito para poder chamar um carro livre, assim que surgisse. E entretanto, como avançava rente às paredes, nem se importava.

Pensando melhor, fazia-lhe bem caminhar depois de um dia de intenso trabalho. Fazia-lhe muito bem respirar aquela aragem. O mundo leve, as abas do casaco quente a protegerem-lhe o corpo, a balouçarem no andamento como se fosse uma capa. Via-se refletida nos vidros das portas, o desenho do casaco amplo a voar, os espelhos correndo paralelos à sua marcha. Espelhos ocasionais pelo passeio da avenida abaixo. E no entanto, de momento para momento, a situação mudava. Agora já havia pouca gente na rua, já passavam poucos carros, nenhum táxi, não importava. Maria da Graça sentia-se levada pelas abas do casaco e pelo conforto íntimo do seu cumprimento profissional. Nem sentia frio nem humidade, não sentia nada, de concentrada que ia na sua própria marcha. A certa altura, porém, sentiu. Seguia-a uma espécie de presença, um cheiro de alguém por perto, um bafo atrás das suas costas. Seria o fumo dum cigarro? – Virou-se, sobressaltou-se. Não tinha que se sobressaltar. A uma curta distância, apenas dois garotos caminhavam como ela, pelo passeio abaixo.

“Dois garotos?” – pensou.

Quando se tinha virado os dois garotos haviam parado. Ela tinha recomeçado a andar, eles tinham recomeçado também. Teriam tido medo dela e por isso haviam parado?

Sim, eram apenas dois garotos, calçados de sapatilhas velhas, descendo, avenida abaixo, na mesma direção. Não importava. No dia trinta de dezembro, quando houvesse a última reunião do ano, ela, a gerente daquela importante agência bancária, teria atingido plenamente todos os objetivos. Teria ultrapassado em muito o que lhe fora proposto. Pensando nisso, sentia-se leve. Saco na mão e caixa de torta ao peito. A presença atrás. Então virou-se de novo e percebeu que os garotos caminhavam mesmo no seu encalço e não eram dois, mas três. Um deles, o mais próximo, mostrou a boca onde luziam, na frente, dois dentes adultos a despontar. Mínimo, o garoto disse-lhe – “Não tenha medo, dona, vamos aqui, abrigados na sombra do seu casaco...”

Maria da Graça recomeçou a andar.

“Na sombra do meu casaco...” – pensou. Como entre os atletas, no momento das corridas. O que vai na frente corta o ar, abriga os outros do frio ou do calor, facilita a vida aos de trás. Naquele caso, três crianças pouco enroupadas procuravam o cone de proteção criado pela aba do seu casaco para se abrigarem do vento frio. Então ela virou-se e viu que eram quatro. Quatro garotos desciam a Avenida EUA, à sombra do seu casaco. E ela pensou na impropriedade da palavra sombra, tão bem aplicada

àquela realidade, pensou também na colorida linguagem das crianças, sempre a fazerem nascer as realidades pela primeira vez. Vistos de cima, a partir das últimas janelas dos prédios, que figura interessante o grupo não haveria de formar! Ela, a caminhar com uma caixa ao peito, e quatro pequenos putos a seguirem-na, para se abrigarem no capote da sua saia. Estava a imaginar-se a partir de um ponto exterior a si mesma, e a ver-se seguida por quatro crianças mínimas. Maria da Graça encheu-se de ternura pela vida, pelo calendário litúrgico, pelos meninos que a seguiam. Quatro. A descerem a avenida. O casaco de caxemira quase aberto, a andar de um lado a outro, para poder criar um cone de proteção maior. Merecia, ela merecia aquela surpresa encantadora, depois de um dia de trabalho intenso e solitário, para ultrapassar as metas. Voltou-se, satisfeita, e viu. O garoto dos dentes nascentes, demasiado largos e demasiado curtos, continuava a ser o primeiro. Os outros três caminhavam atrás.

“Para onde vão vocês?” – perguntou Maria da Graça, pensando que iria alcançar o fim da avenida, iria atravessar o parque, e se eles precisassem, naquela noite, noite simbólica da caridade entre os homens, ela, que atingia objetivos de produtividade bancária, poderia colocá-los dentro do carro e levá-los até próximo do seu destino. Se não mesmo até ao próprio destino. Levava o duplicado da chave na algibeira do cinto, para o que desse e viesse, e os seus amigos esperavam-na, ao Restelo. Quando lá chegasse, provavelmente atrasada, poderia contar como havia descido a Avenida EUA com quatro crianças atreladas ao seu casacão e como tinha ido colocá-las em suas casas. Era uma pessoa disponível, podia fazê-lo.

Virou-se, informou-os – “Eu vou atravessar o Campo Grande. E vocês?”

Os miúdos não diziam nada. Só a seguiam, muito pouco enroupados, as mãos debaixo dos sovacos, os cotovelos rente ao corpo. O da frente, a rir desabridamente. Parando todos quando ela parava, caminhando quando ela caminhava. Cada vez o trânsito rareava mais. Os táxis passavam ao centro da avenida, longínquos, os sinais desligados, a recolherem para qualquer lugar como animais antigos para o amalho. Maria da Graça pensou – Vou atravessar o parque, talvez eles continuem atrás de mim, fazendo-me companhia. Se eles não estivessem comigo, eu não viria por aqui. Mas assim, aqui vou eu adiante, de casaco aberto, fazendo bandeira para eles, e eles, tão mal enroupados, seguindo-me. Sim, sinto-me tão feliz que nem penso em mim, neste momento, penso neles. Aqui vou eu ganhando terreno, atravessando a direito por entre as árvores do Campo Grande. Depois de atravessar, mal atinja o outro lado, será só alcançar o carro. Pensava ela, pois tinha ficado com uma segunda chave, sentia-a na algibeira. A oficina havia encerrado nas já longínquas cinco horas da tarde. E ela ali, acompanhada pelos meninos. Meninos que seguem por acaso o capote duma gerente bancária, que cumpriu os objetivos e atravessa a noite, feliz.

“Meninos?” – Virou-se.

Encontrava-se no meio duma clareira do parque, numa zona bastante iluminada. Mas atrás dela não caminhavam apenas quatro meninos. Caminhavam mais, embora a fila compacta não permitisse contá-los. Seria difícil. Até porque Maria da Graça continuou em frente, entrou numa zona de sombra e teve a certeza de que eram muitos mais. E de repente eles tinham-na cercado. Não, não lhe faziam mal. Estavam só à volta dela, e caminhavam agora abertamente a seu lado, a rirem para ela, como se fossem a sua guarda pretoriana. O maior de entre eles já deveria fazer a barba, mesmo assim, era baixo, dava-lhe pelo ombro, não mais. O dos dentes nascentes era mesmo mínimo. Os outros, mínimos também. Ela tinha parado, tinha levantado a caixa à altura do peito. “Eh! Eh!” – disse ela, sem saber muito bem o que dizer, sentindo-os demasiado próximo.

Tão próximos que lhe levantavam as roupas, metiam as mãos pequenas por baixo do casaco, atingiam-lhe o cóis da saia. Para se proteger, Maria da Graça tinha largado a caixa da torta. Ao debruçar-se para o chão, a fim de alcançá-la e de se recompor, sucedeu que as crianças mínimas lhe puxaram pelo saco,

atirando-a por terra. Alguma coisa oscilava sob os seus pés. Quando tinha escorregado pela segunda e pela terceira vez? Não sabia. E no entanto, tudo acontecia de modo silencioso, ágil e rápido, como num sonho. Não faziam ruído. Um baile. De súbito ela tinha-se erguido e precipitado para o saco, mas eles afastavam-se agitando-o, procurando dentro dele a parte que lhes interessava. “Eh! Eh!” – continuava ela a chamar em voz baixa, incrédula.

“Eh, rapazes!”

Eram seis à volta do seu saco e da sua carteira, ambos entornados na relva. O chefe, o atarracado, esse olhava em redor, assegurava-se de que os carros passavam a uns escassos vinte metros de distância, mas mantinham-se lá, onde lhes competia, correndo na pista certa, poucos e velozes. Ninguém daria por nada. Eram sete, os miúdos. O chefe, esse mesmo, repartia agora o conteúdo. E o que levavam? – Maria da Graça levou a mão à cintura e lembrou-se que felizmente tinha consigo a chave do carro, e dentro da bolsa só havia uns brincos, uma caneta de estojo de prata e alguns objetos pessoais. Também havia diversos cartões, dinheiro e fotografias. “Eh! Eh!” Por favor, as minhas fotografias, a fotografia da minha mãe e do meu pai, seus marotos... “Eh! Eh!” – Maria da Graça tinha voltado a cair ao chão e não sentia dureza nenhuma. Era como se ainda estivesse em pé e levasse várias crianças acolhidas na sombra da sua saia.

Mas não, a verdade era muito diversa, e numa situação daquelas, ela continuava estendida por terra, estupidamente, a pensar ao lado do que era importante. Em que altura a criança troca a moeda de ouro da inocência? *Em que altura? Sempre troca? Totalmente troca?* – Iria odiar para sempre o engenheiro Silva Dias. Ela gritou – “Seus filhos da puta, seus rapazelhos malvados! As minhas fotografias!” O vento, ali, na abrigada plana do parque, não se fazia sentir. Dava para ver tudo claro, enquanto, escondidos na sombra das árvores, entre si, os miúdos lutavam. Um novelo de miúdos à volta de um saco. O chefe, o mais velho, tomava-o pelas asas e começava a correr, agitando-o no ar. Mas um deles, esgueirando-se da luta, correu como uma flecha na direção de Maria da Graça, e dando uma volta no ar, atirou-lhe a carteira esfrangalhada. Era o mais pequeno de todos, o mínimo dos mínimos, o dos dentes nascentes, e por um instante, só por um instante, o mínimo ficou parado diante dela, a olhá-la de frente, a olhá-la de lado, a cabeça agitada como um pássaro, pronto a fugir para outro lugar, ao menor sinal. Era o primeiro que lhe tinha surgido, meia hora antes, quando aquele sonho parecia bom e eles seguiam atrás dela na sombra do casaco. Era esse, de frente, de lado, o dos dentes incisivos, agora de boca fechada, ainda ali e já longe, a sumir-se. A desaparecer atrás das árvores sem dizer uma palavra, como se nunca se tivessem visto. Aliás, ele nunca chegou a dizer-lhe que lhe devolvia as fotografias porque ela as tinha reclamado, verdadeiramente, ele nunca chegou a dizer-lhe *Aqui tem, senhora gerente, Feliz Natal...* Ela é que julgou que sim.

Ou não, não julgou.

Sejamos justos, Maria da Graça é que fez que assim fosse, quando perto da meia-noite relatou os gestos do miúdo, na casa do Restelo. Procedeu tal qual como procedia com as operações do crédito bancário. Diligente, ela rasurava detalhes, desfazia dúvidas, criava simulações, abordava os arredores das causas e transformava-os em percentagens, débitos, produtos, em função de projetos que depois ocupavam uma única linha de saldo *mais*. Uma ordem simples na complexidade intrincada dos factos. Foi em tudo isso que pensou, quando se viu com uma chave de carro na algibeira e três fotografias na mão. E continuou a pensar, duas horas mais tarde, ao entrar na casa dos amigos que festejavam a Natividade, envergando o casaco de caxemira, enlameado da terra do parque.

Aliás, foi aí que ela contou de que modo o menino dos dentes incisivos nascentes tinha voltado para trás, como a tinha encarado com simpatia, e lhe havia dito – *Desculpe, dona, eles são uns parvos. Aqui tem as suas fotografias. Boa-noite, Feliz Natal...* Ainda segundo as suas palavras, só depois desse

idílio, o miúdo ter-se-ia esgueirado através das árvores.

Maria da Graça, a gerente bancária, ainda a sacudir-se, na casa dos seus amigos, sem cartões, sem torta e sem saco, achava que o mundo não era como era, o mundo era sobretudo o que dele é escolhido para ser contado no dia seguinte. E decididamente, ela queria que assim fosse – Que sete miúdos tivessem viajado na sombra do seu casaco, que seis fossem ladrões empedernidos, mas que um deles se mantivesse salvo. Um de entre sete. Era uma percentagem bastante pequena, atendendo a que acontecera numa Noite de Natal. De facto assim era, dizia aos amigos. Mas aquela gerente precoce estava habituada aos números, estava habituada a fazer vergá-los, e por isso sabia que a crença é um ato voluntário. Nem mesmo quando lhe trouxeram um lenço molhado para que limpasse a terra dos cabelos e lhe disseram *Pobre Maria da Graça, logo numa noite destas!*, ela se deixou impressionar pela verdadeira dimensão dos factos que só ela conhecia. Esses, tal como tinham decorrido, iria preservá-los, escondê-los das luzes do dia e da noite.

Sobejava-lhe, porém, uma ponta solta. É verdade que Maria da Graça tinha ficado sem agenda, mas havia números que ela sabia de cor, passava por eles e sem esforço gravavam-se-lhe na memória. Era o caso. Ainda enlameada, pediu um telefone e compôs um número. Aguardou o sinal, esperou. Do lado de lá reconheceu a voz que procurava. Ouvia a pergunta insistente que o destinatário lhe fazia – “Está? Está lá?” Não, não iria dar continuidade à chamada, tudo acabava de acontecer, e ela ainda não sabia como dirigir-se àquele que lhe havia deixado um recado impenetrável sobre o oiro da inocência, a pretexto duma garrafa.

PERFUME

Homenagem tardia a Yilmaz Güney

Diz uma velha canção que no fundo de uma garrafa se encontra a vida de um homem, e por certo que assim acontece desde que se inventou a fermentação do malte. Mas no meu caso basta-me um só copo girando no fundo da mão, duas boas pedras de gelo e a noite a cair sobre o *lobby* vulgar de um hotel, para começar a lembrar-me daquele dia em que uns certos amigos do meu pai entraram em nossa casa brandindo uma garrafeira completa, criaram um alvoroço em nome de alguma coisa que tinha a ver com vingança, e só depois dessa enorme desordem partiram entoando a canção do esquecimento como se estivessem perdidos de bêbados. E no entanto, não precisavam de ter vindo gerar aquele entretenimento forçado para compreendermos a situação em que nos encontrávamos. Por que precisaríamos?

Agora mesmo, o rapaz do bar pousa o serviço sobre a mesa, dá de costas, desaparece atrás do balcão e eu lembro-me das circunstâncias. Durante a manhã, o meu pai tinha permanecido à entrada do meu quarto, de braços erguidos, como se quisesse ter a certeza de que segurava a porta no seu lugar, e eu tinha ouvido as malas dela rojarem pela alcatifa fora, rodarem sobre o soalho e depois sobre o mármore, para surgir em seguida, do fundo do prédio, o ruído do elevador que a levou. O chão do meu quarto era então uma planície por onde deslizavam, em miniatura, transportes de todas as espécies. E assim passou um dia inteiro. Mas eu só tive a certeza de que estávamos sozinhos, quando os supostos bêbados partiram e o meu pai me estendeu os braços com os quais pegava na guitarra, e me disse – “Amanhã, vais ter uma babá”.

Eu deveria ter uns cinco anos. Se quisesse poderia fazer as contas e chegar a conclusões precisas, mas tal como vocês sou um homem demasiado envolvido com os dados concretos do mundo para me preocupar com a precisão que me diz respeito. Para quê a precisão? Parto da ideia de que tinha cinco anos, quando ela saiu de casa e a babá chegou. E chegou logo no dia seguinte à visita dos alegres amigos do meu pai. Chegou a horas de testemunhar como haviam deixado as garrafas vazias encostadas ao bengaleiro e emborcadas sobre o sofá. Ela escorreu-as e arrumou-as dentro de sacos de plástico, como se fosse natural vir encontrar em nossa casa uma desordem daquela natureza. Compreensiva, a babá. Era uma mulher rechonchuda, prazenteira, corada, que caminhava pelo corredor fora com uns sapatos de farmácia, sola de borracha e aviamento de tricô, e deslizava de tal forma com rapidez e em silêncio que de um momento para o outro parecia estar em todas as divisões da casa. O seu cabelo era curto, e pela forma como aproveitava o que sobejava do meu prato, não deveria ter qualquer tipo de preocupação com o volume do seu corpo. Para quê ter essa preocupação? Mas aquela de quem falo, aquela que partira, essa, pelo contrário, era magra, tinha o cabelo liso dando-lhe pela cintura, andava pela casa com sapatos de salto alto, e a última vez que a vira sentada diante do meu pai parecera-me feita de vidro. Essa era a mulher mais bonita do mundo.

Lembro-me da forma como me carregava na sua anca alta, balouçando-me sobre o seu osso. Lembro-me de como me dava banho, lembro-me de como me beijava. Entrava pela porta, inclinava-se para a

minha cama, os cabelos formavam duas cortinas, uma de cada lado, e lá dentro encontravam-se os seus olhos grandes e os seus lábios. Dava-me beijos longos, pelas mãos e pela face. Começava sempre devagar, e depois ia aumentando a velocidade, beijando cada vez mais rápido, mais rápido, mais rápido, até que, risonha e esfalfada, atirava o cabelo todo para trás e eu via-lhe o rosto pálido completo, pelo espaço de um segundo. Era a mulher mais linda do mundo, quando eu ainda não sabia que o número de mulheres era infinito, nem que dimensão poderia ter o mundo. Ela era a mulher mais linda, sobretudo quando a sua mão permanecia sobre a minha cabeça, depois de me alisar a cama. Mas no dia em que as suas malas passaram pelo *hall* a caminho do elevador, o pai não consentiu que se aproximasse de mim. Os meus carros deslizavam pelo chão e encontravam os aviões de asas abertas e os comboios estacionados nos seus carris de fingir, tudo parado, e de repente tudo mexia como se a vida fosse levantar voo. Grandes viagens. Só depois veio a trupe com as garrafas para alegrar o meu pai. E no dia seguinte, tal como disse, chegou a babá.

De facto, era necessário que chegasse alguém. Desde que tinha lembrança dos meus dias, que eu e o meu pai nos desencontrávamos. De manhã cedo, eu ia para o colégio e o pai ficava em casa. De tarde, eu regressava pelas cinco horas, e nesse momento, já o pai ensaiava no estúdio. De noite, o pai continuava a ensaiar, ou atuava em algum lugar distante. Quem poderia ficar com um rapazinho de cinco anos? A família do pai era numerosa, as tias e as empregadas das tias revezavam-se no apoio que nos davam, mantendo um calendário rotativo de acompanhamento aos fins de dia e mesmo durante as noites, mas nos últimos tempos, a cada telefonema que faziam, seguia-se um corte inexplicável. Os tios falavam do lado de lá, do lado de cá o pai ouvia, replicava que ninguém tinha nada a ver com isso, que a sua própria vida só a si mesmo dizia respeito, e quando a conversa chegava ao fim, comentava com voz alterada – “Também este já está... Não preciso de gente deste calibre na minha casa. Enquanto eu for vivo, não voltarão cá mais...” O pai indignava-se com o que dizia serem insuportáveis discursos da família, coisas de honra velha, teias antigas. E agora que ela tinha partido, ele não atendia telefones ou, se atendia, não falava dela, só falava de si próprio, e mesmo assim, no registo mínimo. O pai mentia. Eu ouvia-o dizer – “Sim, vamos andando. Sim, que ideia, a Simone está bem...” Eu próprio ia ao telefone ouvir vozes, e dizia muito alto, assim que levantava o bucal, imitando o meu pai – “A Simone está bem...” Depois, não dizia mais nada, ficava a olhar para dentro do bucal, à espera do efeito que poderia provocar a minha mentira, e sem querer saber de quem se encontrava do lado de lá, desligava. Se o pai estava em casa, eu não passava o telefone ao pai, eu sabia que ele não queria falar, eu era seu secretário. E nem mesmo aos amigos que tinham vindo celebrar aquela espécie de despedida festiva, com várias garrafas à mistura, o pai incentivava o contacto. De repente, à nossa porta, não batia nem homem nem mulher, nem criança da minha idade. Teríamos ficado sozinhos, se o pai não tivesse contratado a babá para viver em nossa casa.

Era uma boa pessoa, já o disse. Mesmo antes de a carrinha do colégio passar, logo pela manhã, ela sentava-se no chão do meu quarto para dispor os brinquedos com que eu iria entreter-me mal regressasse. Procedia como se ela própria precisasse desse jogo para unir a primeira parte do dia com o fim de tarde. Brincaria com os meus brinquedos, na minha ausência? Entreter-se-ia com eles, enquanto me esperava? – Ainda que eu imaginasse que sim, não seria provável. A casa não era grande, mas havia muito trabalho a fazer. Além de se ocupar do que me dizia respeito, a babá ocupava-se da roupa do meu pai, separava-lhe as peças, pendurava-as, escovava-as, ou encaminhava-as para a máquina de lavar. Estendia-as, passava-as. Depois dobrava as camisas, os pulôvers, as meias, e alinhava tudo isso sobre a cama como se fosse uma exposição teatral. Mas o que mais a fascinara desde o princípio tinham sido os *smokings*. Relutante em tocar-lhes no início, em breve essas peças pretas haveriam de se transformar no primeiro objeto dos seus cuidados. Antes de pendurar cada um deles, dizia-me – “Tenha calma, quando o Rui crescer, vai ter um igual...”

Mesmo assim, sobejavam-lhe muitas horas para brincar comigo, principal tarefa da contratação. Às vezes, porém, não brincava, levava-me pela casa fora, explorando o espaço, e comentando – “Isto deve ter sido uma prenda da sua mãe para o seu pai. Isto aqui, deve ter sido trazido de África... E estes aqui, nesta fotografia antiga, devem ser da sua família... Aqui está o seu pai em *smoking*, bem mais novo, já com a guitarra... Aqui está ele com os outros todos, são cinco, mais uma mulher, não sabia... E aqui está ela, a sua mãe, com aqueles cabelos longos. O seu pai não devia ter isto assim, à vista desarmada. Não é por si, que não terá outra mãe, faça você o que quiser, esteja descansado. É por ele. Quando é que ele vai esquecê-la? Quando?” – E a babá virava as fotografias onde ela permanecia a rir para mim, virava-as para a parede ou na direção da lombada dos livros, deixando o reverso das molduras exposto para o centro da sala.

Mas o tempo que a babá ocupava nessa exploração era infinitamente menor do que aquele que passava sentada no chão do meu quarto, onde eu e ela nos divertíamos à brava. Eu deitava-me ao comprido e ela fazia os aviões voarem por cima da minha cabeça. Outras vezes era ela quem se deitava, uma espécie de montanha no meio da alcatifa, e eu fazia o comboio passar-lhe por cima. Conseguia que suportasse a minha frota inteira sem a magoar. Conseguia que os carris do comboio atravessassem a ponte das suas pernas. Ela desmanchava-se a rir, achava que eu era um génio na forma de imaginar diversões. Um dia, eu acabava de fazer uma proeza qualquer, e a babá levantou os olhos para mim, e disse-me – “Ah! Senhor! O que aquela maluca está a perder...” E esse iria ser um dos seus bordões favoritos, sempre que se verificava um triunfo na minha vida de criança. Se eu desenhava um animal, revelando habilidade no traço, a babá lamentava – “Ah! Senhor, o que aquela estúpida anda a perder...” Se desenhava uma letra mais complicada, se lia uma nova palavra que não me havia ensinado, se punha a funcionar uma maquina qualquer, sempre dizia de novo que em algum local do mundo havia uma doida, uma desperdiçada, ou até mesmo uma estúpida, que assim perdia um bem irrecuperável da sua vida. Mas nunca fazia tais comentários em frente do pai. Também nunca tinha coragem para deixar as fotografias viradas para a parede a tempo que o pai desse por tal. As molduras permaneciam colocadas ao contrário, sobretudo quando o pai se ausentava por vários dias, o que acontecia cada vez mais.

E por vezes o pai regressava a horas improváveis, e vinha tão cansado que mal pousava o instrumento, atirava-se para cima da cama, completamente exausto. Nesses dias, a babá ficava comigo em silêncio, e só me deixava aproximar do quarto quando calculava que o recém-chegado estivesse restabelecido. Eu costumava arranhar a porta com as unhas para me anunciar, mas ela tinha-me ensinado a bater com os nós dos dedos. Então eu fechava a mão, apontava o punho para a superfície da madeira e batia. Batia uma, duas, três vezes. Ele ouvia, mandava-me entrar e eu entrava devagar, olhava-o de muito perto e estendia-me ao seu lado. Dormíamos. Depois, nós os dois saíamos e a babá ficava a separar a roupa do pai, ficava a preparar o *smoking*, a examinar a intensidade do brilho dos sapatos que ela cuidava com esmero, embora não tivesse sido para isso que a babá fora contratada, só que ela não se importava, ela acumulava de boa vontade. Fazia-o com pressa e em silêncio, que era a sua forma de mostrar alegria. Um dia, porém, fui encontrá-la triste. A mala de viagem do pai estava aberta e, de entre os objetos espalhados, ela examinava as roupas. Ergueu os olhos para mim e disse-me – “Que pena! Infelizmente, o seu pai continua amarrado àquela doidivanas da sua mãe. O seu pai continua sozinho...”

Quando isso aconteceu? Não o sei. Já disse que poderia ter outro tipo de precisão cronológica, mas não posso, não quero. A imprecisão é uma espécie de penumbra onde os vultos que importam ganham a sua merecida luz, com o correr do tempo. Esse momento foi importante porque inaugurou uma era, mas não tem data, não precisa desse luxo de calendário. Aconteceu, talvez antes, ou talvez depois de um outro momento, aquele em que a babá se sentou entre o meu exército de peles-vermelhas e o de caras-pálidas, como então se usava, enfileirou os cavaleiros todos de um lado e de outro, ordenando-os para uma

batalha, e depois suspendeu o jogo de guerra para me dizer duma vez só – “Bem lhe diziam as suas tias que não se fiasse ele nela... Uma oferecida. E toda a gente via, só ele não via, andava cego, o pobre desgraçado... Você tem ali as fotografias onde ela aparece a beijar o orangotango do outro, mas eu não lhas posso mostrar. Aquilo não é coisa para si... E o seu pai, um crédulo, só acreditou quando viu. Diz lá por baixo, preto no branco – *Simone já trocou de amor...* E o seu pai, sem fazer fé no que lhe dizia a família, no que diziam os seus tios, os primos dele, os colegas todos, os amigos e os inimigos. Oh! Oh! O que se disse e não se disse... Coisa feia, coisa pública...” – Acrescentou a babá, levantando-se do chão, abandonando o campo do jogo e alcançando o vão da janela. Afinal a babá tinha a revista feita num rolo, enfiada na algibeira da bata, e não ma queria mostrar.

Pelo contrário, protegia-a de encontro ao corpo, e com a testa encostada ao vidro, a babá pronunciava palavras entrecortadas de soluços, a babá chorava e falava ao mesmo tempo, como se eu não estivesse presente. Dizia – “E pensar uma pessoa que a estúpida enganou um homem destes, pensar que deixou esta criança sozinha...” E só depois de desabafar longamente voltou a sentar-se no chão, enquanto eu fazia deslizar os meus soldados para os seus encontros fatais. No final, eu gostava que estivessem todos caídos, todos mortos, todos varridos para o canto do quarto. Só assim, a batalha terminava. E de resto, à porta da nossa casa, além do canalizador e do eletricista, ninguém batia, ninguém entrava. Lembro-me também que por essa altura eu já juntava letras, reconhecia palavras, ou conforme a babá dizia quando o pai regressava, eu já lia. Ela colocava a mão sobre a minha mão, fazia-me apontar o dedo como o seu próprio dedo e soletrava comigo em voz alta – *Os gatos ensinam os ratos, Estes passarinhos trazem a primavera*, e outras frases desconexas. Se acaso o pai dava pelos meus progressos, depois de ter pousado a guitarra sobre o cadeirão da sala, e antes de se ir deitar, ele agradecia – “Muito obrigado, Ludovina...” E ficava por ali. Mas houve um dia em que aconteceu uma coisa boa.

Era um sábado. De madrugada o pai tinha regressado a desoras, interrompendo uma *tournee* na sequência de uma ligação atribulada, e restavam-lhe apenas umas escassas horas para descansar, pois ainda antes das duas da tarde já um outro voo o esperava. A babá dispunha de muito pouco tempo para arranjar a mala do pai. E assim aconteceu. Os primeiros momentos da manhã desse dia foram de grande azáfama, e eu andava por perto, seguindo o meu pai, procurando assistir à sua entrada no quarto, à sua saída, à abertura da mala, ao seu fecho, ao correr das rodas pelo soalho, pelo mármore da entrada, à subida do elevador, esperando pelo instante em que o pai me levantava no ar e me beijava na face, me esfregava com força o alto da cabeça, e depois aparecia e desaparecia de todo. Nesse dia, a babá chamou-me, ainda o pai deveria estar no passeio a entrar para o táxi, para me dizer, com os olhos pequeninos de riso – “Eu sabia! Finalmente, menino, o seu pai tem outra...” E fez descer, até à minha pessoa, uma camisa do meu pai de onde exalava um halo a perfume. Os olhos da babá a rirem de prazer. Deduzia – “Aí está que ele chegou atrasado, aí está...” E como se no vago odor daquela camisa existisse matéria para um regozijo universal, a babá levou-me ao Jardim da Estrela e brincou comigo debaixo das árvores até ser tarde. Deveria ser outono, pois lembro-me do ruído das folhas sob os nossos pés, ao crepúsculo, enquanto caminhávamos rente ao gradeamento do parque. Lembro-me da leveza que nos tomou os passos, os dois unidos pelas mãos, ao sairmos pelo grande portão, já de regresso a casa. Era noite cerrada. Em algum lugar da Terra ele deveria estar prestes a atuar, e agora sim, tudo iria ser diferente, pois segundo a babá, ele tinha uma outra mulher.

Mas o que significaria ter uma outra mulher? E que lugar ocuparia a outra, aquela de quem eu me lembrava tão bem, a dos cabelos compridos como dois cortinados? Onde estaria ela, a doídivanas, a estúpida, a desvairada, segundo as palavras da babá? – Eu não perguntava, nem dizia nada, eu apenas ouvia. Também em relação ao meu pai, eu não perguntava nem comentava, só ouvia. Umas vezes percebia que estava de partida para Paris, Bruxelas, Londres, outras vezes, para Estrasburgo, Frankfurt,

Amsterdão, cidades, salas, palavras vagas para onde ia com o instrumento e de onde voltava. Mais nada. De resto, comigo poderiam falar de tesouros escondidos, de golpes de estado, de cenas de caça a discos voadores, que eu não comentaria com ninguém, eu não diria nada a ninguém. Pois aquela que me interessava existia em algum lugar que não ali, e o meu pai andava pelo mundo fora, e tinha outra. Que palavras havia para dizer? E no entanto, um dia, a babá gritou – “Menino, venha aqui!” Eu fui. A babá estava em transe e gritou muito alto – “O seu pai, afinal, anda com várias!” E muito surpreendida, diante da mala escancarada, a babá erguia o *smoking* em cuja gola de cetim havia uma nódoa de molho, e no lugar do peito, uns cabelos apareciam emaranhados num botão. Ela virou as costas do *smoking* diante dos meus olhos e mostrou-me o que ali estava – Sobre o tecido preto, brilhavam mais despojos, laivos de cinza, outros cabelos. Com a ponta da unha, a babá pegou em dois cabelos diferentes, um deles recolhido das costas da veste, e um outro do botão, identificando-os. Disse – “Aqui está um cabelo castanho, aqui um louro. Este é comprido, este é curto. Não são da mesma pessoa...” E a babá sentou-se na mesa da cozinha, com os objetos de análise expostos sobre o tampo. Tinha deixado de falar alto, mas não parava de dizer, escandalizada – “Bem, bem... Isto agora cheira-me a orgia, isto agora já não me cheira nada bem...”

Quando o pai regressou a Lisboa, dois dias depois, era outra pessoa. Trazia o mesmo instrumento dentro da caixa, trazia as partituras dentro da pasta, trazia a mala com a roupa, e trazia a orgia. Eu não sabia o que era a orgia, mas tinha a certeza de que era alguma coisa que afastava a babá da sua própria alegria, do seu andamento rápido e silencioso, da sua natural eficácia. O pai, dessa vez, precisou de ensaiar em casa. Disse que estavam a braços com uma nova peça, um novo arranjo sobre a mesma variação de mais um outro Boccherini. Experimentações sem fim. Barafustou contra o eterno Boccherini, fez flexões, massajou as mãos, fechou-se na sala, e só me deixou entrar quando finalmente conseguiu executar o final da partitura todo de seguida. Eu ouvia os sons que vinham de lá, que partiam da sua pessoa, e eles eram a sua própria pessoa, como desde sempre, mas eu só iria conseguir esquecer o que quer que fosse *orgia* – realidade que por certo seria muito ruim – quando ele me pôs ao colo e me disse que eu também poderia colocar os meus dedos sobre as cordas. Disse que eu deveria fazê-lo muito devagar, para não alterar a tensão delicada que se estabelecia entre o atadilho e o leque da guitarra. Eu assim fiz. Pousei os dedos sobre as cordas, repuxei duas delas, e um som saiu sob a minha mão, um som semelhante em tudo aos que produzia o meu pai. Um som que me pareceu igual, como se falássemos pela mesma voz. E o pai deixou-me repetir. Isto é, eu tinha perguntas para fazer, mas não fazia. Nem me passava pela cabeça formulá-las, breves que fossem. Estava decidido que seria assim, tão certo como sermos duas pessoas, dois corpos separados, cada um de nós com os seus próprios pensamentos e as suas próprias vidas. Aproximava-se o inverno, e as pessoas deveriam andar melancólicas, pois de súbito os cinco instrumentistas eram esperados em salas inverosímeis, e eu, que confundia os instrumentos com as pessoas, achava que alguém queria aquecer-se aos seus corpos, durante as noites frias. O corpo em que eu pensava, evidentemente, era o do meu pai, o seu corpo, a sua guitarra, a sua orgia.

Porque a ideia da orgia sempre ia e vinha, como se fosse agora uma segunda natureza do pai. Nem sempre a babá me chamava para cheirar as roupas do pai, mas eu percebia a repugnância com que lhes pegava. Aliás, os aromas tinham-se tornado em nossa casa importantes objetos de entendimento e a compreensão dos seus significados ampliava, entre nós dois, o seu campo de irradiação. Foi assim que em certa manhã de domingo, fui encontrar a babá diante da mesa da cozinha, com vários frascos alinhados na sua frente, como se fosse um provador de vinhos. Uma a uma, ela retirava as rolhas aos frascos e cheirava-as à vez. Fiquei a seguir a operação pendurado da aba da mesa. A babá pegava numa rolha, fechava os olhos, as asas do seu nariz titilavam, e concentrando-se profundamente parecia aplicar um código a cada aspiração. Deveria existir uma tabela de decifração através da qual lia o cheiro do

vasilhame quase vazio, pois os seus lábios moviam-se. Sobre a mesa, havia um frasco redondo, baixo, um outro esquinado, de vidro cor-de-rosa, e um terceiro, branco, opaco, com arabescos floridos, e ao lado de outros mais insignificantes, um quarto de coloração verde. Estavam rotulados com nomes estrangeiros que a babá não pronunciava. Mas no momento em que parecia ter terminado a operação, pegou num dos recipientes, o de vidro esverdeado, o mais vistoso, e disse – “Que pena, que pena! Ao menos esta usava Ô, maçã, tangerina, limão! Mas aquelas com quem ele anda agora não cheiram a perfume de mulher, cheiram a perfume de loba. Cheiram a palha podre, feno velho, covil, fumo de carvoeira, flor de fava, uma flor ordinária...” Depois a babá dirigiu-se para o quarto do pai e alinhou sobre a cómoda os frascos quase vazios. A roupa branca do pai já se encontrava dentro duma bacia mergulhada em espuma, eu já não poderia verificar, mas não havia dúvida de que ali dentro estava a prova da orgia, enquanto dentro do frasco verde havia ficado o cheiro daquela que nos tinha deixado, ou aquela que o pai havia empurrado para a rua. Quando a babá começou a cortar os legumes que se desfaziam em pedaços sobre a tábua da cozinha, eu corri a abrir a porta do quarto do pai para olhar para os frascos. Só para olhar, para ver de longe e fechar logo de seguida a porta atrás de mim, antes que a babá desse por isso.

Então foi assim – O pai chegou cansado. Eu não precisava de ir esperá-lo à porta para saber que regressava exausto. Ultimamente a sua testa alongava-se, e para compensar, o cabelo tinha descido muito abaixo do queixo, as últimas pontas, reviradas, roçavam-lhe pelos colarinhos. E fumava, o pai fumava. Ultimamente tinha adquirido uma mancha castanha em cada um dos dedos com que dedilhava as cordas da guitarra. Além disso regressava a casa impregnado de perfumes, e entrava sem telefonar, sem avisar, sem fazer ruído. Metia simplesmente a chave na fechadura e entrava. Ouvia-se o som dos seus sapatos no soalho, depois os passos perdiam-se na alcatifa e mais nada. Por mim, eu não tencionava perturbá-lo. Se o pai quisesse vir até ao meu quarto, viria, se não quisesse, não viria. Eu estava à espera, e ao mesmo tempo não estava. Sabia que tudo o que viesse a acontecer iria dar-se sem que eu pudesse fazer fosse o que fosse, tivesse o mundo o tamanho que tivesse, pois eu não era nada, não era ninguém, perante o mundo. Tudo acontecia numa zona que ficava muito para além do meu alcance. Eu não podia nada em face do destino dela, aquela que tinha beijado um orangotango. Nada, em face das nódoas de gordura no fato do pai, nada em face daqueles cabelos estranhos, nada contra o cheiro a orgia, nada de nada em face da necessidade absoluta que o pai tinha de pegar naquele instrumento e desfazê-lo em sons. Nada, perante o imperativo superior que era sentar-se o pai numa cadeira baixa ao lado dos seus colegas e tocar para pessoas sentadas diante dele. Eu próprio não era nada. Durante as nossas breves conversas, ele nunca tinha conseguido explicar-me por que razão a sua presença era sempre indispensável naqueles palcos, quando além dele havia mais quatro. Eu não podia interceder por coisa nenhuma. Tudo aquilo em que eu podia mandar estava ali estendido pela alcatifa do meu quatro, e deslizava ou voava, partia-se e enganchava-se, conforme eu queria, e isso já era muito. Ninguém me tinha ensinado a agradecer fosse o que fosse, a quem quer que fosse, mas é possível que a espécie humana tenha nascido com o instinto do agradecimento, porque eu me sentia agradecido por isso, por estar sozinho no meio de um quatro onde podia criar um universo de transportes privados, tão importantes que eles mesmos se transformavam em seus próprios passageiros. E por isso eu senti o pai entrar e não me virei, pois nem eu nem ele precisávamos de nos ver ou encontrar.

Aliás, o pai não precisava de dizer uma palavra, eu não precisa de ouvir a palavra que ele viesse a dizer. Eu não me virava só porque não era necessário, estávamos entendidos um com o outro, não precisávamos sequer de nos encarar. Compreendíamo-nos assim. Para quê responder à sua pergunta de como estás, por que não te levantas, por que não respondes, por que estás zangado, diz-me se tens fome, se tens frio, se tens tristeza, se tens medo, se tens desejo. Ou ainda, por que não te viras para mim, por

que te recusas a levantar-te do chão? Por que estás agora levantado e não falas? Não abres a boca, não dizes uma palavra? Não prestas atenção? Fala, fala, fala. Diz uma palavra, pelo amor de Deus. E outros pedidos do mesmo género, feitos por ele. Mas se repito agora estas palavras é pela simples razão de que naquele dia o meu pai as pronunciava, todo curvado sobre mim, e depois também veio a babá e pediu o mesmo, pediu que eu abrisse a boca para mostrar que estava ali. Os dois unidos a pedirem a mesma coisa. Até que eu senti o pai perder a paciência, senti o pai sacudir-me, abanar-me como se eu fosse um tapete com pó, e no entanto eu não iria responder, pois o que ele queria que eu dissesse eu não tinha para dizer, ou não sabia como dizer. Verdadeiramente, o que queria o pai de mim? – E a certa altura, o pai, que se tinha ajoelhado para me abanar mais rápido, gritou uma coisa terrível. Ele disse – “Ao menos chora, chora! Chora, filho daquela grande puta, chora!” E aí, eu percebi que era tudo verdade, porque eu não tinha visto mas existia a revista enrolada no bolso da babá, e comecei a chorar.

Sim, comecei a chorar, mas não era bem chorar, era só produzir o ruído do choro para acalmar o meu pai, e desse modo poder dar-lhe toda a razão, porque chorar seria diferente, chorar de verdade implicaria reclamar alguma coisa. Ora eu não queria reclamar, eu achava que tudo estava no seu sítio exato, e mesmo que não estivesse, com o meu choro nada iria ser modificado, e por isso eu não chorava, eu apenas fazia aquele ruído só para corroborar a justiça que já estava consumada. Como já disse, chorar não era isso. Mas uma vez que o pai precisava de estabelecer a sua justiça, e deveria estar a sofrer como um bruto, pois então eu gritava para ele ouvir, gritava tanto quanto podia, diante do seu rosto aterrorizado, e logo diante do seu rosto de súbito mais calmo, porque afinal eu soltava guinchos e gemia como se estivesse a chorar. E assim, o pai, já a respirar melhor, já com alguma esperança no olhar, depositava-me, finalmente, nos braços da babá. A babá mal podia comigo, mas levava-me ao colo para o seu quarto, alongava-me ao lado do seu tronco redondo, encostava-me a bochecha ao volume da sua mama gorda, amparava as sacudidelas do meu corpo contra o seu corpo. Era muito boa, a babá. Dormi com ela durante essa noite, e durante várias noites seguidas, até que o pai lhe disse – “Ludovina, vamos acabar com isto. Daqui em diante, sempre que for possível, para onde eu for, o meu filho vai comigo...”

“Está decidido.”

Tomávamos o pequeno-almoço, e como desde o início, a babá sentava-se à mesa connosco como se fosse pessoa da família. Naquela manhã, a babá suspendeu o balão do café por cima da minha cabeça e emitiu a sua opinião – “Desculpe meter-me onde não sou chamada, mas não acredito nesse projeto, senhor Sousa. Andar agora o menino atrás de si, de cidade em cidade. Pois para quê? Só porque não fala? Logo fala. Se levar isso avante, o menino ficará sem paz, o senhor, sem liberdade...”

E depois discordaram os dois, durante uma longa hora.

Mas nada demoveu o pai.

O agrupamento era composto por cinco instrumentos de cordas a que se juntara, recentemente, uma voz feminina. Viajavam, pois, os cinco músicos, a solista, a assistente e por vezes o diretor de produção, o que perfazia ao todo oito pessoas, e agora também viajava eu. Não deveria ser agradável viajar comigo. Como eu não dizia nada, desconfiavam de mim, e ora me ignoravam estrategicamente para que eu acusasse a minha existência, dizendo algumas palavras, ora brincavam comigo como se eu fosse um animal inocente que tivesse de reagir, repondo a lógica que faltava aos despropósitos com que me brindavam. Eu preferia que me deixassem sozinho, perto dos instrumentos como se fosse mais uma das caixas pretas, a servir de pretexto para aqueles infelizes jogos de palavras sem sentido. Os dois violinos eram jovens, um e outro bastante altos, muito magrinhos, muito distraídos, deixavam-me em paz. Pelo contrário, o primeiro guitarrista, mais velho do que o meu pai, esse costumava dizer coisas como esta – “Vi ali um gato com duas línguas. Abre lá a tua boca, menino, só para ver se era a tua que ele levava a

mais...” Falava assim, como se eu tivesse dois anos. Mas eu detestava-o sobretudo porque, dentro do conjunto, ele era mais importante do que o meu pai. Chamavam-lhe a ele o mãos-de-prata. Eu não respondia. A solista falava pouco, pois, como ela dizia, tinha o seu instrumento de cordas dentro da boca. E contudo baixava-se diante da minha pessoa, incitando-me – “Anda, brinca, não fiques tão sisudo!” Eu não lhes fazia a vontade. Nem mesmo quando o violoncelista comparava o meu tamanho com a dimensão da sua caixa, gabando a minha altura, e todos concordavam, nem assim eu lhes respondia. Só falava por acaso. Abria a boca e acontecia. No entanto, os aeroportos por vezes pareciam autoestradas cobertas, e quando eu percebia que poderia correr, em horas de menos movimento, enlouquecia de alegria, atirava-me ao chão, entrava e saía das lojas como se levado por um redemoinho, e o meu pai deixava. Ele permitia que eu tivesse esses momentos de euforia, ele desejava-os, pela forma como parecia feliz quando finalmente eu me descontraiá, e era possível os camaradas do meu pai apreciarem-me. E por momentos, eu até exagerava na desinibição, para logo recolher de novo ao estado ponderado, aquele em que eu ouvia ao longe as previdentes palavras da babá – “Ele não terá paz, o senhor não terá liberdade.” E assim, diante dessa sentença, entrávamos nos quartos de hotel e alojávamo-nos.

Não, não vou descrever as viagens que fiz, nem as salas de espectáculo em cujos bastidores me deixei adormecer. Não vou descrever a sensação de roubo que eu experimentava ao perceber que os recintos se enchiam de pessoas para quem o meu pai tinha de fazer a cada noite uma prova que o deixava arrasado. Sentia-me assaltado, roubado, durante as provas. Que aquelas dores acontecessem aos outros, estava bem, agora que acontecesse ao meu pai, eu achava infinitamente injusto. Não, não vou descrever os alinhamentos, os cartazes, as apreciações, o fluxo das palmas, não vou recordar nada disso. Não interessa. Aliás, não era pelo sucesso ou insucesso das atuações que a babá se interessava, no meu regresso a casa. Aquilo de que ela queria ser informada tinha uma natureza muito distinta. Ela queria saber onde dormia eu, se me embrulhavam bem durante os concertos, se eu conseguia descansar com tanto ruído, se as palmas me incomodavam, se o meu pai me levava a cear depois dos espetáculos ou se me vinha colocar no hotel, se eu ficava só no hotel ou se eu estava sempre com ele. Isso, ela perguntava. Era muito direta – “Ficam num quarto duplo ou numa suíte?” Eu explicava que ora ficávamos num quarto grande ora num quarto acanhado, dependia da produção, ainda que o pai pagasse extras por minha causa. A vida do pai era apertada. E às vezes a babá queria que eu falasse das cidades onde tínhamos estado, e eu só lhe referia os nomes, Lyon, Utrecht, Amesterdão, Liverpool, mas não sabia dizer mais nada. Cada cidade era uma corrida entre aeroporto e hotel, entre hotel e sala de espetáculos, a que eu somava uma ou outra impressão causada por telhados, chuvas ou sóis, a separarem as intermináveis noites. E como a babá falava constantemente da falta de liberdade do pai, eu imaginava que ele me levava consigo, muito menos por eu me recusar a falar do que para ser guardião dessa espécie de mal absoluto feito de perfumes de fera, cabelos escuros e loiros à mistura, e nódoas nas bandas do *smoking*, a que se poderia chamar, no seu conjunto, de orgia. Um dia, antes de abalarmos, a babá disse – “Liberte o seu pai, fique sossegado a dormir no hotel, verá que ninguém lhe faz mal. Tem ou não tem coragem? Olhe, deite-se e faça que dorme. Assim, sem fazer força nos olhos, para não franzir as pálpebras. Assim, respirando à vontade, respirando alto. Ele precisa de encontrar uma boa pessoa. Aprenda, deixe o seu pai em liberdade...”

A primeira vez que aconteceu foi em Barcelona. Não sei se ainda tinha seis, se já teria sete anos. Talvez já fosse outono, mas o verão ainda mantinha o seu halo noturno de paraíso dolente, e o hotel era um belo imóvel, em cujo *lobby* se cruzavam pessoas ruidosas, parecendo a cada momento dispostas a cantarolar e bailar, de tal forma se agitavam. Uma sensação de pausa e de felicidade pairava no ar de Barcelona, de cujos esgotos saía um ligeiro cheiro a podre que enfeitiçava. Nessa noite, eu não consegui dormir durante o concerto. Dei perfeitamente pelo momento em que a solista entrou, e ela entrava só à

terceira peça, dei pelo momento em que o mãos-de-prata fazia o seu bonitinho e era aplaudido com palmas e vozes, dei pelo recomeço a dois, onde entrava o meu pai, dei pelo nome do meu pai ser pronunciado pelo mãos-de prata, que apresentava o quinteto com solista, dei pelo final, dei pelo *encore*, e depois pela debandada, e finalmente a sala ficou deserta. Então o pai veio buscar-me, e eu disse-lhe que não queria cear, pedi-lhe antes que me fosse levar ao hotel. E o pai fez o que lhe sugeri. Levou-me, deitou-me, e ficou a olhar para mim. Eu disse-lhe – “Vai lá abaixo cear que eu fico aqui...” Decorrido um certo tempo, o pai voltou. A luz de vigia continuava acesa. Eu sabia distender as pálpebras, eu sabia respirar compassado, a babá tinha-me ensinado tudo. O pai já tinha despido o *smoking*, estava em camisa, fazia calor ali dentro. Lá fora deveria andar muita gente na rua. O pai saiu pé ante pé, e voltou de manhã, cheirando a uma mistura de fumo, álcool, perfume. Tomou um duche demorado, meteu-se na sua cama, ao meu lado, e ficou à espera que eu me mexesse. Não me mexi. Dormimos até que a assistente nos chamou para tomarmos a carrinha que nos traria de volta ao aeroporto. Lembro-me das cores claras dos prédios e do céu azul intenso onde se recortavam. Daquela vez, sim, eu tinha uma proeza para contar à babá.

E a babá regozijou-se, e disse que tinha orgulho de mim, que muito poucas crianças da minha idade teriam a minha sensatez, a minha noção de dever, a minha coragem. A babá disse o melhor da minha pessoa, mas acrescentou que aquela situação em que vivíamos, eu e ele, era de todo em todo insustentável. Percebia que o pai já a tinha esquecido, a ela, àquela estúpida que o havia enfeitado, percebia. Ela própria tinha deixado as molduras viradas para a parede e ele nem tinha notado. Se não tinha notado é porque as fotografias de Simone Lago já não lhe diziam nada. Tanto lhe fazia que estivessem de rosto como de costas. E portanto, essa etapa o pai havia ultrapassado. Mas estava a escapular-se-lhe por entre os dedos, o tempo útil de que ainda dispunha para se fixar em alguém. E ele precisava. Essa história de andar de bar em bar, ou de hotel em hotel, ou saberia lá ela bem, talvez de bordel em bordel, depois dos concertos, não era uma coisa boa, não. Quando ele mal soubesse, seria um velho, com uma corcunda nas costas de tanto se curvar para a guitarra, de tanta refeição mal tomada, tanta viagem, tanto descaminho, tanto nervoso por causa do sucesso ou do insucesso não só da sua guitarra mas do próprio quinteto com voz solista. Quando mal soubesse, seria um homem acabado, sem ninguém que o amparasse, pois quem tinha tido pouca sorte uma vez, acabava por repetir a dose. Segundo a babá, os homens rondavam durante toda a vida figuras do mesmo tipo. No caso do pai, ele tenderia a procurar uma outra rapariga jovem, sempre linda, sempre egoísta, só a pensar em si mesma, nos seus cabelos compridos, nos seus tacões finos, nas suas pernas altas. E depois, orangotangos com elas. E enfeites, nas testas deles. Aquilo de que o pai andava à procura era disso mesmo. E a babá repetiu o seu discurso várias vezes, tantas, pelo menos, quantas eu acabaria por acompanhar o pai, entre os meus seis e os meus sete anos de idade. Eu tinha aprendido a ficar sozinho, eu não dava por nada, mas a babá pegava na roupa do pai, estudava-a, e na sequência do exame, ditava o seu veredicto – “Uma vida dissoluta, ora esta, ora aquela, conforme a cidade onde vai. Um pivete. A roupa dele cheira a flor de fava esmagada. Pior que um marinheiro de mar alto. E com o filho atrás. Fale, diga alguma coisa, Ruizinho! Ainda isto acaba mal...”

Se agora mesmo eu quisesse precisar o ano e o mês, eu poderia precisar. Mas não vale a pena. Para quê precisar aquilo que deve permanecer fora do tempo e do lugar? Por mim, bastam dois copos pousados no tampo duma mesa, e o rosto de um rapaz de bar parado atrás dum balcão, para eu me lembrar daqueles dias em que nevava sobre os telhados de Bruxelas como depois não mais voltaria a acontecer. Pois naquele fim de dia, uma desordem branca tinha atingido o trânsito e retirado os transeuntes das ruas. Mesmo assim, o Théâtre Poème encheu até ao fundo dos corredores vermelhos. Ao contrário do que seria suposto naquelas circunstâncias, verificava-se uma afluência completamente inesperada, como se o nevão tivesse empurrado gente remota para dentro daquela sala. Até aos

bastidores chegava o rumor dessa enchente não prevista, e eu que deveria dormir envolto no sobretudo do pai, esticado sobre uma espécie de canapé, não conseguia fechar as pálpebras. Só as desci, no momento em que os cinco passaram por mim a caminho dos instrumentos. Não era possível manter-me deitado. Lá fora, por certo, continuava a nevar, mas ali dentro, naquele auditório íntimo, a eletricidade estática deveria criar uma atmosfera incandescente, pois a cada ato de música seguia-se um aplauso que em alguma coisa se assemelhava a uma explosão. Deveria haver muitos portugueses na sala, uma vez que a própria voz da mulher que cantava, e que ia e vinha em tom de lamento grave, sempre que se calava desencadeava uma ovação delirante. E o mesmo acontecia com os solos de guitarra. Em cada concerto costumava sobrevir um determinado momento em que o rouco violoncelo se calava, e o mãos-de-prata e o pai formavam um dueto livre, e eu mesmo, do local de retaguarda de onde habitualmente me encontrava, distinguia a voz do instrumento do pai, pois enquanto os dedos do mãos-de-prata vibravam grosso, como se abrissem um caminho amplo, as mãos do pai vibravam em altura, falavam fino, e rápido, abrindo no coração um caminho fundo. Um rasgão na alma. Depois, os dois costumavam ser aplaudidos em conjunto. Um improviso que era só deles. Mas naquela noite, no Théâtre Poème, alguma coisa diferente se passava, pois o mãos-de-prata deu tempo ao pai, e eu senti que a vez do pai se prolongava para além do habitual, que o seu espaço de música se tinha isolado do concerto, e as suas mãos nuas, sobre a guitarra única e nua, enchiam a sala. Eu via de lado. Os dois violinos permaneciam imóveis, ambos com o arco descido, o mãos-de-prata imóvel, e até o violoncelista, sempre tão saliente, encontrava-se escondido atrás do braço do seu instrumento. Entre eles, sentado na cadeira baixa, o pai inclinava-se sobre a face vermelha da guitarra e tocava o terceiro andamento por inteiro, repetia-o, alongava-o. Naquela noite, o mãos-de-prata estava permitindo tudo isso. Depois, quando o mãos-de-prata reentrou, e ambos executaram unidos até ao fim, um largo e lasso, e o outro rápido e fundo, aconteceu que os dois terminaram em uníssono, e no entanto, ouviu-se na sala um coro de assobios e umas vozes bradaram *Sousah! Sousah!* Uma trovoada na sala. Um delírio dedicado ao pai. Seguiu-se outra vez a solista, e outra vez todos juntos, e eu já podia adormecer no canapé, debaixo do sobretudo. E entre esse momento em que adormeci e o momento em que acordei ao colo do pai, a entrar para o autocarro que levava a trupe dos oito para o hotel, não houve tempo, só havia o contraste entre o ruído que se tinha vivido e o silêncio branco que iria sobrevir depois.

Sim, a cidade de Bruxelas estava envolta num manto branco como se fosse desaparecer num deserto de gelo. Silêncio dentro do autocarro, silêncio no *hall* do hotel, de um grande hotel a meio duma praça onde a neve fazia seu amplo teatro de véus pálidos. A entrada iluminada. Entrámos, nós e os instrumentos. Como os outros, o pai devia estar cansado, e no entanto demorou muito tempo junto ao balcão. Já os seus companheiros, a assistente e o produtor, todos eles tinham recolhido, e ainda o pai falava com o empregado da recepção. Inclinava-se para ele, examinava papéis, fazia contas sobre o balcão, despediam-se. Eu tinha sido colocado de novo sobre um sofá, de novo sob o sobretudo do pai, de novo esperava, e adormecia mais uma vez no envolvente calor do *lobby*. Até que o pai se aproximou balouçando uma chave na sua mão. Então subimos ao quarto, mas ao fundo do corredor, não encontrámos um quarto e sim uma suíte. Dois quartos unidos por uma porta, tal qual como a babá dizia. Examinei, curioso. Finalmente, ali estava uma *suíte*, uma suíte era aquilo, com tudo o que um tal espaço implicava, segundo a previsão da babá. Não importava. Segundo o que a babá falava, quando houvesse suíte, eu iria ser colocado na cama pequena, e o pai e a loba ocupariam a cama grande. Orgia. Mas entre a previsão da babá e aquela realidade deveria haver uma diferença qualquer, pois como de propósito o pai estava a inverter os lugares previstos. Segundo as suas movimentações, tudo indicava que eu iria ficar na cama principal, a larga, a que tinha uma colcha de cetim com enormes cadilhos entrançados, e o pai iria ocupar a cama de entrada, a estreita, forrada de almofadas como se fosse para sentar. Nunca tínhamos ocupado

um espaço com tanto folho, tanto tecido dourado, tanta lâmpada retorcida. Fiquei a ver o pai a desembaraçar-se dos adereços luxuosos que enfeitavam a pequena cama, a partir do meu amplo lugar. E eu pensava que deveria haver uma forte razão para ocuparmos naquela noite uma suíte pela primeira vez, provavelmente alguma coisa que tivesse a ver com o nevão que se colava rente às janelas como se quisesse entrar. Quanto à inversão dos lugares, talvez esse facto constituísse só por si a chave de tudo, talvez o pai quisesse ficar perto da saída propositadamente para abrir a porta à orgia. Fechei os olhos sem comprimir as pálpebras, respirei fundo, ritmado, como havia ensaiado com a babá, e senti o pai afastar-se para ir ocupar o sofá da entrada. Nada de nada. Sabia que lá fora fazia frio e sob a luz dos candeeiros o mundo aparecia branco. Sabia que ali dentro fazia escuro, e no espaço amplo onde eu me deitava, o mundo permanecia quente. O resto seria um breve silêncio até adormecer. De novo, nada de nada. Só que pela manhã, ao acordar, eu tive a certeza de que durante o meu sono a orgia tinha visitado o pai.

Sim, tinha a certeza absoluta. Para além da porta do meio que o pai havia corrido, não havia ruído algum, mas de lá, precisamente daquela direção, evolava-se o halo dum perfume. Era preciso perguntar – Além do pai, alguém teria tomado banho no interior da nossa suíte? E que perfume seria aquele? De onde provinha, quem o teria trazido? Seria um perfume de maçã e limão, ou seria antes um cheiro a feno e carvão, palha e ranço, flor de fava esmagada? – Eu só pensava na babá. Se ela ali estivesse, ela poderia dizer-me se aquele seria ou não o perfume da orgia. Era-o por certo, claro que sim. E também seria preciso explicar à babá de quem emanava o perfume e qual o rosto da orgia. Fazia escuro, mas eu estava bem acordado, e eu poderia acender uma luz, abrir a mochila e começar a espalhar os meus carros-miniatura, fazer com eles a minha corrida de Le Mans sobre a nobre alcatifa que atapetava o suntuoso quarto, mas não conseguia. A curiosidade movia-me. Inexplicavelmente, eu pensava naqueles gritos da noite anterior, *Sousah!, Sousah!*, pensava no recinto luxuoso que nos envolvia, e aquele momento de silêncio pairando no ar surgia como uma realidade confusa, una e indivisível, semelhante à composição de um ovo onde tudo se encontra unido numa célula única, e no entanto, nesse turbilhão sem destrinça, já existe a raiz de toda a complexidade futura. Sim, eu precisava de levar a revelação à babá, eu não precisava de brincar com carrinhos. Eu sabia ver as horas. Ainda não eram sete da manhã. Muito cedo para o sono do pai, depois de uma noite de concerto. Talvez o pai estivesse a dormir, a orgia estivesse a dormir, e eu pudesse ir ver o que se passava sem os acordar. Cabelos, caspa, laivos brancos, nódoas na gola do *smoking*, perfumes cruzados, cheiro a feras das tocas, orgia. Eu tinha de saber.

Saltei para o chão sem ruído, caminhei descalço pelo grande quarto afora, e aproximei-me da porta de ligação. Com o coração tranquilo, pois já tinha decidido que iria até ao fim para ver o rosto do que se escondia, puxei a porta para o lado, ela cedeu, deslizou, eu levantei os olhos, e o pai, em pijama, sentado numa ponta daquele sofá, fumava a olhar para mim. Mas o pai não estava só. Dentro da cama de corpo estreito, havia um vulto. Uma lâmpada de baixa intensidade iluminava aquele canto da parede. O pai estava velho, mas o pai riu para mim. Embaraçado, começou por me censurar em voz baixa – “Por que não chamaste? Não bateste antes de entrar? Não te comportaste como um homem?” – Mas à medida que me censurava, o pai devia ter ido mudando de ideias já que me perguntou logo de seguida – “Queres vê-la?” E conduzindo-me pela mão, levou-me até àquele canto. Levantou uma ponta do lençol e mostrou-me quem dormia. Naquela cama pequena, era a minha mãe quem dormia. O pai colocou o dedo sobre os lábios e disse-me – “Ela mora em Amesterdão, sempre que passo por perto, encontramos-nos. Precisas de saber isso, és suficientemente crescido...”

E o pai voltou a sentar-se, a fumar, a mostrar-me as nódoas castanhas dos seus dedos, a rir para mim, a fazer sinais mudos para que não contasse a ninguém, muito menos à babá, até que ela se moveu, acordou da penumbra e apareceu inteira, recortada na parede do quarto.

Índice

[CAPA](#)
[Ficha Técnica](#)
[Lídia Jorge contista: a face menos visível de uma escritora maior Marlişe Vaz Bridi](#)
[MARIDO](#)
[A PROVA DOS PÁSSAROS](#)
[A INSTRUMENTALINA](#)
[O CONTO DO NADADOR](#)
[O BELO ADORMECIDO](#)
[AS TRÊS MULHERES SAGRADAS](#)
[PRAÇA DE LONDRES](#)
[BRANCA DE NEVE](#)
[PERFUME Homenagem tardia a Yilmaz Güney](#)